



PROFLETRAS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
DEPARTAMENTO DE LETRAS / CAMPUS CENTRAL / UERN
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

FRANCISCA DE LIMA MARTIM

**O LETRAMENTO LITERÁRIO EM TURMAS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
SUGESTÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA A UTILIZAÇÃO EFICIENTE DE
CRÔNICAS DE HUMOR DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO PARA O
INCREMENTO DA LEITURA**

MOSSORÓ

2024

FRANCISCA DE LIMA MARTIM

**O LETRAMENTO LITERÁRIO EM TURMAS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
SUGESTÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA A UTILIZAÇÃO EFICIENTE DE
CRÔNICAS DE HUMOR DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO PARA O
INCREMENTO DA LEITURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito final para obtenção do título de Mestre. Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva.

MOSSORÓ

2024

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M378I Martim, Francisca de Lima
O LETRAMENTO LITERÁRIO EM TURMAS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: SUGESTÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA A UTILIZAÇÃO EFICIENTE DE CRÔNICAS DE HUMOR DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO PARA O INCREMENTO DA LEITURA. / Francisca de Lima Martim. - Mossoró, 2024.
116p.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Mestrado Profissional em Letras. I. Medeiros da Silva, Marcos Vinícius. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

FRANCISCA DE LIMA MARTIM

**O LETRAMENTO LITERÁRIO EM TURMAS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
SUGESTÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA A UTILIZAÇÃO EFICIENTE DE
CRÔNICAS DE HUMOR DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO PARA O
INCREMENTO DA LEITURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: 30 de abril de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – URN

Prof. Dr. Stélio Torquato Lima (Membro Externo)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Gilson Chicon Alves (Membro Interno)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Dedico este trabalho a Deus, por Seu amor e providência; aos meus filhos, Isaac Rahel, Maria Clara e Erick Levid, por tudo e por tanto, pelo constante incentivo e encorajamento; aos meus pais, Lúcia Maria e José Martim, por me oportunizarem a educação; e ao meu esposo, Erinaldo, por todo o apoio dispensado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me presentear com força e coragem necessárias para concluir este trabalho, delineando os melhores passos a seguir, proporcionando as oportunidades e dispondo as pessoas certas em meu caminho. A Ele, toda honra e toda glória!

Aos meus filhos, Isaac Rahel, Maria Clara e Erick Levid, por todo companheirismo, amor, carinho e afeto. Com vocês, a vida é mais leve e feliz.

Aos meus pais, Lúcia Maria e José Martim, por terem dado o melhor nas condições que tinham. E por me incentivarem, desde sempre, a estudar.

Ao meu esposo, Erinaldo, pelo suporte quando precisei.

Aos colegas do Profletras, especialmente, Cleide Regina, Sirleide e Nilma, por todo apoio, companheirismo; e aos demais companheiros, Nildo, Leidiane, Sinara, Raquel e Taylana, minha gratidão.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva, por todas as suas orientações e contribuições imprescindíveis para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço por seus ensinamentos e por sua gentileza no trato pessoal. Sua ajuda foi crucial para que eu chegasse até aqui.

Quero agradecer à banca por todas as orientações na qualificação. José Roberto e Chicon, vocês são incríveis.

À coordenação, à secretaria e ao corpo docente do Profletras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – Campus Mossoró, pela constante e eficiente instrução.

Aos meus alunos, fontes de inspiração.

Aos meus amigos e companheiros de profissão, pelo incentivo e encorajamento em todos os momentos.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente. Sou só GRATIDÃO.

É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto.

Rildo Cosson

RESUMO

Esta dissertação de mestrado trata da importância da leitura para o desenvolvimento da competência leitora do aluno. Em nossa sociedade, a leitura possui alto valor, sendo fator relevante de inclusão e ascensão social. Nesse contexto, é imperativo oportunizar ao aluno o domínio da leitura e da escrita. Para isso, a sala de aula é o lugar ideal, desde que priorize práticas de atividades de leitura formativa. Entretanto, o desafio se manifesta diante da dificuldade do gosto pela leitura apresentado pelos estudantes. Propõe-se, então, utilizar crônicas de humor de Luís Fernando Veríssimo como estratégia para despertar o gosto pela leitura. A escolha da crônica se justifica por ser um gênero de fácil compreensão, sendo uma narrativa curta, com linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem jornalística e literária. Certamente um texto que facilita e estimula o interesse pelo ato de ler. Desse modo, o objetivo geral deste trabalho, se propõe a desenvolver o hábito e o prazer pela leitura utilizando crônicas de humor de Luís Fernando Veríssimo na sala de aula de língua materna dos anos finais do ensino fundamental, visando contribuir para a formação do leitor competente, aplicando a sequência básica sugerida por Cosson (2018), em uma turma de 9º ano, de uma escola da rede pública de ensino do município de Russas, no estado do Ceará. Almejamos que essa metodologia, a partir do uso da crônica de humor na sala de aula, una saber e deleite no ensino da literatura. Neste trabalho priorizou-se a pesquisa-ação, já que se consubstanciou em uma intervenção pedagógica, propondo atividades de leitura com a mediação docente num processo de interação entre professor e alunos, valendo-se de uma sequência didática com o objetivo de incentivar a leitura e a formação do leitor literário. Assim, pretendemos, de forma colaborativa e dialógica, executar um trabalho em que possamos contribuir com a resolução dos problemas observados em relação à pouca ação leitora por parte de estudantes e, dessa forma, minimizar e/ou atenuar os embaraços acarretados em razão dessa insuficiência. Fundamentamos a discussão sobre leitura em autores como, por exemplo, Lajolo (1996), Soares (2000), Cosson (2018), Kleiman (2016). As questões concernentes ao letramento literário respaldamo-nos em Cosson (2018), entre outros. Após as discussões, verificamos que a crônica de humor se confirma como um excelente recurso pedagógico para o trabalho de formação de leitores competentes, como também para introdução do aluno no universo literário.

Palavras-chave: Leitura; Letramento literário; Crônicas;

ABSTRACT

This master's dissertation addresses the importance of reading for the development of students' reading competence. In our society, reading has such a high value, being a significant factor for social inclusion and upward mobility. In this context, it is important to provide students with mastery of reading and writing skills. Therefore, the classroom is the ideal place, as long as prioritizes practices of formative reading activities. However, the challenge arises due to the students' difficulty in enjoying reading. It is proposed, then, to use humorous chronicles by Luís Fernando Veríssimo as a strategy to cultivate a liking for reading. The choice of the chronicle is justified by being a genre of easy comprehension, with short narratives and simple, spontaneous language, situated between journalistic and literary language. Certainly, a text that facilitates and stimulates interest in reading. Thus, the general objective of this work is to develop the habit and pleasure of reading using Luís Fernando Veríssimo's humorous chronicles in the native language classroom of the final years of elementary school, aiming to contribute to the formation of competent readers, applying the basic sequence suggested by Cosson (2018) in a 9th-grade class at a public school in the city of Russas, in the state of Ceará. We aim for this methodology, through the use of humorous chronicles in the classroom, to unite knowledge and delight in the teaching of literature. In this work, action research was prioritized, as it materialized into a pedagogical intervention, proposing reading activities with teacher mediation in a process of interaction between teacher and students, using a didactic sequence with the objective of encouraging reading and the formation of literary readers. Thus, we intend, collaboratively and dialogically, to carry out work in which we can contribute to the resolution of the problems observed regarding the students' limited reading action and, thus, minimize and/or attenuate the difficulties resulting from this insufficiency. We grounded the discussion on reading in authors such as Lajolo (1996), Soares (2000), Cosson (2018), Kleiman (2016). The issues concerning literary literacy are supported by Cosson (2018), among others. After the discussions, we verified that the humorous chronicle confirms itself as an excellent pedagogical resource for the work of forming competent readers, as well as for introducing students to the literary universe.

Keywords: Reading; Literary literacy; Chronicles.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ENSINO DE LEITURA NOS ANOS FINAIS	20
2.1 Letramento: abordagem sucinta a cerca do termo	26
2.2 A relevância do letramento literário	28
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS	46
3.1 Uma palavrinha sobre o gênero crônica.....	50
3.1.1 Refletindo sobre a contribuição das crônicas no espaço da sala de aula	55
3.2 Veríssimo: superlativo até no nome	60
4 O TRABALHO COM AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA	63
5 A IMPORTÂNCIA DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	67
5.1 As sequências didáticas: causas e efeitos	67
5.2 A sequência básica de Cosson.....	69
5.3 Cronograma da sequência básica de Cosson.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	105

1 INTRODUÇÃO

Despertar o gosto pela leitura nos alunos, tem sido o grande desafio dos professores de Língua Portuguesa. As adversidades são infindáveis, desde falta de estrutura física e material literário nas bibliotecas, formação dos docentes, falta de interesse dos estudantes, dentre outros. Frequentemente, nos deparamos, em nossa sala de aula, com alunos que reagem com má vontade diante da proposta de leitura de um texto. Alegam que o texto é longo, que não conseguem ou não querem realizar a leitura. Estes não reconhecem a leitura como uma atividade relevante para aquisição de conhecimento, tampouco como fonte de deleite e prazer.

O que ocorre é que o texto não é visto pelos alunos como um elemento comunicativo. Há uma descaracterização do texto, uma vez que o aluno não sabe por que leu, desconhece quem escreveu, não tem ideia da finalidade da leitura e não percebe sua importância como coautor do texto, ou seja, a interação autor-texto-leitor inexistente, e esta relação é imprescindível para o entendimento da mensagem.

Dessa forma, não se deve conceber a leitura como um processo de decodificação, pois envolve-se muito mais do que apenas aspectos de decodificação do escrito. Ela propicia ao leitor o contato com o seu significado seguindo seu conhecimento de mundo, possibilitando assim afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação diversificadas, na interação com o texto. O leitor, ao realizar o processo de forma ativa, torna a leitura enriquecedora o que contribuirá efetivamente com seu saber, e com o que se propõe fazer. De acordo com Aguiar (1996),

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticas (como narrativas e poemas) (Aguiar, 1996).

A leitura também se apresenta como uma prática social, pela qual o sujeito, ao exercitar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos, e esta tornar-se-á algo inscrito na dimensão simbólica das atividades humanas. Sendo

assim, falar em atividades humanas aqui tratar de uma linguagem, do recurso pelo qual o homem adentra o universo da cultura, configurando-se com um ser culto, racional e pensante.

Hodiernamente, muito se tem falado, pesquisado e escrito, sobre leitura. Para muitos pesquisadores, a leitura é diretamente responsável pela formação integral do indivíduo, levando-o a enxergar a sociedade, o seu dia a dia, de uma maneira crítica e consciente. Para Paulo Freire, a leitura do mundo é fundamental para que se entenda a leitura dos livros. “A compreensão crítica do ato de ler se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da leitura daquele” (Freire, 2011, p. 19-20).

A leitura precisa ser um processo que dialogue com a realidade, e que possa ser vista e compreendida como ato criador, conscientizando e letrando ao mesmo tempo. Tal processo não é restrito nem ao indivíduo e à realidade local, uma vez que ao ler, o indivíduo se apropria e interage com o meio, com a sua realidade, isso o possibilita e o torna capaz de analisar problemas regionais, nacionais e do mundo global, cada vez mais sem fronteiras.

Também é possível destacar que a leitura e a escrita são vistas como promotoras do desenvolvimento de uma série de capacidades cognitivas: aprendizagens dos conteúdos programáticos, assim para servir de base que o aluno avance em qualquer área do conhecimento. Nesse sentido, a leitura propicia uma ampliação da própria subjetividade, permitindo tanto o desenvolvimento intelectual quanto a inserção social mais qualificada, e levando-se em conta que o Brasil se apresenta como um país com baixo índice de leitores, e que tal fator é uma poderosa arma da desigualdade, da condição alienante das massas populares, diante disso, é necessário oportunizar aos educandos uma educação voltada para o letramento, priorizando sua condição de sujeito conhecedor da realidade, protagonista da sua própria história, um cidadão crítico, capaz de reconhecer a realidade que o circunda, agir sobre esta propiciando melhores condições a si mesmo e aos demais membros desta comunidade. Conforme observa Lajolo,

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham um

papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere. (Lajolo, 1996 p. 28)

Posto este cenário, no tocante ao desinteresse dos alunos perante à leitura e uma série de fatores que vão de encontro ao processo de letramento e, acima de tudo, reconhecendo-se a importância do ato de ler como ferramenta para consciência crítica, se faz necessária uma reflexão sobre estratégias leitoras, as quais possam despertar nos aprendizes o hábito e o prazer pela leitura. Partindo dessa premissa, a presente pesquisa se propõe a trabalhar com o gênero crônica, mais especificamente, com textos de Luís Fernando Veríssimo, como ferramenta que possa auxiliar no desenvolvimento da competência leitora dos alunos, assim como fomentar nestes jovens, o gosto e o prazer de ler.

O aluno é capaz de ler qualquer tipo de texto, escrito em qualquer época, desde que seja preparado para isto, quando o aluno consegue dialogar com o texto, ele se mostra apto para a leitura, como afirma Zilberman (1989, p. 33), “A possibilidade de uma obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém, como as leituras diferem a cada época, a obra mostra-se mutável contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo”

Contudo, observa-se que o gênero crônico vem ganhando espaço nas salas de aula, por ser um texto curto e de fácil compreensão, sua linguagem por vezes simples e descontraída, conquista os leitores, e aliado ao tom apresentado, seja ele: de humor crítico, irônico e sarcástico, como é o caso das crônicas de Luís Fernando Veríssimo, autor cujos textos servirão para o desenvolvimento deste trabalho. Logo, nesta pesquisa, pretende despertar nos alunos o interesse pela leitura, fazendo vê-los quão relevante é tal atividade, no tocante aos avanços inerentes ao processo de construção de conhecimento.

No contexto supracitado, a crônica literária, por suas características de formato flexível, modos de dizer muito próximo à fala coletiva, por manter uma relação muito próxima entre autor e leitor, ou seja, o cronista, praticamente dialoga com seu leitor, é que esse gênero textual tem conquistado destaque nas aulas de Língua Materna, e por se mostrar convidativa à leitura, o mesmo se constituirá

como forte estímulo para práticas frequentes de letramento dos alunos. Para Silveira (2009, p. 238), “[...] se o professor fizer uma boa seleção de crônicas, ele poderá despertar no aluno o tão desejado prazer do texto. ”

Dessa forma, a proposição surgida, perante essa necessidade de mostrar que a leitura não precisa ser algo imposto ou tratado como tortura para os alunos, e que o texto enfadonho pode afastar cada vez mais o estudante do hábito da leitura, foi propiciar o contato do aluno com o gênero crônica, realizar diversas estratégias de leitura, como a sequência básica proposta por Cosson(2018), sempre com foco em questões críticas da realidade, buscando despertar no educando um olhar diferente em relação ao ato de ler, assim como para a realidade que o cerca. Segundo Brasil (2003, p.116), “A escola tem tido dificuldades para tornar os conteúdos escolares interessantes pelo seu significado intrínseco. É necessário que o currículo seja planejado e desenvolvido de modo que os alunos possam sentir prazer na leitura de um livro. ”

As escolhas feitas pelo professor podem ser significativas para o encaminhamento leitor dos estudantes, estas, tanto podem inseri-lo no universo da leitura, e dali em diante os alunos tornarem-se efetivos leitores ou afastá-los de uma vez dos livros.

Ter a leitura como um hábito é um fator primordial para quem procura compreender o mundo ao seu redor e atuar sobre este. Gostar de ler, tê-la como prática diária, seja por deleite ou entretenimento, ou ainda como busca pela informação, pelo conhecimento, é primordial em nossa vida. Despertar essa consciência, da importância da leitura nos nossos educandos, é uma tarefa árdua, contudo, se faz mais que necessário, propiciar métodos eficazes nesse propósito. Diante do exposto, esta pesquisa se propõe a levantar essa bandeira e indaga; que estratégias serão necessários para despertar, nos alunos, o gosto pela leitura?

A relevância que é o letramento na vida acadêmica dos estudantes, pois os benefícios são muitos e, vão além da mera informação, pois perpassam as barreiras da instrução, sendo enriquecedor na formação social e fator decisivo no processo de interação dos educandos, visto que, conforme explicita Orlandini,

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação. (Orlandini 2005, pág. 19)

Perante o exposto, torna-se evidente o papel da leitura na caminhada escolar do aluno, em contrapartida, observamos as lacunas deixadas pela falta do hábito da leitura, fator esse que vem afetando diretamente o aprendizado dos estudantes, o despertar da consciência crítica, a dificuldade em se expressar diante de determinados contextos, é que esta pesquisa se apresenta como proposta de intervenção nesse problema que é o desinteresse pelo ato de ler.

Diante deste contexto, esta pesquisa fundamenta-se com a finalidade de procurar uma maneira de propiciar momentos diferentes de atividades leitoras, para isso, usaremos a sequência básica de Rildo Cosson (2018), objetivando encontrar subsídios para atrair a atenção dos jovens para a leitura, com práticas pedagógicas diferenciadas.

Além disso, para os professores de Língua Portuguesa, entende-se que a leitura como processo, como algo que tem sua valia comprovada pelos fatos, pois quem lê, adquire a capacidade de melhor expressar-se, de exercer a função social dos textos que é a comunicação, pois esse passo se torna ainda bastante difícil de ser efetivado, haja vista que, no contexto educacional, as aulas de leitura ainda são planejadas com intuito de verificar se o aluno aprendeu as normas gramaticais ou em testes de interpretação e compreensão de texto. Assim, é fundamental ler para aprender a ler, o papel do professor é planejar situações de leitura variadas que desenvolvem capacidades leitoras nos estudantes. Conforme exposto por Brasil (2002),

Essa consciência por parte do professor é fundamental para que ele, ao mesmo tempo, diversifique as finalidades de leitura para aproximar os alunos das diferentes esferas sociais de interlocução e proponha atividades que ajudem a desenvolver as estratégias de leitura, necessárias ao próprio processo de escolarização e de acesso aos textos diversos. (Brasil, 2002, p. 52)

Consequente a isso, a relevância que tem a leitura na vida dos estudantes e dos indivíduos de modo geral, e que somente um trabalho focado em metodologias e estratégias que possam atingir aos jovens e, fazer com que estes, despertem para a importância e legitimidade que é ler; Assim, a proposta desta pesquisa é trabalhar com o gênero crônica, por apresentar-se como um gênero literário, dinâmico, reflexivo e crítico, proporcionando uma atenção maior sobre o cotidiano,

sobre dia a dia dos discentes e se aproximar muito da realidade dos alunos, pela leveza que possui sua linguagem.

Além disso, tal gênero textual consegue unir a oralidade e coloquialidade, se caracterizando por meio da facilidade de identificar elementos da coletividade e individuais, os quais fazem parte da vida do discente, por isso, tais fatos por se mostrarem bem reais e semelhantes ao que ocorre na realidade, chegam a se tornar objeto de reflexão, de bom humor ou até mesmo de crítica. Tais elementos podem servir de motivação para a efetivação do texto como primordial no querer lê dos alunos.

Conhecendo todo este cenário, se faz necessário que a escola procure fazer um resgate do valor da leitura, como ato de prazer e requisito para emancipação social e promoção da cidadania. A leitura nunca se fez tão necessária nos bancos escolares. De um lado, percebe-se o aumento nas fontes de pesquisa, o avanço das tecnologias, a internet, como ferramenta de propagação de conhecimento e uma crescente preferência pelo construtivismo.

Durante esse processo, os professores têm um papel indispensável, pois eles são os agentes facilitadores que irão incentivar e guiar a criança ao longo da vida escolar, pois nos PCNs (Brasil, 1997, p. 43) vemos que

Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, exige uma modalidade de leitura.

De outro lado, vemos a grande dificuldade de nossos alunos em compreender a importância que é o hábito da leitura, quer dizer, os estudantes não conseguem ver que por meio do ato de ler, o ser humano consegue se transportar para o desconhecido, explorá-lo, decifrar os sentimentos e emoções que o cercam e acrescentar vida, ao sabor da existência. Poderá então, vivenciar experiências que propiciem e solidifiquem os conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem. Não se pode restringir somente aos tipos de texto que o professor pede, para formar leitores é preciso trabalhar com a diversidade textual. Logo, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997, p. 42) é indispensável,

Portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Neste sentido, é dever nosso, propiciar aos educandos, momentos que possam despertar neles o gosto pela leitura, o amor ao livro, a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler. Com isso, o aluno deve perceber que a leitura é o instrumento chave para alcançar as competências necessárias a uma vida de qualidade, produtiva e com realização. Desta forma, sabe-se que, do hábito de leitura dependem outros elos no processo de educação.

Sem ler, o aluno não sabe pesquisar, resumir, resgatar a ideia principal do texto, analisar, criticar, julgar, posicionar-se. Daí a certeza que esta pesquisa se firmará no propósito de conscientizar o aluno no caminho de ter o domínio sobre a língua oral e escrita, tendo em vista sua autonomia e participação social. Assim, estimulando a leitura, será realizada com que os alunos, compreendam melhor o que estão aprendendo na escola, e o que acontece no mundo em geral, entregando a eles um horizonte totalmente novo.

Dessa forma, compreende-se que uma das formas de melhorar a visão sobre os acontecimentos ao nosso redor, analisar de forma crítica, com um olhar voltado para mudanças, se dará através de letramentos, ou seja, deveria fazer com que os alunos adquiram o hábito da leitura, que a realizem compreendendo e interagindo com o texto, lendo textos que lhes façam sentido, que estes dialoguem com a realidade, com o contexto no qual estão inseridos, para que dessa maneira, esses indivíduos sejam capazes de atuar efetivamente neste cenário. Por conseguinte, essa pesquisa se ampara no desejo de fomentar nos educandos a satisfação pelo ato da leitura, no aprazimento do contato com o livro, no entusiasmo em não apenas decodificar palavras, mas, compreender seus sentidos, entendê-las, senti-las como poderosas armas a seu dispor, no propósito de transformar realidades.

Neste sentido, a dissertação de mestrado tem como objetivo geral: Desenvolver o hábito e o prazer pela leitura utilizando as crônicas de humor de Luís Fernando Veríssimo, na sala de aula de língua materna dos anos finais como ferramenta de incentivo. E, como objetivos específicos: Verificar o interesse dos

alunos pelo gênero crônica; inserir as crônicas de Luís Fernando Veríssimo, na sala de aula, a fim de despertar o prazer pela leitura a partir de textos que se aproximam da faixa etária e da realidade social dos alunos e proporcionar resultados positivos na leitura, através da aplicação de estratégias de leitura.

Com base nos objetivos mencionados, serão desenvolvidas algumas questões de pesquisa que podem ser exploradas nesta dissertação de mestrado:

Qual é o nível de interesse dos alunos pelo gênero crônica em comparação com outros gêneros literários e como esse interesse pode ser estimulado e mantido ao longo do tempo?

De que forma as crônicas de Luís Fernando Veríssimo se aproximam da faixa etária e da realidade social dos alunos, e como essa proximidade contribui para despertar o prazer pela leitura? Ou seja, como a utilização das crônicas de Luís Fernando Veríssimo como ferramenta de incentivo, pode influenciar o desenvolvimento do hábito de leitura dos alunos a longo prazo?

Quais são os resultados positivos observados na leitura dos alunos após a inserção das crônicas de Luís Fernando Veríssimo em sala de aula, e como esses resultados podem ser avaliados e mensurados?

Quais são as percepções e opiniões dos alunos em relação ao uso das crônicas de Luís Fernando Veríssimo como recurso de leitura na sala de aula, e como essas percepções podem ser consideradas no processo de ensino-aprendizagem?

Essas questões de pesquisa fornecem direções para investigar a eficácia das crônicas de Luís Fernando Veríssimo como ferramenta de incentivo à leitura, considerando as características do gênero crônica, o interesse dos alunos, a adequação dos textos à faixa etária e realidade social, as estratégias de leitura utilizadas, os resultados alcançados e os desafios enfrentados pelos professores.

O procedimento metodológico da investigação deste trabalho foi uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa, pois se propõe a aplicar uma intervenção a partir da situação-problema observada no espaço da pesquisa, numa turma de 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública localizada no município de Russas.

A intervenção contemplará como textos para estudos, crônicas de Luís Fernando Verissimo, por seu caráter crítico e irônico, porém, com uma pitada de

humor, um tom descontraído. Trata-se de um texto enriquecedor por refletir bem a heterogeneidade discursiva na construção do texto literário, tendo em suas construções as vivências do cotidiano, cenas da vida diária, comum, compondo um espaço para a análise da interdiscursividade, a partir dos diálogos que são realizados pelos personagens, cada qual evidenciando as marcas das posições sociais e ideológicas que os constituem.

A pesquisa fundamentar-se-á numa análise sobre a importância da leitura, em que são feitos alguns apontamentos sobre a relevância do ato de ler para o desenvolvimento da criticidade dos estudantes, assim como para uma tomada de ciência do mundo que o cerca.

O trabalho estruturar-se-á em três partes, enumeradas a partir da introdução. O capítulo 2, aportes teóricos, encontra-se subdividido em três partes, nas quais abordaremos a importância do ato da leitura, uma sucinta abordagem acerca do termo letramento literário e sua importância no cenário educacional.

O capítulo 3, apontamos sobre os gêneros textuais, uma breve caracterização do gênero crônica, bem como, uma sucinta biografia sobre o ilustre autor, cronista, Luís Fernando Veríssimo.

No capítulo 4, trouxemos considerações sobre as sequências básicas, causas e efeitos e discorremos sobre a sequência básica de Cosson (2018).

No capítulo 5, aportes metodológicos, serão apresentados o tipo de pesquisa, bem como seu espaço, sujeitos, instrumentos e procedimentos realizados para a construção deste trabalho.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, as referências bibliográficas da pesquisa, além dos anexos.

2 ENSINO DE LEITURA NOS ANOS FINAIS

Os anos finais do Ensino Fundamental se caracterizam por uma maior autonomia dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, pois estes passam a interagir com diversas e variadas situações comunicativas em que necessitam exercitar a criticidade e atuar como sujeitos de sua própria história. Tem-se agora um professor para cada componente curricular, e isso favorece não só a ampliação do conhecimento, mas também os desafios em relação a estas novas áreas. Dessa forma, em Língua Portuguesa, o universo dos gêneros textuais é ampliado, os alunos passam a aprofundar-se um pouco mais com novos textos, melhorando assim seu repertório comunicativo e ampliando seus conhecimentos.

No que diz respeito à leitura, a BNCC destaca a importância do leitor crítico, capaz de refletir sobre o texto lido e promover a mudança necessária à situação. Com isso, este leitor no contato com o texto, realiza um processo de leitura consciente, servindo-se do que leu para uma humanização em seu cotidiano. Figura nesse contexto, o papel da literatura como objeto de denúncia, de crítica da realidade. E, não alheio a esta função utilitária da arte e, conseqüentemente, da literatura, o leitor atento à essa função, desempenha também o seu, garantindo e possibilitando as mudanças necessárias, induzidas pelo texto, cuja temática o levou à reflexão sobre uma realidade.

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação... (BNCC, Linguagens, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental, p 138).

O estudante, em seu contato com a leitura, deve sentir-se competente para agir conscientemente diante de sua realidade. Diante disso, ele precisa perceber que o que acontece ao seu redor não é natural, mas sim produto de uma sociedade injusta, cujas leis são empregadas apenas a favor dos privilegiados. Aproveitando-se da massa iletrada, que desconhece seus direitos, os poderosos enganam e alienam esses sujeitos, fazendo-os acreditar que são livres, quando na verdade apenas obedecem de forma inconsciente aos dominantes. Contudo, essa situação

precisa ser mudada, e é através do conhecimento, do esclarecimento e do letramento que os jovens podem perceber o valor da leitura como fonte de informação e como uma ferramenta que os faz refletir criticamente. Assim, eles se tornam agentes de suas próprias vidas e destinos.

Não se trata apenas de uma leitura engajada, mas de um processo maior de conscientização do poder que a literatura possui. É ser capaz de se reconhecer em um texto e fazer reflexões sobre um possível processo de transformação. É analisar quão mensurável é o que foi lido e utilizar a leitura como uma prática assertiva de mudanças.

O eixo de leitura contemplado pela BNCC abrange as práticas de linguagem em textos escritos, orais, multissemióticos e sua interpretação, levando em conta a interação participativa e ativa do leitor-ouvinte-espectador com o texto em questão. Logo, a leitura deve estar a serviço das mais variadas atividades, conforme cita a BNCC:

fruição estética de textos e obra mais literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (Brasil, BNCC, 2017, p. 69)

Isso implica dizer que o papel da leitura é fundamental nas ações cotidianas dos educandos, uma vez que estes, atuam nas diversas esferas da sociedade e precisam ser capazes de se portar perante os mais variados contextos de atuação, impondo-se, debatendo, persuadindo, comunicando, reivindicando, pesquisando etc. Portanto, é imprescindível esse reconhecimento, de que só pode atuar em alguma situação se houver conhecimento, se souber operar no seu contexto.

E a leitura é grande aliada nesse sentido, pois através dela, o sujeito toma ciência do que ocorre nas diversas camadas da sociedade, uma vez conhecida a realidade, é necessário saber o que fazer, isso implica dizer mais uma vez da relevância que é a pesquisa, a busca pelo conhecimento que se dá, óbvio, através da leitura.

Ainda de acordo com a BNCC, as habilidades leitoras são colocadas de forma contextualizada através de textos que circulam em esferas e campos de atividades humanas, portanto, fazem parte do cotidiano de nossos estudantes. Os

textos precisam fazer sentido para os alunos, tais leituras devem promover engajamento com o que propõem, contribuïrem para a formaçãõ de um leitor crítico e reflexivo, capaz de ser atuante em seu dia a dia, propondo mudanças significativas em sua realidade.

Partindo desse pressuposto, muitos pesquisadores têm se empenhado na tarefa de propor estratégias leitoras que possam contribuir com o processo de ampliar, tanto o gosto pela leitura, como novas propostas para ressignificá-la, fazendo com que esta faça sentido na vida dos alunos e não seja apenas uma mera tarefa da escola, muitas vezes com o propósito de ensinar compreensão e interpretação textual, e ainda, de forma mais grave, quando a leitura é imposta como castigo para um ato de indisciplina do aluno. Diante disso, sobre o prazer na leitura, (Lajolo, 2000, p.108) defende que, “A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga a toda uma classe à leitura de um mesmo livro.”

O aluno deve ler o que lhe chama atenção, o que faz sentido para o seu dia a dia, contudo, nas aulas de leitura, o professor precisa inserir novos textos para que o aluno amplie seu repertório. Outro fator que se considera de grande relevância, é a análise que se faz dos textos que levamos para sala de aula. Estes, devem ser vistos como um todo, e não em recortes como pretexto para alguma classificação gramatical ou sintática.

Reforça-se a relevância que tem cada eixo de leitura no processo de formação do leitor. Cada estratégia tem seu poder de sedução nessa conquista do leitor assíduo, desde a escolha do texto, seu tema, seu propósito comunicativo, assim como o trabalho, ou seja, a análise que vai ser feita com o texto.

Essa questão é destacada por Lajolo (1984), como um fator fundamental envolvendo a leitura, o fato de não usar o texto de forma como pretexto, em fragmentações, a exemplos de frases desconexas para verificar a classe gramatical daquelas palavras que compõem excerto destacado, quer dizer, ver o texto apenas em razão de uma análise de aspectos gramaticais, para passar numa prova ou ensinar uma norma. Nesse sentido, o propósito do texto se perde. Consequente a isso, as produções textuais devem cumprir um objetivo comunicativo, antes de

tudo, e passar uma informação, assim como serem lidas como fonte de prazer, de entretenimento, de formação, de transformação e não com um fim utilitário.

Irlandé Antunes também faz observações sobre tal questão do uso do texto como pretexto, ela sugere que não se faça os tão empregados recortes, quer dizer, devemos usar texto como principal objeto de estudo e não o monopolizar em frases soltas a favor da gramática em frases desconexas, objetivando analisar um ou outro aspecto fonológico, semântico ou sintático. Antunes (2013, p. 193) define a importância da escola como motivadora da leitura para os alunos:

Em primeiro lugar, a leitura deve preencher os objetivos prioritários da escola porque nos permite o acesso ao imenso acervo cultural constituído ao longo da história dos povos e possibilita, assim, a ampliação de nossos repertórios de informação, (...) pela leitura, temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo. Ou seja, pela leitura promovemos nossa entrada nesse grande e ininterrupto diálogo empreendido pelo homem, agora e desde que o mundo é mundo. A leitura expressa, dessa forma, o respeito ao princípio democrático de que todos têm direito à informação, ao acesso aos bens culturais já produzidos, aos bens culturais em vias de produção ou simplesmente previstos, nas sociedades, sejam elas letradas ou não. (Antunes, 2013, p. 193)

É papel da escola optar por oferecer em seus ambientes de aprendizado, situações reais ou imaginárias de leituras que reforcem a importância da cidadania e de uma participação efetiva nesse sentido. A leitura adequada oferece condições de se adequar às situações satisfazendo necessidades pessoais ou de uma comunidade. Com isso, essa participação reflete em uma participação crítica e real na sociedade. (Brasil, 1997)

As afirmativas citadas convergem para o fato de que é na escola que alunos, sejam eles crianças, jovens ou adultos devem ou deveriam ter como direito fundamental, o acesso irrestrito à leitura e, conseqüentemente, a meios e métodos para que tal fato aconteça. Entretanto, é preciso discutir de que forma essa introdução deve acontecer ou quais os caminhos que levem a prática da leitura efetiva e prazerosa.

Reconhece-se, portanto, que propiciar condições adequadas, nas escolas, para que os alunos tenham a sua disposição locais que favoreçam momentos de

leitura, é uma boa iniciativa. Vale salientar ainda, que cabe à escola também, a tarefa de não somente oportunizar momentos de leitura, porém, a partir da observação da sua clientela, determinar de que maneira isso deve ser feito, seja na intensidade das leituras ou nas variações possíveis para esse momento, de forma a atingir os mais variados níveis de letramento.

Segundo Antunes (2013, p. 189), é importante que a escola reconheça que seus alunos já possuem conhecimentos prévios e a ela cabe o desenvolvimento dessas competências: “[...] Logo, a função da escola consiste, exatamente, em procurar ampliar essas competências, desenvolvê-las ainda mais, juntá-las a outras que não foram conseguidas”. Dessa forma, oportunizará ao sujeito dentro do âmbito escolar a exploração de suas próprias habilidades e o desenvolvimento de suas competências, provavelmente, terá muito mais sucesso na escola e posteriormente, em sua vivência pessoal.

O papel do professor também é fundamental no processo de incentivo à leitura. Neste contexto, sua atuação, enquanto orientador, mediador e incentivador nos procedimentos de leitura se torna essencial e fundamental nas aulas de leitura. Mais uma vez, recorrendo a Marisa Lajolo, citada por Buzzo (2003, p.12):

(...) outros alunos, por não terem hábito pela leitura, infelizmente a maioria, só leem obrigados. Outros ainda, a minoria, não leem nem obrigados (...);
 (...) muitos não leem com a desculpa de que não têm tempo, sendo que para assistir TV sempre dispõem de tempo (...);
 (...) o nosso estudante só faz determinada atividade se exigida e bem estimulada. Do contrário, se entregam à preguiça de ler. Mesmo porque eles acham cansativo ter de ficar parados a ler, muitas vezes histórias que estejam agradando (...) (Buzzo, 2003, p.12)

Segundo Isabel Solé (1998), o sujeito precisa ler, tendo em vista um objetivo na interatividade com o texto, realizar leituras que lhe despertem interesse, tal atividade, pode ser até mesmo para conhecimento pessoal, como a simples leitura de um jornal, de um documentário, leitura de lazer, entre outras, contudo, que sejam direcionadas ao desejo do leitor. Desta forma, a visão ou interpretação de mundo, da realidade vivida, depende muito das leituras feitas durante nossa formação. As expectativas do leitor em relação ao texto, seus conhecimentos prévios, são determinantes para que a leitura seja proveitosa. Por isso, os objetivos são muito importantes ao ensinar a criança a ler e compreender. Nessa perspectiva interativa, Solé (1998, p. 23) explica que:

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nessa compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem. (Solé, 1998, p. 23)

Vista dessa forma, a leitura como um processo, entende-se que, para que exista a formação de um bom leitor, são necessárias as etapas, os objetivos e as metodologias para que chegue à meta final. Na compreensão do que se leu encontra-se possivelmente a “chave” para o sucesso da empreitada que é a formação do leitor, ou melhor, do bom leitor. Porque é compreendendo e vendo sentido nas leituras feitas, que o aluno ou o indivíduo se realiza. Este se reconhece como sujeito, como parte do texto, quando aquela leitura envolve experiências que ele já vivenciou, que já faz parte de sua bagagem. Contudo, a inserção de novas e mais complexas leituras, também são importantes, tal fator ocorrerá naturalmente, com o decorrer do tempo, pois o próprio estudante sentirá a necessidade de ir mais além.

Formar um leitor não é uma tarefa fácil, conforme já mencionado, são muitas as implicações: condições de gosto, instrução, meios, direcionamentos etc. Nos últimos anos, o livro, o texto, se tornaram mais acessíveis ao público em geral, porém, essa facilidade de acesso não garante a sua leitura e tão pouco a proficiência do leitor. Além disso, com a distribuição de material didático e literários nas escolas, também não significam a superação dos velhos problemas relacionados à leitura. Em grande parte, a escola é sim culpada por esse desinteresse pela leitura, ela é uma ação posta como obrigatória, e não é levada em conta o gosto do estudante, pois suas expectativas perante o texto não levadas em conta, não há um envolvimento do aluno no texto, ele não se encontra naquela leitura, não se espelha, não lhes faz sentido, não é do seu contexto, ele apenas executa uma tarefa ordenada pelo professor.

Portanto, os gargalos relativos aos processos de formação de leitores no Brasil, persistem como nós e entraves e uma saída para a superação não é tão simples, pois tais nós, parecem e são bem mais amplos e diversos, como os já citados, aliados a muitos outros, desde políticas públicas de incentivo à leitura,

qualificação dos docentes até infraestrutura que possibilite a disponibilidade em bibliotecas e espaços de salas de leitura.

A lista de entraves é grande, contudo, podemos sintetizá-la em cinco grandes eixos: formação de professores e sua qualificação para mediação da leitura; práticas de mediação de leitura; acervo bibliográfico; recursos tecnológicos/leitura *online* e novos letramentos decorrentes de novas materialidades de escrita e leitura.

Que há uma luz no fim do túnel, sabemos que sim, contudo os interesses de pôr em prática é que não são tão evidentes, principalmente, por parte dos governantes através de investimento que solucionassem tais problemas.

2.1 Letramento: abordagem sucinta acerca do termo

As discussões a respeito do termo letramento se fazem presentes, nos meios educacionais, há alguns anos. Contudo, há recorrentes desencontros no tocante à significação desse conceito. Diante disso, faz-se necessário esclarecer, nesta pesquisa, o que se entende por letramento. Por ser um termo recentemente introduzido na Língua Portuguesa, e seu emprego e uso começou a fazer parte dos meios acadêmicos com a finalidade de separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre alfabetização. Essa palavra se torna mais frequente, a partir dos anos de 1980, em discursos escritos e falados de especialistas das áreas da Educação e das Ciências Linguísticas, com a proposta de discutir a diferença entre letrar e alfabetizar.

Consoante Soares (2009), a palavra letramento é uma tradução para o português do termo inglês *literacy* (“condição de ser letrado”), ou *literate*, adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita. Partindo desse pressuposto, entende-se por letramento o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, ou seja, o estado ou a condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita. Para Ângela Kleiman, letramento é

[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de

fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (Kleiman, 1995, p. 19).

Como prática social, compreendemos que o letramento se define por ser uma habilidade não apenas de decodificação e sim, uma atividade reflexiva a respeito do que foi lido, isto é, a habilidade de saber ler e escrever de acordo com o contexto das práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, as quais se pautam na linguagem como produto cultural e social.

Dentro desse contexto, a seguir o termo letramento literário e suas contribuições serão esclarecidos diante das mais variadas leituras realizadas na escola.

O letramento literário se refere ao conhecimento e habilidades que uma pessoa possui em relação à literatura, compreendendo não apenas a capacidade de ler e interpretar textos, mas também entender e apreciar o valor estético e literário das obras. Envolve desde o conhecimento de gêneros literários e técnicas de escrita até a capacidade de entender a relação entre a obra literária e o contexto cultural e histórico em que foi produzida. Isso inclui também a capacidade de identificar elementos literários como o uso de figuras de linguagem, a estrutura narrativa e a construção de personagens, além da capacidade de analisar e interpretar textos literários.

Desenvolver o letramento literário nos alunos é fundamental para a apropriação do senso crítico e para a formação de uma cultura literária, além de contribuir para a formação de indivíduos com capacidade de comunicação, expressão e interpretação eficientes. Isso porque, segundo o autor Rildo Cosson, letramento literário refere-se à capacidade de interpretar e compreender textos literários, de forma crítica e reflexiva, e de produzi-los com qualidade estética. Essa habilidade envolve não apenas o domínio da língua portuguesa, mas o conhecimento dos gêneros literários, dos recursos linguísticos e estilísticos utilizados pelos autores, das características históricas e culturais que influenciaram a produção literária, entre outros elementos, ou seja, o letramento literário é uma competência importante para o desenvolvimento integral do indivíduo, pois permite que ele tenha acesso à diversidade cultural, amplie sua visão de mundo, desenvolva sua criatividade e sua capacidade de expressão.

Ainda de acordo com Cosson, o letramento literário é uma prática social que deve ser estimulada desde a infância, por meio da leitura de bons livros, do contato com a literatura em sala de aula e do estímulo à produção de textos literários pelos alunos. Além disso, o autor também destaca a importância do trabalho interdisciplinar entre os componentes curriculares de Arte, Literatura e Língua Portuguesa, para que o letramento literário seja efetivamente desenvolvido nas escolas.

2.2 A relevância do letramento literário

Como parte dessa expansão do uso do termo “letramento”, o letramento literário integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Contudo, contrariamente aos outros letramentos e do emprego mais amplo da palavra como designação da construção desse sentido em determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário se propõe ser diferente em relação ao processo de produção da escrita e, conseqüentemente, é um tipo de letramento singular.

Primeiramente, o letramento literário se diferencia dos outros tipos de letramentos, no tocante ao fato de que a literatura ocupa um lugar ímpar em relação à linguagem, quer dizer, é papel da literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (Cosson, 2006b, p. 17). Conseqüente a isso, o letramento a partir de textos literários oportuniza uma forma privilegiada de inserção no mundo da escrita, uma vez que este conduz o leitor ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário necessita da escola para que se concretize, isto é, ele demanda um processo educativo com especificidades em que, não somente a velha e mera prática de leitura de textos literários darão conta, sozinhas, desta efetivação.

Nas obras literárias, por menores que sejam, há sempre um mundo esperando a ser descoberto pelo leitor, e esse mundo não é algo inacessível, está ao alcance de todos, seja em casa ou na escola, principalmente. Muitas vezes, na leitura de um poema ou um conto, surpreende-se com certas descrições ao retratarem suas próprias emoções ou indignações com o racismo e a discriminação

denunciados por escritores que se propuseram a abordar tal temática. Ou ainda, pelo riso, lendo as humorísticas crônicas de Luís Fernando Veríssimo, por exemplo. Trata-se, portanto, da humanização e transformação do homem e da sociedade. Segundo Candido (1989, p. 805),

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...] Dado que a literatura ensina na medida em que com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] É um dos meios porque o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear lhe. [...] Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (Candido, 1989, p. 805)

A literatura com suas nuances, mostra-se como formativa, porém na perspectiva a que se propõe formar. Os ensinamentos propostos não devem ser vistos como manuais de regras de boa conduta. Contudo, é sabido que a literatura é um instrumento capaz de gerar significativas mudanças para o homem, através da exploração de textos e obras literárias, parece ser possível a apreensão da ideia daquilo que se poderia sentir numa dada situação, se esta fosse real. Dessa forma, apresenta-se como um instrumento útil para explorar, através da imaginação, os méritos de diferentes estilos de vida e tipos de sociedade alternativos.

Dentro dessa perspectiva, a literatura é compreendida como possibilidade de transformar, por meio da reflexão, a consciência do homem. De acordo com esta premissa, a literatura é vista como algo que promove uma reflexão de uma dada realidade, podendo ser exibida no mundo real e capaz de modificar as estruturas da sociedade humana. Segundo Sartre, escrever é uma ação de desnudamento: “o escritor revela ao escrever, revela o mundo, e em especial o Homem, aos outros homens, para que estes tomem, em face ao objetivo assim revelado, a sua inteira responsabilidade”. Em outras palavras, ao trazer à tona um episódio da realidade, o escritor pode fazer com que o leitor sinta o que sentira um certo personagem naquela cena, por exemplo, e passe a refletir de que forma agiria se passasse pelo mesmo, provocando uma mudança em seu modo de pensar ou agir.

Este filósofo recebeu muitas críticas pelo seu posicionamento em relação à finalidade da literatura, no entanto, o livro *Que é a literatura?*, talvez forneça um sutil indício de que o autor não pretendia “engajar” ou “politizar” a literatura, e sim constatar que ela já era engajada e política por natureza, pois o literato mostra que o único tema em que todos os autores são engajados é o da liberdade.

Logo, a escola precisa propiciar ao discente o contato com a leitura literária e disseminar, dessa forma, em todos os ambientes escolares, o letramento literário, pois os alunos necessitam de exemplo, e que o professor seja a peça principal nesse processo de letramento, porque é ele quem promoverá momentos de debates e reflexões sobre cada obra literária lida, proporcionando a fruição e possibilitando aos aprendizes um repertório cultural, social e artístico que, até então, não era apresentado de modo sistematizado a ele. De acordo com Cosson (2018, p. 12),

O processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido na escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (Cosson, 2018, p. 12)

O referido autor define Letramento Literário como a maneira de apropriação do literário, e “uma vez que a literatura é essencialmente palavra”, entendemos que dar-se-ia também a apropriação desta, que empregada com o devido propósito cumprirá com sua função, ou seja, o texto literário. Como podemos observar, na literatura se dá a própria prática desse tipo de letramento. E, de acordo com o letramento proposto, o professor fará a seleção de bons textos literários que venham atender às expectativas e que possibilitem a ampliação dos horizontes de seus alunos, pois de acordo com Bordini e Aguiar (1993, p.40),

Todo o texto, entretanto, independente do seu grau de realização artística, seja ele consagrado ou não, pode ser objeto de aulas de literatura, desde que seja visto na sua totalidade e que o professor esteja atento para o conjunto de normas que nele se configuram, sendo capaz de discriminá-las criticamente em contraste com os padrões estéticos e ideológicos de seu tempo. (Bordini e Aguiar, 1993, p.40)

Diante do exposto, convém mencionar que é tarefa do professor fazer as escolhas das obras, seja canônico ou não, apresentando-se com uma grande importância, tal escolha, pois a obra literária, ao apontar para a questão da aquisição de uma certa compreensão do mundo e da vida através do contato do leitor com o texto, inaugurou questionamentos sobre o conhecimento por meio do plano da emoção, além disso, este deve ter ciência do poder que a leitura literária exercerá em seus alunos.

A escolha do repertório pelo docente é fundamental no processo de despertar o gosto ou afastamento pela leitura, assim como, no meio de compreensão e reflexão do texto lido. Além disso, é necessário também, que ele tenha a sensibilidade de reconhecer o repertório que seus alunos trazem de suas experiências leitoras e procurar associá-las à literatura.

Uma vez compreendida, essa singularidade em que se define o letramento literário como “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (Paulino; Cosson, 2009, p. 67), o trabalho com textos literários se dá com este fim, numa perspectiva de absorção dos sentidos, compreendendo que os significados desses textos construirão os sentidos e a própria visão de mundo desses leitores. Nessa definição, é importante conceber que o letramento literário não contempla somente uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, posto que requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber adquirido sobre a literatura ou os textos literários, e sim uma experiência que objetiva dar sentido ao mundo através de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

São vivenciadas nas escolas, no tocante ao ensino de literatura, uma situação delicada envolvendo aluno, professores de outras áreas, dirigentes escolares e sociedade. O que ocorre é que não é dado o devido valor a tal componente curricular, a ponto de muitos acharem desnecessária a sua existência e o que postula o seu saber. Para eles, o conteúdo literário não passa de um verniz burguês do passado, que já deveria ter sido retirado do currículo das escolas, posto que não acrescenta saber significativo aos estudantes. Trata-se, portanto, de uma postura arrogante veiculada por determinado grupo de professores que desconhecem, ou simplesmente, negam o valor e relevância do saber literário.

Discorrendo ainda, sobre a palavra letramento, uma vez que, tal vocábulo possui uso recente, isso leva a algumas controvérsias a seu respeito. A tradução inglesa de *literacy*, letrado, dá ênfase a um fenômeno que os altos índices de analfabetismo não deixam perceber, ou seja, por tratar-se não tão somente das habilidades de leitura e escrita, e sim, concebe-se letramento pela apropriação de escrita e práticas sociais relacionadas a ela, isso implica na ocorrência não apenas de decodificação, mas, que o educando deve ir além destas etapas, passando a compreender o que leu e ser capaz de fazer inferências a respeito do conteúdo lido. Desta forma, entende-se que pode haver diversos níveis e diferentes tipos de letramento.

Por ser um termo razoavelmente novo e técnico, e surgiu da palavra inglesa “literacy” (letrado) devido a uma nova realidade social na qual não bastava somente que os alunos soubessem ler e escrever, mas responder efetivamente às práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita. Por isso, o letrado não é mais “só aquele que é versado em letras ou literaturas”, mas sim, aquele que além de dominar a leitura e a escrita, faz uso competente e frequente de ambas”. Logo, o letramento é um conceito enraizado na alfabetização e frequentemente são confundidos.

De acordo com Kleiman (2005, p. 11), o letramento não é alfabetização, porém, a inclui. Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados. Segundo Soares (2004, p. 90), embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá através da aquisição de uma tecnologia – a alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos e atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvam a língua escrita – letramento.

Em se tratando, especificamente de letramento literário, é possível verificar uma configuração especial. Obviamente, através de textos literários com uma visão ampla, em que não se fixe em apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, ademais, é mormente propiciar uma maneira de possibilitar e proporcionar seu domínio efetivo.

Definida simploriamente como arte da palavra, afirma-se que a literatura, da mesma forma que a linguagem por ela utilizada, mantém-se como um instrumento de comunicação e de interação social, e como tal, cumpre um fundamental papel

na sociedade, objetivando a transmissão de conhecimentos e cultura de uma sociedade. Isso implica dizer que, por ser uma das mais ricas manifestações artísticas do ser humano, ao lado da música, da dança, do teatro, da escultura, da arquitetura, entre outras, ela se apresenta como fonte de comunicação, linguagem e criatividade, sendo, portanto, transmissora e propagadora não apenas de entretenimento, ela remete a catarse, pois nos ajuda na compreensão da realidade e a melhorar nossa cognição, assim como, é por meio dela, que é possível viajar e conhecer novos mundos.

Ao exercitar a literatura, é possível sair de nós mesmos, incorporarmos personagens, rompermos e quebrarmos barreiras, limites de tempo e espaço de nossa mera existência, e no fim de tudo, continuarmos a sermos quem realmente somos. É uma experiência transcendental, ao mesmo tempo que nos diz o que somos, procura nos incentivar a querer o mundo por nós mesmo. É uma magnífica troca na qual absorve mais intensamente as verdades expressas pela poesia e pela ficção e simultaneamente, ao saber da vida pela experiência do outro, também nos é permitido vivenciar e viver essa experiência. Por isso, Antônio Candido (2011), afirma:

A literatura corresponde a suma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (Candido, 2011, p. 186).

Isso implica dizer que, se não consegue passar vinte e quatro horas sem vivenciar e mergulhar em algum universo da ficção e da poesia, a literatura concebida em seu amplo sentido conforme será explicado a seguir, se constituirá como uma necessidade universal, precisando ser satisfeita e cuja satisfação constitui-se como um direito. E que a negação dessa fruição seria esfacelar o que há de humano em cada um de nós. Por isso, se o texto literário tem essa capacidade de humanizar, nos afastar deste, seria como “matar” uma possibilidade de humanização de cada ser.

Desta forma, a literatura está ressaltada em sua forma mais ampla possível, todas as manifestações e criações toque poético, de ficção ou dramático nos vários níveis de uma sociedade, e em todos os tipos de cultura, desde as folclóricas,

lendárias, até as mais complexas formas e difíceis e grandiosas produções escritas das grandes civilizações.

Vista por este ângulo, a literatura se apresenta claramente como uma manifestação universal de todos os homens e em todos os tempos, visto que não há sequer um povo e nenhum homem que possa ter vivido sem ela, isto implica dizer, que todos os povos de todas, e mais remotas épocas tiveram a possibilidade de um contato com alguma espécie de fabulação.

Do mesmo modo que todos temos sonhos noturnos constantemente, não somos capazes de passar às vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. Por isso, é assegurado pelos sonhos, durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. Desta forma, é perceptível que no processo criativo, seja ele ficcional ou poético, como mola mestra da criação literária, habita em todos nós, analfabeto ou erudito, lógico, em seus níveis e variáveis modalidades, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco, uma expressão artística. Logo, manifestando-se de diferentes formas, desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

Advindo de uma sociedade letrada, e como tal, o exercício de letramento dar-se-á por meio de inumeráveis palavras. Destaca-se aqui a relevância da escrita, pois praticamente todas as transações humanas, de uma forma ou de outra, passam pelo crivo da escrita, fazendo desta, um elemento fundamental para armazenamento de nossos saberes e conhecimentos. Assim, a literatura além de ter a palavra como materialidade, a escrita e seu veículo de circulação mais efetivo.

Suas práticas se constituem por meio do universo da linguagem, expressa por meio da palavra, e através dessa confabulação, do processo criativo, no exercício construído pela força da palavra, pelo pleno exercício da leitura e escrita de textos literários, desvencilhando-se de arbitrarias regras impostas em discursos padrões de uma sociedade letrada e preconceituosa, há uma construção honrosa, com um modo próprio de se dizer as coisas, fazendo do escritor o dono da linguagem, que ao torna-la dele, é também pertencente a todos.

Isso se dá devido a plenitude da literatura, que age sobre o homem e o mundo, fazendo-o perceber a magnitude do que pode estar a nossa frente, ao nosso alcance e que somente com um olhar poético, mágico podemos ver.

Muitas vezes, nos questionamos sobre de que forma há a escolarização da literatura. Consoante a isso, Cosson (2018) discute acerca desses questionamentos, e nos faz perceber o quanto que a Literatura é deixada de lado, nas aulas de Língua Portuguesa.

A difícil relação e aceitação da literatura na educação continuará árdua e distante de uma pacificação. De um lado, professores que contestam sua aplicação e prestígio como fonte de conhecimento, de entretenimento, incentivo à leitura e enriquecimento na busca pelo saber.

De outro lado, os alunos, que devido a forma como esse conteúdo literário é repassado, veem este componente curricular como algo cansativo e enfadonho, que serve apenas para preencher uma lacuna dos horários de aulas de Língua Portuguesa. Há ainda, uma parcela de professores da educação que afirma que a disciplina somente permanece no currículo por força da tradição e ataraxia do sistema educacional para lá de obsoleto, já que a educação literária remonta do século XIX, e suas teorias e práticas já estariam ultrapassadas, não fazendo mais sentido em pleno século XXI.

Para Soares, a questão a ser discutida e enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura e sim,

ordenação de tarefas e ações, procedimentos formalizados de ensino, tratamento peculiar dos saberes pela seleção, e conseqüente exclusão, de conteúdos, pela ordenação e sequencição desses conteúdos, pelo modo de ensinar e de fazer aprender esses conteúdos. (Soares, 2006 p. 21)

Fenômeno, portanto, natural, a escolarização da literatura enquanto processo não deve ser criticado ou negado. O que, no entanto, tem todo o direito de receber críticas fortes é o processo errôneo e inadequado da escolarização literária. Soares (2006) aponta três instâncias principais de inadequação do processo: a biblioteca, a leitura de literatura e a leitura de textos.

Os defensores desta tese, argumentam que a superabundância dos textos atuais, a supremacia das imagens, dos textos multimodais, da semiose, as ricas manifestações culturais, entre tantos outros aspectos de uma sociedade cada dia

mais dinâmica, moderna e contemporânea, superam, numa larga escola, as produções literárias dos cânones do passado. Estes não levam em conta, teor temático das ricas obras, imortalizadas e cristalizadas na sociedade.

Também é largamente contestada a maneira como essa disciplina é ministrada em sala de aula, por exemplo, o ensino fundamental serviria apenas de base para a formação do leitor, sem contextualização ou análise alguma de seu conteúdo temático, já no ensino médio, estaria a serviço de memorização de nomes de autores e obras, caracterizações dos períodos literários, fazendo e forçando o aluno a uma apatia cada vez maior, levando-o a uma recusa mais contundente pela educação literária. De acordo com Todorov (2010)

O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas das vias régias que conduzem a realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte ("nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação"), arrisca-se a nos conduzir a um impasse – sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura. (Todorov, 2010, p. 33)

É relevante mensurar tais propósitos e metas do ensino de literatura, assim como, a divisão feita em cada segmento, pois, esta consideração poderá melhorar as condições do aproveitamento e aceitação deste ensino, uma vez que isso implicaria diretamente no que se pretende alcançar.

Por exemplo: usar a literatura, no ensino fundamental em sentido amplo e global, observando apenas o interesse do aluno, do professor e da instituição escolar, e acima de tudo com uma predileção por textos curtos, pelo pretexto de que os alunos não acompanhariam e nem compreenderiam um mais longo, a escolha da temática e se o texto é divertido, como via de escape, sem um aprofundamento no que é abordado e que poderia contribuir para um universo humanizador deste educando, nada disso é considerado, apenas fatores desinteressantes e até irrelevantes. Cabe lembrar o que acertadamente pontua Cosson (2018):

No ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco ou ficção com poesia. (...) como se registra nos livros didáticos, os textos literários ou considerados como tais estão cada vez mais restritos às atividades de leitura extraclasse ou atividades especiais de leitura. Em seu lugar, entroniza-se a leitura de jornais e outros registros escritos (...). (Cosson, 2018, p. 21)

Sem falar no uso do texto como pretexto na realização de uma extensa e enfadonha atividade de interpretação ou compreensão textual, ou ainda como pano de fundo para explicar uma teoria gramatical. É isso que ocorre na maioria dos casos, os textos são utilizados como pretextos para exercícios de metalinguagem ou reprodução da fala do autor, por vezes são desprezadas as inferências e as intertextualidades, assim como um diálogo possível entre autor e leitor numa tentativa de compreensão do texto, não como forma de captar a própria intenção do autor, nem tampouco restaurar o sentido que o autor lhe outorgou. Segundo Lajolo (1993),

É a propósito da literatura que a importância do sentido do texto se manifesta em toda a sua plenitude. E é essa plenitude de sentido que o começo, o meio e o fim de qualquer trabalho com o texto. Todas as atividades escolares das quais o texto participa precisa ter sentido, para que o texto resguarde seu significado maior. (Lajolo, 1993, p. 62)

Contudo, o texto é reconhecido como um ponto de encontro entre quem escreve, o autor e quem lê, o leitor, e nesse encontro, a identificação do que está no texto, nas informações ali contidas é o que realmente importa. Volta-se também para o conceito de leitura como fruição, entendendo de que maneira a leitura realizada simplesmente pelo gozo em ler, sem uma explícita necessidade de haver uma atividade conseguinte da leitura, apenas pela modesta prática desta, como uma atividade prazerosa em sala de aula com os alunos. Contudo, Leite (1988, p. 12) expõe uma significação para o texto literário: “O texto literário [...] não só exprime a capacidade de criação e o espírito lúdico de todo ser humano, pois todos nós somos potencialmente contadores de histórias, mas também é a manifestação daquilo que é mais natural em nós: a comunicação”.

Além disso, também é possível deparar-se com o fato de que em raros casos, o texto se apresenta na íntegra, sendo esfacelado, destituindo-se seu sentido real, original. Há um silenciamento do texto, e informações essenciais são omitidas, como por exemplo, o contexto de produção, dados sobre o autor, entre outras atribuições. A sã exegese nos ensina que antes de fazermos qualquer julgamento sobre determinado assunto (texto, noticiário, artigo, prosa, matéria etc.),

devemos antes de tudo observar o contexto em que estes textos foram veiculados. Um texto só tem sentido diante do seu contexto.

O ensino da literatura é uma atividade globalizante que se justifica por um fazer transformador, formando novos significados, causando mudanças socioculturais, motivando uma postura crítica diante da realidade. Não existem fórmulas prontas para o ensino da literatura; conta-se com o bom senso e sensibilidade do professor, além, é claro, de uma preparação advinda de muitas leituras e de um planejamento assentado em ideias teóricas que permitam uma boa adequação entre os propósitos do professor e as aspirações dos adolescentes. Ensinar literatura depende de posturas teóricas, pedagógicas e políticas. Sobre isso, é muito propícia uma fala de Eco (2003):

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante de ambiguidades e da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto. (Eco, 2003, p. 12)

Sem o contexto, tudo fica muito vago, e a interpretação pode ficar subjetiva. Assim, textos sem contextos são ótimos para serem manipulados a favor de quem os dita. Isso porque cada texto tem uma motivação pela qual foi escrito, ou seja, o pretexto, nas acepções de “porquê, razão, fim e propósito”, por mim escolhidas entre os diversos sinônimos apontados nos dicionários.

Quando se lê um texto escrito cinquenta anos atrás e se o interpreta com o olhar sociocultural de hoje, corre-se o risco de tirar conclusões equivocadas, especialmente com palavras que tiveram seus sentidos semânticos ressignificados cultural, moral ou eticamente.

Ao chegar a vez do ensino médio, a limitação se dá por meio de um ensino voltado apenas para a história da literatura brasileira, empregando uma ordem cronológica dos fatos, observando a dicotomia dos estilos, dados biográficos dos autores e a busca e comprovação das características dos estilos, nas obras. São aulas meramente informativas, em que se deixa de lado o papel primordial que é a

fruição literária, ou seja, é priorizado a teoria literária e não o caráter de gratuidade, não funcional, que implica afetos, imaginação, sentidos e também intelecto, deixando claro que a fruição não se apresenta apenas como um fenômeno de ordem sensível, nem tampouco inteligível, posto que se constitui como um ato cognitivo complexo.

O que pode ser observado é perante o cenário apresentado, pois este encontra-se diante da falência do ensino de literatura, uma vez que esta não vem sendo ensinada com sua real função que seria utilizar-se da palavra, ou seja, por meio desse poderoso instrumento, construir e reconstruir uma humanização, um prazer pelo prazer da apreciação das obras.

Enfim, é preciso ter em mente que o letramento literário como prática social e de responsabilidade da escola, deve cumprir sua função, e talvez a questão desafiadora não seja a de escolarização da literatura, e sim com bem escreve e alerta Magda Soares, a de realizar essa escolarização descaracterizada, não levando em conta e a sério seu primordial objetivo que se configura no poder humanizador e conseqüentemente, transformador que a literatura carrega em seu ser.

No processo de leitura, a escolha dos textos é um dos momentos cruciais para que se obtenha um resultado satisfatório com o que se propõe ler. Por isso, ao conceber o letramento literário como construção literária dos sentidos se faz necessárias algumas indagações ao texto, sendo estas: quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz.

As respostas, por conseguinte, só poderão ser obtidas ao examinar os mínimos detalhes do texto, configurando-se o contexto em que se insere a obra, a relação de intertextualidade desta obra com outras, ou seja, o diálogo com outros tantos textos. Com isso, estes procedimentos visam informar que o objetivo dessa maneira de se ler um texto, passa pelo desvelamento das informações do texto, pois vai além da decodificação das palavras, perpassando a procura da árdua aprendizagem de estratégias de leitura para que assim se chegue à formação do repertório do leitor.

Partindo da premissa de um trabalho exitoso em sala de aula, a primeira coisa a fazer é seleção e escolha dos livros ou textos que serão lidos e, conseqüentemente, discutidos pela turma. Por isso, é importante que o professor

esteja atento ao processo de escolarização da literatura. Então, são várias as instâncias de escolarização da literatura mencionadas por Magda Soares (1999), a começar pela biblioteca que determina rituais de leitura, como se deve ler, o que ler e em quanto tempo ler.

Isso porque a leitura e o estudo dos textos literários é, em sala de aula, outra instância da escolarização. Desta forma, é inegável que essa escolarização pode acontecer de maneira indevida, isso ocorre quando a escola faz a utilização de um texto literário, deturpando-o, falseando-o, transformando o que é literário em pedagógico. Numa tentativa para se evite esta inadequação, são relevantes alguns cuidados, como podemos citar: privilegiar o texto literário e prestar atenção à escolha de um texto do livro didático, pois na maioria das vezes, esse pode estar fragmentado, além do mais já se trata da transposição de um suporte para o outro. Segundo Cosson (2014),

a leitura guarda em si o presente, o passado e o futuro das palavras; que na leitura e na escrita dos textos literários encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar dessa experiência. O processo formativo do leitor e do escritor acontece por meio das palavras fictícias. É por possuir essa função de transformar sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas a que a literatura tem e precisa manter um lugar especial na escola. (Cosson, 2014, p. 17)

Dessa forma, é interessante escolher o texto em seu suporte original, ou seja, o livro no qual o texto fora escrito. É importante também, respeitar a integralidade da obra, uma vez que os fragmentos suprimidos, podem conter sentidos fundamentais para a compreensão global do texto e com isso, não pode retirar ou saltar partes do texto que, por alguma razão, pois são inadequadas para nossos alunos.

Omitir ou trocar informações do texto por não saber como explicar determinados porquês de uma obra, não é a solução para fazer o leitor compreender o texto, como por exemplo, colocar a existência de uma escada para dizer que o príncipe conseguiu chegar até Rapunzel por esta, por não saber explicar como ela aguentou que ele subisse segurando em suas tranças não é a solução.

Afinal, o texto literário carrega em sua elaboração estética as várias possibilidades de atribuição de sentidos, ou seja, o texto literário comporta múltiplas interpretações. Dessa maneira, o respeito com o que diz o texto faz parte da adequada escolarização dele. Por isso, Soares (1999) evidencia ainda que a adequação da escolarização da literatura é a que dirige para práticas de leitura que se dão no contexto social, visando atitudes e valores correspondentes ao ideal de leitor que se quer formar.

De acordo com Pressley (2002), são sete as habilidades ou estratégias no ato de ler: conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese. Logicamente que, ao praticarmos a leitura, coloca-se em ação todas essas habilidades, contudo, não necessariamente, nesta mesma ordem específica, porém, ao ensinar ao aluno tais mecanismos, o professor agirá didaticamente, explicando-os conforme surgem no decorrer da leitura do texto.

No tocante ao conhecimento prévio, vários autores o consideram como a estratégia “guarda-chuva”, porque a todo momento é ativado pelo leitor, os conhecimentos já possuídos com relação ao que está sendo lido. Desse modo, antes de ler, os conhecimentos prévios são acionados pelos leitores, e estes podem ou não estar relacionados às ideias do texto. Esta atividade de acionar essas informações tem interferência direta na compreensão durante a leitura, pois resulta na formulação de hipóteses baseadas neste conhecimento sobre o assunto abordado na narrativa e a forma como ele é veiculado. Tais hipóteses simbolizam o começo da compreensão dos significados do texto e serão confirmadas durante a leitura do livro.

Na estratégia de conexão é permitida a ativação de seu conhecimento prévio no processo de conexões com aquilo que está sendo lido. Assim, lembrar fatos importantes de sua vida, de outros textos lidos e de situações ocorridas no mundo, em seu país ou sua cidade, contribuem para uma melhor compreensão do texto em questão.

Já a inferência, que pode ser compreendida como a conclusão ou interpretação de uma informação que não se encontra explícita no texto, pode levar o leitor a entender as inúmeras facetas do que está lendo. Uma inferência é considerada uma suposição ou uma oferta de informação que não está explícita no texto – algo como ler nas entrelinhas, mas que poderá ser encontrado pelo leitor.

Por vezes, quase de maneira espontânea, a estratégia de visualização, é realizada, pois ao ler, procura-se nos envolver por sentimentos, sensações e imagens, os quais vão nos permitindo que as palavras do texto se transformem em ilustrações, em visões em nossa mente. Essa estratégia é uma forma de inferência, por isso tanto a visualização, quanto a inferência propriamente dita, devem ser trabalhadas de maneira bem próxima. Por isso, ao visualizar no ato da leitura, desperta-se para a criação de imagens pessoais e isso mantém nossa atenção permitindo que a leitura se torne significativa.

A estratégia de fazer perguntas ao texto também auxilia na compreensão da história. Essa estratégia ajuda na compreensão e aprendizagem com o texto, e a percepção de pistas dadas pela narrativa e, dessa maneira, contribuir para o raciocínio. Os alunos podem aprender a perguntar ao texto e essas questões podem ser respondidas no decorrer da leitura com base no texto ou com o conhecimento do próprio leitor.

Já a habilidade da sumarização parte do pressuposto de que necessita sintetizar aquilo que é lido, e para que isso seja possível é necessário aprender o que é essencial em um texto, ou seja, buscar a essência, separando-a do detalhe. Ao elencar aquilo que é importante na narrativa, o professor poderá mostrar ao aluno as ideias principais do texto, aumentando assim a chance de compreender melhor a história lida.

Por fim, a estratégia de síntese significa mais do que resumir um texto, pois ao resumir anotamos as ideias principais de um parágrafo ou de um texto, parafraseando-o. A síntese ocorre quando se articula o que é apreendido com as impressões pessoais do leitor, reconstruindo o próprio texto, elencando as informações essenciais e modelando-as com o repertório de conhecimento individual. Ao sintetizar, não se destaca apenas fatos importantes do texto, mas em adicionar novas informações a partir do conhecimento prévio, alcançando uma compreensão maior do texto.

Enfim, será discutido sobre o processo de leitura, com um olhar particular. Segundo Jorge Larrosa (1998), em seu livro *A experiência da leitura* “Haveria, portanto, toda uma economia da leitura que seria, em último caso, alimentícia: toda leitura seria um incorporar (um fazer tomar parte do próprio corpo) o que está fora e somos capazes de pôr ao nosso alcance”. (Larrosa, 1998, p. 38)

É sabido que ler não implica apenas em decodificação, não é um processo atrelado e restrito ao conhecimento e reconhecimento das letras que estão impressas numa página. Há inúmeras formas de leitura em que variados signos são decodificados. O campo da leitura foi se expandindo, tomando dimensões que de certo modo, tornou-se inviável conceber e conhecer todas suas ramificações.

Didaticamente falando, a leitura é fenômeno cognitivo e social, estudados em diversas teorias de observação, das quais serão destacados aqui três aspectos de leitura com foco no: texto, leitor e interação social. Em relação ao primeiro elemento, o texto, verifica-se que nessa teoria, o que importa é a leitura com a intenção de extrairmos o sentido presente no texto. Nesse processo, o foco é a observação de dois níveis, das letras e das palavras, na superfície do texto e o significado que é o conteúdo, ao conseguir chegar nessa extração, diz-se que a leitura foi feita. Com todos estes artifícios e lembrando que nosso contato com o texto literário ocorre principalmente na escola, Cosson (2018) argumenta que

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, saberes e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar espacial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos de sua escolarização [...] (Cosson, 2018, p. 17)

Porém, nessa perspectiva de leitura detecta-se um grave problema, de que forma este chega plenamente a esse significado, uma vez que habilidades importantes nesse processo não foram contempladas, nem tampouco consolidadas no leitor para que ele tenha êxito no processo de leitura. Alguns críticos contestam essa teoria linear de leitura que parte do texto para o leitor e das letras para o significado do texto, pois para eles, ler é muito mais que uma decodificação e nem dependo apenas do texto.

Outra corrente de pensadores, toma o leitor como centro da leitura, ou seja, partem do leitor para o texto. Para eles, a leitura depende mais do leitor do que do próprio texto, pois é o leitor que retira as informações contidas no texto, quer dizer, é ele quem levanta as hipóteses, é quem interpreta, quem lê nas entrelinhas e quem cria estratégias para chegar ao sentido do texto. Kleiman (1989), defende que:

a leitura não é um processo simplório, porque compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (Kleiman, 1989, p. 13 - grifos da autora)

O deslocamento do foco do texto para o leitor é positivo pelo fato de chamar atenção para a leitura em diversas estratégias para chegada do que o texto diz, contudo, perde quando não leva em conta os resultados de tal processo. As teorias que privilegiam o leitor no ato de ler, terminam por ignorar o fato de que, chegar ao sentido do texto não é um gesto arbitrário, e sim uma construção social. Por isso, o fato de o leitor fazer antecipações sobre o texto, também apresenta duas acepções, a saber: uma positiva, pois considera o conhecimento prévio do leitor, mas também, uma negativa, isso se dá quando o leitor ignora o significado global do texto, preferindo ler tão somente aquilo que deseja ler.

Consequente a isso, agora do terceiro grupo, este considera que o leitor é tão importante quanto o texto, e o resultado dessa interação é o produto mais relevante, a leitura. É, portanto, um processo de interação, pois o ato de ler, mesmo que individualmente, é uma atividade social, interativa, que envolve não somente o texto, assim como, não somente o leitor, isso porque o que está veiculado no sentido do texto, tende a voltar-se para a sociedade. O processo de leitura dar-se então coletivamente e resulta de uma série de convenções sociais estabelecidas pela comunidade, com finalidade nos processos comunicativos dentro e fora desta. BORDINI (1986, pág. 116) elucida a prática leitora como produtora e construtora humana e social: o ato de ler se completa e gratifica o leitor, tornando-o conivente com outras vidas e outros mundos, obrigando-o a se emocionar, a repudiar, a apaixonar-se, todavia, sem nunca perder o controle consciente da situação de leitura, o que é, talvez, seu maior atrativo, pois permite um diálogo em igualdade de condições.

O aprendizado da leitura implica em algo a mais que uma habilidade de decodificação, e ser leitor vai além de um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais usadas em mediações e transformações nas

relações humanas. Logo, tais atividades implicam na maneira como vemos o mundo, em como agimos nas diversas esferas sociais. É mudança de atitude, de comportamento.

Em suma, esses três modos de compreender a leitura devem ser pensados como um processo linear, conforme nos diz, Rildo Cosson (2018), a primeira etapa chamaremos de antecipação, por considerar as diversas operações feitas pelo leitor a princípio, antes de adentrar ao texto.

A segunda, é a decifração, nesse sentido, inicia-se o ler através das letras e palavras, e quanto mais se domina o código, mais fácil será a decifração.

Por fim, chega-se a terceira etapa que é a interpretação. Nessa etapa, o essencial é o processamento das inferências feitas a partir do conhecimento de mundo do leitor. Negociações serão feitas, pois dialogam nesse instante, correntes envolvidas no processo de leitura, leitor, autor e comunidade, isso porque, dependerá a interpretação, do que escreveu o autor, do que o leitor viu no texto, e das convenções que regulam a leitura numa determinada sociedade, ou seja, nos valores que apregoam os princípios sociais daquele grupo, daquela comunidade, onde a interpretação o ciclo de leitura é fechado.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS

Vê-se como relevante fazer alguns apontamentos em relação ao gênero crônica, objeto de trabalho desta dissertação, para tanto convém discorrer primeiramente acerca de uma breve e nada definitiva conceituação de gêneros textuais, para sim em seguida, nos determos ao gênero cronístico. Em se tratando de gêneros textuais, infidas são as tentativas de conceituá-los ou defini-los. Muitos estudos nessa linha têm sido feitos, e há sempre o que falar a respeito de tal assunto, pois sua dinamicidade é imensa, tornando-os quase inacabável.

No tocante a definição e estruturação de gêneros literários é importante considerar que gênero textual é um conceito que procura compreender e explicar a materialização dos inúmeros textos que utilizamos em nossa vida diária. Conceito este, a princípio talvez objetivo demais, todavia, o tomamos como uma verdade, uma vez que nos comunicamos por meio de texto, no sentido de que a abrimos a boca para falar, estamos a proferir um texto, e conseqüentemente, com finalidades específicas o produzimos, daí a realização materializada do gênero. Os gêneros são mutáveis e fluidos porque estão sempre em constante mudanças, adequando-se às novas necessidades sociais, a todo momento, surgem novos gêneros ao passo que alguns caem em desuso, entretanto, a uma obediência quanto às regras de sua natureza linguística e textual propicia seu enquadramento nas tipologias.

Por essa natureza mutável, seu caráter dinâmico, compreendemos que os gêneros estão ao nosso redor em todos os momentos da nossa vida, se pensamos por meio da linguagem, utilizamos os gêneros para expressarmos esses pensamentos, e assim, cumprimos nossa função comunicativa por meio dos discursos que proferimos.

Partindo do pressuposto de que só conseguimos nos comunicar por meio de textos, sendo impossível a comunicação a não ser por meio de um gênero, é que tanto Bakhtin (1997), assim como Bronckart (1999), defendem a posição de que somente por meio de textos, as pessoas cumprem as funções comunicativas da língua. Dessa forma, a língua como atividade social, histórica e cognitiva, privilegia-

se por sua natureza funcional e interativa e não pelo aspecto formal ou estrutural, mas por sua materialidade a qual se dá por intermédio dos gêneros.

Os gêneros textuais são composições, através das quais, realiza-se intervenções sociais, ou seja, nos comunicamos por meio de textos, sejam eles escritos ou orais, o tempo todo estamos interagindo através da linguagem e por ela realizamos nossas intenções por meio da fala, quer dizer, os gêneros são as ferramentas, ou instrumentos utilizados para poder exercer os atos comunicativos em geral, desde uma simples e informal mensagem via *WhatsApp*, *e-mails* corporativos, produção de reportagens, entrevistas, contos, páginas de diário, receitas de bolo, até os mais elaborados e cultos textos como artigos científicos, seminários, teses, discursos etc.

Para Bakhtin (2000), dentro de uma dada situação linguística, o falante/ouvinte produz um conjunto de formas discursivas que são formas marcadas a partir de contextos sociais e históricos. Em outras palavras, tais formas estão sujeitas a alterações em sua estrutura, dependendo do contexto de produção e dos falantes/ouvintes que produzem, os quais atribuem sentidos a determinado discurso.

Em meados dos anos 80 os estudos referentes à classificação dos textos se intensificam, sendo desenvolvido um grande número de pesquisas sobre os tipos e, principalmente, os gêneros textuais. Marcuschi (in Dionísio, 2002, p. 23) faz uma distinção entre gêneros e tipos textuais relevantes para o nosso trabalho. Por tipos textuais o autor entende que são:

constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas; constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos; sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas; tempo verbal; designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição. (Marcuschi in Dionísio, 2002, p. 23)

Para os gêneros textuais o autor tem a seguinte definição:

são realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio comunicativas; constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas; sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função; exemplos de gêneros:

telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo receita culinária, bula de remédios, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de curso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc. (Marcuschi, 2003, p. 23)

Entendemos, desse modo, que o interesse recente pelos gêneros como categoria sócio empírica tem merecido maior atenção, uma vez que, de modo geral, ninguém lê textos “narrativos, argumentativos ou dialogais”, mas ao contrário, todos leem uma “carta, um relatório ou uma bula”. Como foi visto a competência discursiva dos sujeitos está bem mais ligada aos gêneros que aos tipos textuais.

Por sua natureza mutável, os gêneros adaptam-se às nossas necessidades comunicativas remodelando-se, conforme o tempo em que são produzidos. Estes não ficam estagnados no tempo, evoluem com o passar do tempo, para cumprirem seu papel na comunicação, na interação entre os seres humanos. Assim também, por acompanharem as mudanças sociais, por evoluírem historicamente, tais características se devem ao fato de que os gêneros textuais estão a serviço das pessoas, por isso que novos gêneros surgem e se incorporam à língua, começam a fazer parte do ato comunicativo dos indivíduos, tornando a língua cada vez mais rica em suas realizações. Outro fator a considerar é o desaparecimento, desuso de alguns gêneros, justamente pelo mesmo fato, se a língua está a serviço da comunicação, os falantes que a propagam, que a fazem surgir ou desaparecer.

Convém fazer aqui uma breve distinção entre tipo e gêneros, sendo que o primeiro está a serviço de uma espécie de constituição teórica definida por sua natureza linguística de sua construção. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Já os gêneros, são os textos materializados que encontrados em nosso dia a dia e que cumprem funções sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição. Logo, ao passo que os tipos são apenas meia dúzia os gêneros são uma infinidade.

Enquanto os gêneros se apresentam como formas flexíveis de textos, os tipos, por sua vez, são caracterizados por sua rigidez, pela estruturação

pautada em sequências linguísticas, pelo uso de vocabulário específico, por relações lógico-semânticas com propriedades mais fixas, sendo os grandes conjuntos nos quais estão contidos os gêneros textuais.

No tocante aos gêneros textuais vale ainda salientar que não se apresentam como categorias estanques, ou seja, não se caracterizam como formas estruturais estáticas e definidas. Conforme Bakhtin (1997) dizia que os gêneros eram tipos "relativamente estáveis" de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana.

Comportam-se como famílias de textos com uma série de semelhanças. Cumprem funções como eventos linguísticos que são, quer dizer, estão a serviço das atividades sociodiscursivas, contudo não se definem por características linguísticas, pois como os gêneros são fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis a mudanças, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros.

De acordo com Bronckart (1999), a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas, ou seja, a familiaridade com o gênero permite uma maior sociabilidade nos diversos contextos sociais. Como os gêneros operam a serviço da comunicação o conhecimento e domínio destes legitimam o ato discursivo uma vez que se situam numa relação sócio-histórica como fontes de produção sustentados pelos propósitos comunicativos a que se destinam.

O trabalho com os gêneros textuais nas escolas tem tido uma atenção especial nos últimos anos mesmo que suas origens remetam a Platão e Aristóteles o trabalho com eles é recente. Estudos procuram desvendar suas propriedades para auxiliar nos mais diversos atos de comunicação, despertando para a sua importância quando se trata de comunicação.

Diante disso, estudo do gênero mostra sua funcionalidade na sociedade daí a relevância para um olhar mais criterioso em seus estudos e como fenômenos históricos que são, estão intrinsecamente ligados à vida cultural e estão a serviço das mais variadas funções comunicativas.

Na formação dos gêneros textuais, é importante ressaltar que consideramos três elementos básicos em sua construção, os quais são formadores do discurso: o tema, a forma composicional e o estilo. Em relação ao tema, é importante frisar que não se trata apenas do assunto que será abordado no texto, mas é aquilo que

parte também de um determinado ponto de vista ou intencionalidade de quem diz ou escreve.

Nesse sentido, o tema será o conteúdo trabalhado com base em um determinado valor ou ideologia, ou seja, vai de encontro ao que se deseja expressar, está impregnado de um propósito, de uma intenção comunicativa. Já a forma composicional e o estilo estreitam-se às escolhas relacionadas ao vocabulário, estrutura e registro, ou seja, à forma como será organizado o texto para que cumpra com seu papel de intervir socialmente.

Há uma relevância nesse elemento, pois, para que o propósito de comunicação ocorra, a seleção das palavras precisa convergir nessa direção, o saber o que dizer e com quais palavras vai se dizer é condição essencial para que a mensagem esteja completa.

Observa-se por meios desses elementos, portanto, que os textos, orientam-se por condições de produção que são favorecidas no momento da fala e da escrita, familiarizando-se com os papéis sociais dos envolvidos, emissor/receptor, nos mais diversos atos comunicativos, aproximando-se ou distanciando-se uns dos outros, a dependendo da forma como quer-se intervir por meio deles, quer dizer, os nossos interesses, nossas finalidades como aquele discurso, é que definem os elementos que serão usados em nossos textos.

Constata-se que todos os textos têm manifestação sempre num ou no outro gênero textual se torna então necessária um maior aprofundamento e conhecimento da funcionalidade dos gêneros textuais com essa ideia é difundida pelos PCNs quando sugerem que o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros sejam eles orais e escritos. Nessa perspectiva expõe-se a seguir algumas considerações sobre o gênero crônica, escolhida como estudo para este trabalho.

3.1 Uma palavrinha sobre o gênero crônica

Nas palavras de Luís Fernando Veríssimo, em entrevista ao portal, O Terra, em nove de junho de 2020, “A crônica é um gênero literário indefinido, em que cabe tudo, do universo ao nosso umbigo, e a gente aproveita essa liberdade. Mas escrever alguma coisa que preste sobre o cotidiano é difícil.” Com esta afirmação, o autor quer dizer que se pode escrever sobre qualquer assunto no gênero crônica, desde as mais distantes histórias que permeiam o mundo, até as que fazem parte

do nosso dia a dia, do nosso próprio eu. Contudo, percebe-se uma velada crítica nos assuntos que permeiam o cotidiano das pessoas, quando ele defende que escrever algo que preste sobre a vida diária não é uma fácil tarefa.

Este gênero é renomado e afirma-se junto aos leitores por seu caráter acessível tanto em relação a elaboração da linguagem quanto a temática em si. O mérito do seu sucesso deve-se ao fato da crônica não assumir um único propósito e não aspirar a eternidade como acontece com outros gêneros literários, tal gênero se alimenta das miudezas do dia a dia, dos fatos diários, muitas vezes imperceptíveis, dos acontecimentos corriqueiros, cotidianos, em que o olhar perspicaz do cronista vê toda diferença e registra com maestria aquele instante, transformando num momento único.

A crônica é o texto do imediatismo, foi escrita para ser lida rapidamente, objetivando entreter assim como, em alguns casos suavizar austeridade do real, dessa forma humanizar as ações do dia a dia, ao mesmo tempo que escancara a realidade de forma irônica e crítica com a finalidade de propiciar uma reflexão sobre a realidade, e assim, possibilitar mudanças futuras.

Afrânio Coutinho vê a crônica como algo que alivia, ameniza os desastres e escândalos diários, quando afirma que: “No bazar de vociferações que é o jornal moderno, com o escândalo diário de suas manchetes, a crônica de sabor literário é música de câmara para a qual sempre haverá uma escuta dedicada.” (Coutinho, 1971, p. 122). E complementa

a crônica será tanto mais literária quanto mais fugir às exigências do espírito de reportagem, atingindo o melhor de sua realização formal quando consegue fundir os supostos contrários – a literatura e o jornalismo – com um teor autônomo pela força da personalidade do escritor refletida em seu estilo e em suas ideias. (Coutinho, 1971, p. 122)

Naturalmente, a música irá variando de acordo com as transformações do gosto de cada época.” Se olhar por esse prisma, realmente, o cronista, ao dá vida aos personagens do cotidiano, procurar disfarçar seus sofrimentos, colocando uma pitada de humor como pano de fundo, como se quisesse mascarar as mazelas humanas, contudo, percebe-se nas entrelinhas o propósito desse sarcasmo e da ironia presentes no texto.

Ao atenuar os acontecimentos, escolhendo os vocábulos adequados para tal fim, o objetivo do cronista é registrar aquele fato de forma elegante e cortês, sob

um prisma que só ele consegue, deixando por conta do leitor as inúmeras possibilidades de interpretação. O propósito que ele quer atingir não o de chocar os leitores com fatos desastrosos e sim, provocar uma reflexão diante do que foi registrado.

Ao buscar a origem da palavra crônica, podemos perceber que esta vem do grego *chronikos*, isto é, relativo ao tempo (Moisés 1983). Segundo o historiador Massaud Moisés (1983),

[...] a origem da palavra, crônica vem do Grego *chronikos*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo Latim *chronica* (m), o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anos e a História, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. (Moisés, 1983, p. 623)

De fato, os textos pertencentes a tal gênero, objetivam relatar um ou mais acontecimentos do cotidiano em tempo determinado e determinado tempo, quanto aos personagens, são muito reduzidos ou quase inexistentes, e seu tom é costumeiramente irônico, reflexivo, humorístico, lírico, crítico e/ou informativo.

Percebe-se que o termo pode até ter mudado um pouco o sentido, em sua evolução, porém, nunca os vínculos com seu sentido etimológico foram perdidos. Isso quer dizer que os textos do gênero crônica permanecem com sua temática ligada ao elemento tempo, quando registra os fatos do dia a dia. Tal afirmação só vem a confirmar que o tema da crônica contempla seu tempo e, sendo assim, cumpre seu objetivo.

Ainda, no tocante a sua ligação com o termo de origem, dizemos que a crônica carrega como definição acepções de narração histórica por registrar fatos comuns, feitos em ordem cronológica, assim como também, é definida como um texto jornalístico que foi redigido de forma livre e pessoal, apresentando como temática fatos ou ideias vividos na atualidade com um teor artístico, político, esportivo etc. e que pode levar o leitor do mundo real para o mundo da fantasia, da imaginação ou da emoção, permitindo-lhe uma aventura de reconstrução ou desconstrução sócio-educacional-cultural. É importante enfatizar que, inicialmente, tratava-se a crônica como texto não literário, como exemplo, destaca-se os escrivães que trataram dos “Descobrimientos”, como Pero Vaz de Caminha, eram cronistas, no sentido não literário do termo. Só depois, gravitou para o universo do

literário. Daí, destaque-se a importância dos cronistas brasileiros para emprestar um verniz lírico às crônicas, a ponto de Paulo Rónai ter defendido a crônica como "Um gênero brasileiro.

Candido destaca, ao refletir sobre esse gênero literário, que:

Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (Candido, 1992, p. 13-14)

Muitos autores que compõem a literatura moderna e contemporânea se consagraram com a produção deste gênero, a exemplo de, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo. Estes autores escreveram crônicas sobre determinados fatos sociais corriqueiros presentes no dia a dia, da época, utilizavam uma linguagem simples, objetiva, clara, coerente e coesa, permitindo ao leitor competente e reflexivo identificar as informações que se encontram implícitas no texto.

A efemeridade da crônica não a torna um gênero menor, pelo contrário, esse casamento entre condição efêmera, ações simples da vida diária, sarcasmo, humor e ironia, foi uma união perfeita, uma fórmula que deu certo para o sucesso de tais produções. Sá descreve muito bem esse contexto de produção, quando explica o seu perfil estilístico:

esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas (do jornal) em papel de embrulho, ou guarda os recortes que mais lhe interessam num arquivo pessoal. O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. (Sá, 1992, p. 10)

O surgimento desse gênero data de séculos passados em escrituras medievais e eram apenas registros de sequências de fatos numa ordem temporal de sua ocorrência natural.

No Brasil, o primeiro texto considerado como crônica é a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel, quando pela primeira vez, um cronista registrou as belezas da paisagem brasileira. Segundo Jorge de Sá (1987, p.5-6), Caminha

“recriou com engenho e arte tudo que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva.”

De uma beleza tamanha, a escrita de Caminha encanta pela riqueza de detalhes, ao descrever as selvagens terras brasileiras e a sua fantástica viagem, sendo fiel às circunstâncias, registrando o cotidiano, estabeleceu o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial.

Em relação as primeiras produções essencialmente brasileiras, são encontrados os textos da segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento do jornal. Em sua essência eram produções cuja finalidade era registrar acontecimentos banais da vida diária das tradicionais famílias daquela época. As canas descritas eram desde as mais simples do cotidiano a fatos mais sérios, como por exemplo, questões políticas. Para Moisés (1978) a crônica, em suas origens, designava uma lista de acontecimentos organizados de acordo com a sequência temporal.

Colocada assim, entre os simples anais e a História propriamente dita, a crônica se limitava a registrar os eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou dar-lhes qualquer interpretação. Em tal acepção a crônica atingiu o auge na Idade Média, ou seja, após o século XII (Moisés, 2004, p. 110).

Nascida no jornal, oriunda da notícia que por vezes se transformava em crônica, este gênero ganhou os espaços literários, impregnando de sentidos os fatos corriqueiros do cotidiano. Por vezes, chamada por muitos estudiosos como gênero híbrido por oscilar entre a literatura e o jornalismo, apresentando características de texto informativo e ao mesmo tempo literário, a crônica resulta do olhar pessoal, particular e subjetivo do cronista diante de um fato qualquer, aleatório, colhido no noticiário do jornal ou do cotidiano e transformado em história, contada de forma muito peculiar, encantando os leitores pela riqueza e perspicácia de seus escritores.

A crônica deixa a exclusividade dos jornais para ganhar os livros de literatura, expandindo esses magníficos horizontes, por enriquecer esse universo, no tocante à riqueza de suas temáticas abordadas e seus aspectos formais de cunho simples, a crônica contribui para uma verdadeira “brasilidade”, ao flagrar e

revelar elementos nunca antes registrados por outros escritores, ou seja, o evidente entrelaçamento das relações entre jornal e crônica.

Portanto, este gênero textual é considerado um texto curto, leve de fácil compreensão e por conta disto, sua utilização em sala de aula contribuirá de maneira prazerosa para despertar no educando o gosto pela leitura autônoma e que ele se torne um leitor crítico-reflexivo perante uma análise discursiva.

3.1.1 Refletindo sobre a contribuição das crônicas no espaço da sala de aula

Trabalhar com o foco na leitura nas aulas de Língua Portuguesa é um dos pontos primordiais deste componente, pois este seria uma das lacunas existentes no processo leitor, desde problemas em relação a não gostar de ler, às dificuldades de acesso a obras literárias.

Analisando esse contexto, irrompe a preocupação e a inquietação para o desenvolvimento de atividades e, ainda, a tarefa desafiadora de articular e dispor de um trabalho que procure despertar no educando o gosto e interesse pela leitura. Um dos objetivos principais deste trabalho é o de despertar o gosto pela leitura e assim, formar leitores fluentes e críticos, capazes de compreender e questionar o texto que fora lido. Para isto, trabalhamos a literatura brasileira, a partir de crônicas contemporâneas do autor Luís Fernando Veríssimo, tendo em vista que a essa literatura vem sendo apreciada por jovens pelo seu teor crítico e humorístico, conquistando o espaço merecido de difusão e de uso.

O gênero textual crônica, além de seduzir a atenção de crianças, adolescentes e demais leitores, pode revelar, em abordagens de apreensão e reflexão, também, a natureza educativa e formativa, se for bem trabalhado.

As narrativas de teor cômico, assim como as que trazem criticidade e sarcasmo, levam os leitores a despertar sobre valores morais, religiosos e humanísticos contidos neles. Também pode ser utilizado para percepção das manifestações artísticas, literárias como representação de uma realidade criada pelo autor que pode ser comparada ao cotidiano, aguçando a curiosidade e aprimorando a leitura fluente e crítica.

Os PCNs recomendam que os professores escolham os gêneros que mais circulam e fazem parte da realidade dos alunos, ou seja, de acordo com “que

aparecem com maior frequência na realidade social e no universo escolar, tais como crônicas, notícias, editoriais, cartas argumentativas, artigos de divulgação científica, verbetes enciclopédicos, contos, romances, entre outros” (Brasil, 1998, p. 26).

Assim sendo, desenvolvemos um trabalho nesta pesquisa, fazendo a utilização do gênero crônica como suporte para fomentar o apreço pelo ato de ler. Iniciaremos apresentando suas características, suas sutilezas no modo de envolver e seduzir o leitor, sua significação no tratamento aos temas, o atributo de ser curto e breve.

Os assuntos abordados em textos desse tipo são voltados ao cotidiano das cidades, a crônica pode ser entendida como um retrato verbal particular dos acontecimentos, é um flagra de um momento ou situação trivial, corriqueiro. Os bons cronistas são aqueles que conseguem perceber, no dia a dia de suas vidas, impressões, ideias ou visões da realidade que não foram percebidas por todos.

A linguagem da crônica costuma ser leve, marcada por coloquialidade e, não raro, cada cronista tem seu estilo próprio no uso das palavras. Estes fatos causam um efeito impactante ao leitor, prendendo-o as nuances do gênero que ora tende a ser uma mera conversação com o leitor, ora tende ao lirismo ou ao humor, envolvendo o leitor num jogo sarcástico, próximo ao mistério da descoberta de seu desfecho, figurando-se no plano imaginativo deste leitor que se surpreende ao notar que um fato corriqueiro se transformou em um fato singular e único.

Nessa perspectiva, o leitor projeta-se para dentro do drama, passando a viver uma profunda experiência emocional. Há na crônica uma série de eventos aparentemente banais, que ganham outra "dimensão" graças ao olhar subjetivo do autor. O leitor acompanha o acontecimento, como uma testemunha guiada pelo olhar do cronista que tem a pretensão de registrar de maneira pessoal o acontecimento.

O uso desta tipologia narrativa tem a pretensão de contribuir para a formação cidadã, focando no hábito de leitura dentro e fora da escola. É importante também, ressaltar o conceito de leitura, tecer uma discussão de sua importância, introduzir o conceito de círculos de leitura e reconhecer a relevância das crônicas nas atividades.

A seleção e utilização do gênero crônica foi importante para otimizar o tempo em sala de aula, conforme recomendam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio:

Contos e crônicas também devem ser cuidadosamente selecionados para se não desperdiçar o tempo precioso a eles dedicado em sala. Por serem mais curtos que novelas e romances, devem motivar o leitor pelo modo como apresentam o assunto, exigindo como o poema, um aprofundamento que leve o leitor à percepção de suas camadas composicionais. São gêneros propícios a uma sensibilização inicial do aluno. (Brasil, 2006, p. 78-79).

Como tão bem especificam os PCNs (1998), o trabalho com o texto literário deve estar incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Tais documentos procuram enfatizar também, a relevância dos textos literários, que não podem servir ao ensino de boas maneiras, hábitos de higiene, tópicos gramaticais, relegando o prazer do texto em detrimento do pretexto.

Toda e qualquer leitura deve ser um caminho que leve à descoberta de um mundo novo, de sonhos, fantasias, e conseqüentemente, do mundo real. Através das atividades de leitura trabalhamos desde a linguagem verbal como construto e construtora social, dando voz aos sujeitos, construindo sentidos e significados na interação. Considerar relevante o trabalho através da literatura, imprescindível, por conceder espaço a verbalização social e cultural, situações que podemos fazer o reconhecimento e promoção de discussões sobre as identidades que sofrem deslegitimação social.

Torna-se, portanto, indispensável apresentar as várias formas de saberes e culturas para aprender a conviver e respeitar as diferenças. A leitura pressupõe um aperfeiçoamento da expressão oral e escrita do aluno, de modo que este seja capaz de utilizar com eficácia a linguagem verbal nas diversas situações comunicativas.

Ela exige, conseqüentemente, muito mais do que uma simples decodificação das palavras ou interpretações superficiais. Partindo dessa premissa, se faz necessário que haja inferências para que o texto seja — de fato — compreendido; dessa maneira, é que a verdadeira leitura acontece. Assim, a exploração de

gêneros textuais de circulação social em situações reais de comunicação surge como alternativa para um ensino de língua mais eficiente.

Portanto, é legítimo o que trata o documento oficial de Língua Portuguesa Ensino Médio (PCNs):

A literatura é um bom exemplo do simbólico verbalizado. Guimarães Rosa procurou no interior de sua obra: cenários, modos de pensar, sentir, agir, e ver o mundo, de falar sobre o mundo, uma bagagem brasileira que resgata a brasilidade. Indo às raízes, devastando as imagens preconceituosas, legitimou acerto e condutas sociais, por meio da criação estética (Brasil, 1998, p. 41).

Deste modo, com o estudo das crônicas e a discussão de suas temáticas em sala de aula, defendemos a hipótese de que poderemos conscientizar os alunos e fazê-los refletir sobre diversos temas do cotidiano e assim, como cidadão críticos, ter um olhar diferenciado pelas situações que os cercam.

Novamente trazendo Os Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais destacam que, para haver plena participação social do indivíduo, é necessário o domínio da linguagem como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua como sistema simbólico empregado por uma comunidade linguística. O documento ressalta ainda que, através da linguagem, as pessoas se comunicam, têm acesso à informação, defendem e expressam opiniões, partilham ou criam visões de mundo e geram cultura (Brasil, 1998, p. 19).

Nesse sentido, uma metodologia de ensino voltada tanto à leitura quanto à escrita, a partir de uma crônica, conduz o indivíduo à apreciação de outros gêneros com os quais ele mantém contato diário, bem como — dependendo do tema tratado — o leva a adentrar conteúdos abordados em outras áreas do saber, desenvolvendo, dessa forma, a interdisciplinaridade.

Além disso, a crônica é um gênero encontrado não só nos livros didáticos, mas também nos jornais, revistas e na internet, o que facilita o contato do aluno com a produção textual, porque está em espaços informais e acaba ajudando o trabalho do professor, dinamizando inclusive as atividades na sala de aula.

No tocante à leitura, costuma-se ouvir dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental a recorrente reclamação de que boa parte dos alunos não gosta de ler. Esta realidade é marca presente nas inúmeras escolas públicas brasileiras; portanto, como podemos incentivar a leitura? Quais

metodologias e atividades utilizar? Percebemos maior interesse pela leitura no Ensino Fundamental 1, contrário a isso, no Ensino Fundamental 2, é necessário reforçar as estratégias que envolvem a leitura, tendo em vista a relutância e o distanciamento em participar de atividades que envolvem o ato de ler. Nesse caso, o que os professores, principalmente os de Língua Portuguesa, podem fazer para mudar tal situação?

Desta maneira, cabe à escola e professores se utilizarem de estratégias e condições para que o desenvolvimento do sujeito leitor, ocorra, despertando-lhe interesse, habilidade e gosto para leitura. E para isto, é imprescindível o conhecimento do público leitor, a seleção prévia dos textos e que estejam de acordo com a faixa etária e interesse deste, levando em conta, também, as habilidades de leitura. Tendo em vista a essencialidade da leitura literária, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, doravante PCN (Brasil, 1998), também instruem sobre a especificidade do texto literário.

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (Brasil, 1998, p. 26).

Com efeito, o contato com diversas leituras é um caminho que leva a refletir valores e concepções, dando sentido aos textos, ressignificando opiniões e analisando melhor o mundo à sua volta. A arte de contar histórias é um importante instrumento no processo educativo, pois possibilita ao educador a utilização e criação de estratégias lúdicas que podem contribuir para um maior desenvolvimento dos alunos e instigar o prazer de ler.

Na prática, as crônicas, sempre se mostraram como elementos de destaque na literatura destinada, principalmente aos adolescentes, e se mostram como verdadeiras fontes de prazer e vivência de emoções, as tramas ganham vida e suscitam reflexões sobre conflitos interiores e cotidianos. E, por mais visual e virtual que seja o mundo em que nos encontramos hoje, as histórias continuam fascinando adultos e crianças.

Para um trabalho eficaz em sala de aula, a narrativa curta da crônica se faz pertinente e produtivo, além disso, todo professor precisa despertar o contador de

histórias que tem dentro de si, encontrá-lo e aprimorá-lo. Precisa ser um mediador e agente multiplicador destas práticas transformadoras. E, ainda, repensar e ressignificar o ensino de literatura no Ensino Fundamental 2, abrindo portas para a literatura contemporânea, cujas temáticas voltam-se para os fatos triviais, corriqueiros do dia a dia.

Faz-se urgente, portanto, que a escola promova e provoque reflexões, a fim de enriquecer a dinâmica sobre o conhecimento das diversas formas de desigualdade dentro e fora da escola, e fomentar o respeito à diversidade. Nessa perspectiva, trabalhar o estudo e análise de temáticas referentes ao cotidiano, pela percepção que temos de nossa sociedade estruturas problemáticas no tocante à discriminação, fome, corrupção, preconceito, entre outros. E, a crônica, pode muito bem abordar tais temáticas, trazendo à tona, situações que nos despertem para a mudança, por meio da reflexão diante do exposto.

3.2 Verissimo: superlativo até no nome

O escritor gaúcho Luís Fernando Verissimo é superlativo até no nome. Praticou todos os tipos imagináveis de texto literário: romances, contos, peças teatrais, roteiros para a televisão, tirinhas e, é claro, crônicas, gênero este pelo qual o escritor é mais conhecido e reconhecido por suas fantásticas histórias que narra, sempre de forma bem-humorada, contas situações do cotidiano, sempre com um tom irônico, permeado de um sarcasmo bem peculiar.

Apresentou, ao leitor brasileiro, personagens memoráveis – como a Velhinha de Taubaté e o Analista de Bagé. E, em seus textos sobre a política brasileira, provou que o lirismo, a piada e a inteligência podem conviver nos mesmos parágrafos.

Verissimo, nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 26 de setembro de 1936. Filho do escritor Érico Verissimo e de Mafalda Halfen Volpe viveu parte de sua infância nos Estados Unidos, época em que seu pai lecionou literatura brasileira nas universidades de Berkeley e de Oakland, entre 1941 e 1945.

Luís Fernando Veríssimo cursou o primário em San Francisco e em Los Angeles. Em 1953 a família voltou aos Estados Unidos quando seu pai assumiu a

direção do Departamento Cultural da União Pan-Americana, em Washington, e só retornaram ao Brasil em 1956. Nos Estados Unidos, Veríssimo estudou no Roosevelt High School, em Washington, época em que desenvolveu o gosto pelo Jazz, chegando a ter aulas de saxofone.

O autor conclui o ensino ao secundário em 1953 retorna para os EUA. Nesse período começa a sua paixão por jazz e futebol. Retorna ao Brasil em 1956 e dá início aos trabalhos no departamento de arte da Editora Globo. Logo em seguida, em 1966 começou como copydesk do jornal *Zero Hora* (Porto Alegre), passando por diversas seções.

Nesta mesma época foi também tradutor no Rio de Janeiro, emprego esse que muito contribuía na complementação de sua renda. No ano de 1967 inicia uma nova fase, pois, começa sua jornada com uma coluna diária no jornal *Zero Hora*, a qual falava somente do Internacional, seu clube de coração. Logo em seguida, em 1969, lhes é proposto um novo desafio, Verissimo assume a coluna de Jockyman e inicia escrevendo e assinando suas matérias. Com um imenso potencial, não tarda muito, e o escritor, em 1971 cria o jornal “O Pato Macho”, com circulação diária na capital gaúcha contendo notícias, entrevistas, textos de humor e cartuns.

Dois anos depois, em 1973, a editora José Olympio resolve fazer o lançamento do primeiro livro que se chama *O popular*, onde foram reunidos textos publicados na imprensa. Luís Fernando Verissimo tem o seu trabalho reconhecido e muito elogiado pela crítica nacional e seu nome passa a circular no cenário nacional e sua fama espalha--se.

Depois dessa primeira publicação, Veríssimo já abrilhantou o universo da literatura com dezenas de trabalhos, desde edições de livros, participações em coletâneas, escreveu algumas novelas e publicou muitos quadrinhos e cartuns. O resultado de tudo isso foram diversas premiações nacionais e internacionais, entre eles o Jabuti, em 2001.

O autor também se destaca como produtor de textos de ficção e crônicas publicados nas revistas *Claudia*, *Playboy*, *Veja* e *Domingo* (integrante do *Jornal do Brasil*). Luís Fernando Verissimo nos presenteia com seus textos os mais diversos temas, e procura sempre fazer um retrato da realidade em um determinado momento e época. Por conta desse fator, o famoso cartunista Jaguar o define como o “cronista da vida privada brasileira”. Verissimo é uma verdadeira fábrica de

fazer humor. Muito e bom, digamos que de uma excelência e capricho que só ele consegue. Boemia, papos furados pela noite adentro, relacionamentos, curtir restaurantes malocados, lazer em suma, nem pensar, o escritor vive a procura do instante, do momento único para retratá-los em seus textos, ou seja, flagrar fatos observados no cotidiano das pessoas com o abjetivo de transformá-lo numa bela crônica. Por se tratar de um autor que tem uma vasta obra, é o escritor que mais vende livros no Brasil, mas nesta breve dissertação serão abordadas somente algumas de suas crônicas, em especial as publicadas em suas colunas semanais em revistas e jornais brasileiros.

Dotado de sensibilidade e argúcia, Verissimo faz observações do mundo e suas miudezas cotidianas e com peculiaridade, as relata por meio de uma linguagem enxuta, simples e direta, transitando pelas mais diversas temáticas, conseguindo com maestria, ora ser leve e divertido, ora com um tom mais corrosivo e crítico, fazendo do humor e da ironia, ferramentas de reflexão sobre os acontecimentos diários.

4 O TRABALHO COM AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Entende-se por estratégias de leitura, técnicas ou métodos usados pelos leitores com a finalidade de adquirir uma informação, ou ainda procedimentos ou atividades devidamente escolhidas com o intuito de facilitar o processo de compreensão leitora. São, portanto, planos que apresentam flexibilidades e que podem facilmente serem adaptados às mais adversas situações, cujas metodologias podem variar de acordo com o texto que será lido e a abordagem elaborada previamente pelo leitor para facilitar a sua compreensão.

A escola tem como papel, mais do que formar bons leitores, deve ter como missão a formação de leitores que saibam contextualizar o objeto lido com a sua carga de conhecimento prévio, com suas práticas cotidianas, leitores que sejam capazes de raciocinar, que leiam e entendam não apenas a decodificação da grafia, mas que mantenham uma relação de criticidade e que saibam opinar de forma clara com o texto lido, que busquem entender o que foi transmitido com o objeto de leitura. Sobre a questão da leitura crítica, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1999), indicam:

[...] formar um leitor competente, supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto [...] (Brasil, 1999, p. 69)

Neste sentido, para que se conseguir conquistar o gosto dos alunos à leitura, se faz necessário o uso de algumas estratégias, para que se atinja a todos, desde os estudantes que têm facilidade de cognição até os que não desenvolveram ainda estas capacidades. As dificuldades têm uma dimensão muito grande e fazer com que os alunos consigam chegar a um nível satisfatório de compreensão e aproveitamento, cada um dentro do seu limite, não é uma fácil tarefa. Nessa perspectiva de conquista, um dos caminhos é procurar estratégias para que o aluno interaja de forma efetiva com os textos lidos, procurando extrair as informações do texto, para assim formar opiniões e expressá-las de forma crítica.

Duke e Pearson (2002) identificaram seis tipos de estratégias de leitura que as pesquisas realizadas têm sugerido como auxiliares no processo de

compreensão, a saber: predição, pensar em voz alta, estrutura do texto, representação visual do texto, resumo e questionamento.

Por isso, deve-se compreender as estratégias como um processo de cunho elevado que possa abranger a presença de um objetivo a ser alcançado, portanto, para que isso ocorra, é preciso um bom e criterioso planejamento de ações a serem desenvolvidas com o intuito de atingi-lo, bem como sua avaliação. Como afirmou Coll (*apud* Solé, 1998, p. 68), “Procedimento, com frequência chamado também de regra, técnica, método, destreza ou habilidade, é um conjunto de ações ordenadas e finalizadas dirigidas à consecução de uma meta”.

A finalidade dessas estratégias de leitura são pôr em prática os mecanismos de ações mentais que o leitor desenvolve na busca da construção de um sentido do que fora lido, tornando assim, a leitura um ato de aprendizado, porque houve um aproveitamento daquela ação leitora.

As estratégias de compreensão leitora são um tipo particular de procedimento de ordem elevada por contribuírem no processo de absorvimento das ideias propostas pelo texto, assim como uma aplicação cognitiva do que fora compreendido. Verifica-se que estas, cumprem todos os requisitos na caminhada do conhecimento, pois: uma meta é alcançada, permitem avançar o custo da ação de leitor, embora não a preservem totalmente; caracterizam-se por não estarem sujeitas de forma exclusiva a um tipo de conteúdo ou a um tipo de texto. (Solé, 1998, p. 72).

Pode-se dar início com uma estratégia essencial, a da interação entre professor e aluno, formando a relação por meio do ensino. Nesta tarefa, aluno se depara com o desafio de compreender o conteúdo da matéria ali imposta, e o professor é o encarregado de lhe auxiliar e orientar.

A leitura é uma estratégia de interação entre o educador e o aluno. Por meio deste processo é estabelecida uma comunicação e uma troca de ideias, cujas diferentes interpretações do objeto de leitura são presenciadas e levados em conta. A leitura desenvolvida em sala de aula é apresentada por Solé (1998) em três etapas de atividades desenvolvidas com o texto: o antes, o durante e o depois da leitura.

Na opinião da autora, as crianças que crescem com um trabalho na direção do desenvolvimento das dificuldades com leitura, estão mais aptas a atingir níveis

satisfatórios da mesma se fossem previamente orientadas a ler do modo apropriado, quer dizer, se logo ao primeiro contato com a leitura, estas crianças fossem submetidas a determinadas estratégias, com os procedimentos que objetivassem um maior desenvolvimento e autonomia diante do texto, estas crianças se devolveriam de forma bem mais satisfatória. Seguindo os passos sobre as estratégias de compreensão leitora propostas por Solé (1998), temos:

- a) Atividades antes da leitura:
 - I) Levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto;
 - II) Antecipação do tema ou ideia principal como: título, subtítulo, do exame de imagens.
 - III) Expectativas em função do autor ou instituição responsável pela publicação.
- b) Atividades durante a leitura:
 - I) Retificação, confirmação ou rejeição das ideias antecipadas ou expectativas criadas antes do ato de ler;
 - II) Utilização do dicionário para consulta, esclarecendo sobre possíveis dúvidas do vocabulário;
 - III) Identificação de palavras-chave;
 - IV) Suposições sobre as conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, valores, experiências de vida, crenças;
 - V) Construção do sentido global do texto;
 - VI) Busca de informações complementares;
 - VII) Relação de novas informações ao conhecimento prévio;
 - VIII) Identificação referencial a outros textos.
- c) Atividades para depois da leitura:
 - I) Construção do sentido sobre o texto lido;
 - II) Troca de opiniões e impressões a respeito do texto;
 - III) Relacionar informações para concluir ideias;
 - IV) Avaliar as informações ou opiniões expressas no texto lido;
 - V) Avaliar criticamente o texto abordado. (Solé, 1998, p. 72),

Para que essas ideias sugeridas pela autora, possam ser postas em prática, o leitor deve dominar os níveis mais básicos da leitura, e assim, com uma boa mediação do professor que fará a orientação dos procedimentos ao longo de todo processo da leitura. Pode ser sugerido um tipo de leitura específica ou orientado, e algo bem importante é o deixar claro o objetivo que se quer alcançar com aquele ato leitor, se é um tipo de leitura estratégica que busca agregar conhecimentos, facilitando os passos do descobrimento das informações, trata-se de uma leitura deleite, ou apenas para informar-se de um determinado assunto. Leituras como essas são estrategicamente utilizadas nas escolas, e buscam auxiliar na construção de trabalhos e projetos ou para responder questões específicas. Portanto, é de extrema importância utilizar as fases da leitura informativa ou de estudo para se obter uma leitura proveitosa.

Levando em consideração tais aspectos, o ensino de estratégias de leitura surge como novas perspectivas que visam uma potencialização da leitura, que levem os alunos a descobrirem o gosto e o prazer pela leitura, e acima de tudo que aquela leitura faça um sentido pra eles, assim como propicie um desenvolvimento de percepção e visão de mundo diferentes, com mais criticidade e reflexão, ou seja, possibilite aos alunos ultrapassarem dificuldades pessoais e ambientais de forma a conseguir obter um maior sucesso escolar. Essas estratégias podem e devem ser ensinadas nas séries iniciais do ensino fundamental.

5 A IMPORTÂNCIA DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

As sequências didáticas são entendidas como um conjunto de variadas atividades ligadas entre si, planejadas com o objetivo de ensinar um conteúdo, etapa por etapa. Estas são organizadas de acordo com os objetivos que o professor deseja alcançar para a aprendizagem exitosa de seus alunos, elas envolvem determinadas atividades dirigidas de aprendizagem e de avaliação.

Com finalidade de ensinar os alunos a dominar um gênero de texto de forma gradual, passo a passo. Quando uma sequência didática é organizada, o professor deve planejar as etapas do trabalho com os alunos, de maneira a propiciar uma exploração de diversos exemplares desse gênero, estudando as suas características próprias e praticando aspectos de sua escrita antes de propor uma produção escrita final.

Outra importância desse tipo de trabalho se dá no fato de que pode-se trabalhar em conjunto a leitura, escrita, oralidade e os aspectos gramaticais, o que faz mais sentido para quem aprende. Se faz necessário ter alguns conhecimentos a respeito do gênero em discussão o qual se quer ensinar, bem como conhecer efetivamente o grau de aprendizagem que os alunos já possuem desse gênero. Isso é indispensável para que a sequência didática possa ser organizada de tal forma que não fique nem muito fácil, o que provocará um certo desestímulo nos alunos porque não encontrarão desafios, nem muito difícil, o que poderá desestimulá-los a iniciar o trabalho e envolver-se com as atividades.

5.1 As sequências didáticas: causas e efeitos

O surgimento do termo SD data de 1996, em instruções oficiais na França para o ensino de línguas, uma vez que pesquisadores perceberam a necessidade de superação da compartimentalização dos conhecimentos relativos ao campo do ensino de línguas. Para Dolz & Schneuwly (2004, p. 53), “elas procuram favorecer a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor mestria dos gêneros e das situações de comunicação”.

Os mesmos autores complementam que, as SDs devem ser compreendidas como um conjunto de atividades planejadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.

Dessa maneira, compreendem as ações de uma SD as atividades de escuta, leitura, escrita e reescrita de textos (análise linguística), afim de que os limites da gramática normativa sejam superados: [...] esse importante dispositivo didático vem contribuir para uma conscientização da necessidade de se repensar o ensino e a aprendizagem no tocante à escrita numa perspectiva que ultrapassa a decodificação de fonemas, grafemas, sintagmas, frases, indo em direção ao letramento (que implica a aquisição da leitura e escrita). (Nascimento, 2009, p. 68).

Partindo do pressuposto, o referencial do ensino em espiral, ou seja, a compreensão que não devemos tentar esgotar o trabalho com um gênero em uma única série/ano da educação básica, isso por que a maturidade psicolinguística do educando deve ser respeitada, e que este, ao longo dos anos, pode se deparar com o mesmo gênero e, também, que os gêneros transmutam-se e imbricam-se, sendo portanto, necessário voltar a “antigos” gêneros para um entendimento dos mais recentes, segundo (Dolz, Noverraz & Schneuwly, 2004, p. 96), o ensino de um gênero deve:

- permitir o ensino da oralidade e da escrita a partir de um encaminhamento, a um só tempo, semelhante e diferenciado;
- propor uma concepção que englobe o conjunto da escolaridade obrigatória;
- centrar-se, de fato, nas dimensões textuais da expressão oral e escrita;
- oferecer um material rico em textos de referência, escritos e orais, nos quais os alunos possam inspirar-se para suas produções;
- ser modular, para permitir uma diferenciação do ensino;
- favorecer a elaboração de projetos de classe.

No referente, propriamente, à construção da SD nesta pesquisa, é possível destacar que cada detalhe e etapa foram discutidos com os professores colaboradores: os textos, os módulos, as atividades e as questões para o seu desenvolvimento proposto.

As dificuldades encontradas permeiam à correlação entre a resolução das dificuldades dos alunos, pelo desenvolvimento das capacidades de linguagem, à formulação dos comandos para a realização das atividades, e, especialmente, à

adequação à perspectiva do trabalho com gêneros textuais, conforme preconiza o ISD.

Por fim, as capacidades de linguagem equivalem ao “conjunto de operações que permitem a realização de uma determinada ação de linguagem, um instrumento para mobilizar os conhecimentos que temos e operacionalizar a aprendizagem.” (Cristovão, 2009, p. 319). Além do aporte teórico e do modelo didático, também foram consideradas as produções iniciais dos estudantes para planificação da SD. Assim, a avaliação dos textos dos alunos, no gênero em estudo, foi feita uma análise, observando o que o aluno já conhecia e não conhecia a respeito do gênero.

5.2 A sequência básica de Cosson

A sequência básica do letramento literário proposta do Cosson, constitui-se de quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação, os quais serão destacados aqui.

A motivação é dos passos que visa conquistar o interesse do leitor para a leitura, para isso, estratégias devem ser pensadas, a fim de que o objetivo seja alcançado. Desta forma, quando uma atividade ou tarefa se mostra criativa, desperta o interesse de crianças, adolescentes e adultos para o seu desempenho. Da mesma forma se dá no processo de conquista para a leitura, quando há uma moldura, uma forma que permita a interação criativa com as palavras, os alunos se sentirão estimulados a cumpri-la e a farão com prazer.

É como se fossem instigados a adentrar em um mundo, cujas ações os conectassem com o um novo propósito, que é o ato de ler, e que nesse processo, a descoberta pelo gosto e hábito da leitura, ocorrem. Eles passam a ver que o universo dos livros faz parte de suas vidas, e quão importante são os textos que circulam em seu dia a dia. Entendemos, portanto, que o primeiro passo da sequência básica, a motivação, consiste no fomento preparador, ou seja, na incitação que faremos para que o aluno entre no texto. Como cita Cosson (2006, p. 54), “O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”.

Dessa forma, compreendemos que as práticas de motivação devem estar conectadas a laços estreitos com o texto que será lido, com isso, o estímulo para tal tarefa pode ser conduzido por meio de uma proposta para que o estudante responda uma questão ou posicione-se diante de um tema, ele verá que há um propósito para a leitura e se sentirá impulsionado a realizá-la, pois terá que apresentar uma resposta ao que foi questionado.

A fito disso, a motivação é levar o aluno ao contato com a obra literária de forma prazerosa, fazendo com que este se influencie e crie expectativas para a leitura, porém, compreende-se que essa expectativa não silenciará nem o leitor ou o texto, e que o que realmente importa é se o leitor recebeu bem, a motivação, segundo Cosson (2006, p. 56), "... as influências sempre existem em qualquer processo de leitura". Contudo, as influências não possuem o poder de fazer com que o aluno leia, opte por determinado gênero.

Outro ponto a destacar é a concomitante tarefa de por meio da motivação, envolver leitura, escrita e oralidade, mesmo que nem sempre seja feito dessa forma, observamos quão positiva é a inserção da motivação no processo de leitura. Isso por que, conforme explica Cosson (2006, p. 57),

Compor a motivação com uma atividade integrada de leitura, escrita e oral parece ser uma medida relevante para a prática do ensino de língua materna na escola. Além disso, essas atividades integradas de motivação tornam evidente que não há sentido em separar o ensino da literatura do ensino de língua portuguesa porque um está contido no outro. (Cosson, 2006, p. 57)

A motivação assume um relevante papel no quesito integração do processo leitor, uma vez que permite o perfeito diálogo entre a língua portuguesa e a literatura, o que por vezes é feito um desmembramento dessas áreas, sendo que uma está contida na outra.

Aborda-se agora a apresentação, pois esta é definida como a parte inicial do autor e da obra. Além disso, enfatizar as características do autor e da obra no momento da iniciação da leitura provoca uma boa aceitação do texto. Consequente a isso, recomenda-se que a apresentação não se alongue em extensa biografia que não interessará ao leitor da obra em questão, mas que sejam expostos os pontos importantes da vida do autor, principalmente, ligados ao texto que será lido.

Posteriormente, apresentar-se o autor, também se deve ter um especial cuidado ao apresentarmos a obra. Por vezes, aquele texto é interessante, leva-se para o aluno, com o entendimento que este falará por si só.

A valer, muitas vezes, ela fala e a participação do professor não intercede na compreensão, contudo, vale lembrar que num processo pedagógico, mostrar um direcionamento é sempre uma acertável conduta. Logo, cabe ao professor fazer referências à obra, apontando sua importância e justificando sua escolha, e para não estragar o prazer da descoberta, na apresentação não se deve fazer um resumo da obra, deixar que os alunos se deparem com as surpresas e encantamentos dos textos literários.

Seja qual a estratégia de apresentação usado pelo professor na apresentação, é necessário que a obra possa ser mostrada fisicamente aos leitores. O que pode ser por meio de uma visita à biblioteca, simples retirada do livro da estante da sala de aula, só que, de certa forma, haja uma espécie de cerimonial para dar importância àquele momento. Por fim, é como se um convidado adentrasse à sala, e fosse dada toda relevância a ele.

A apresentação física se realiza no momento que o aluno pode manusear o livro, ou no caso de uma cópia ou reprodução, e observar a capa, a orelha, caso seja um livro, assim como outros elementos paratextuais de introdução da obra. O levantamento de hipóteses sobre o assunto abordado, para depois haver a comprovação ou refutação, também são passos importantes na apresentação da obra. Desta forma, Cosson (2006) recomenda a leitura dos elementos paratextuais, orelha e contracapa, para ajudar na interpretação do texto e para que os professores justifiquem suas escolhas por determinada obra, ele cita, Cosson (2006, p. 61), “As apresentações críticas presentes nas orelhas ou na contracapa são instrumentos facilitadores da introdução e muitas vezes trazem informações importantes para a interpretação”.

Segundo Cosson (2006), os prefácios também são elementos de fundamental importância para a apresentação da obra, isso porque eles fazem parte da estrutura instrumental que apresentam atividades específicas que confrontam com as expectativas do leitor e oferecem ferramentas para futuros debates, assim como projetam-se para possíveis atividades que serão desenvolvidas antes, durante ou depois da leitura.

Finalmente, é preciso que o professor leve em conta que a apresentação não pode se alongar muito, já que sua função é fazer com que o aluno receba o texto de forma positiva e que seu interesse em ler, seja despertado. Dessa forma, o que será aferido nessa apresentação necessita de critérios bem definidos para que sua finalidade seja alcançada e exitosa seja a leitura.

Por fim, chega-se ao passo da leitura, que é a ação ou hábito de ler. A palavra deriva do latim "*lectura*", originalmente com o significado de "eleição, escolha, leitura". Nesse passo é importante perguntar aos alunos se eles gostam de ler, e se sim, como adquiriram o hábito da leitura.

Nessa etapa proposta pelo letramento literário, é primordial o acompanhamento da leitura, ou seja, estar sempre conversando com os alunos sobre o andamento da leitura, sobre detalhes da obra, para que não ocorra algo que é muito comum entre os estudantes, no processo de leitura de uma obra, que é pular partes do livro, por exemplo, leem apenas a introdução e a conclusão do texto, deixando de lado, uma das partes mais importantes que é o desenvolvimento, onde estão as informações mais relevantes da história, os detalhes, o desenrolar dos fatos etc.

Quando se trata da leitura de um texto, não há muito o que se fazer, pois a leitura é feita em sala e o processo já é concluído ali mesmo. O processo de leitura na escola deve ser acompanhado, isso porque, deve-se dar um direcionamento, ter objetivos claros que devem ser cumpridos e que não podem ser perdidos de vista, todavia, esse acompanhamento não deve ser visto como policiamento, ou seja, o professor acompanha seu aluno, auxiliando-o nas dificuldades, conduzindo-o no caminho do letramento.

Dessa forma, quando se trata de uma obra, a leitura deve ser realizada em casa, ou num ambiente propício, para que o aluno tenha todas as condições de realizar uma boa leitura. E, durante esse período de leitura, cabe ao professor, solicitar dos alunos que apresentem resultados de seus processos, por meio de conversas informais sobre o conteúdo do livro, detalhes. Cosson (2006, p. 63) reafirma a relevância da leitura de uma literatura:

A leitura do texto literário, como já observamos antes, é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente. Conhecer a história ou saber o final de um romance jamais substitui essa experiência, tanto

que continuamos a ler obras cujos “segredos” são amplamente conhecidos. (Cosson, 2006, p. 63)

Ler uma obra implica numa experiência singular, suas nuances, detalhes apresentados, a viagem que fazemos percorrendo “os mundos” dos personagens, não pode ser substituído pela mera informação do que ocorre no final. É além de tudo uma experiência estética, a leitura de um clássico, por exemplo.

A emoção proporcionada não pode ser comparada ao fato do que o que simplesmente a história conta. Como dica, nesse momento de leitura, Cosson (2006) recomenda que se leia textos mais curtos que abordem a mesma temática da obra em processo de leitura, ou então, leitura conjunta de um capítulo e a seguir que se realize um debate para analisar recursos interessantes da parte lida que contribuem para a obra no seu geral.

Sempre ao fazer a indicação da obra, é importante conversar com os alunos sobre o período de realização da leitura, e dentro desse período propor intervalos para diálogos sobre o texto, no sentido de procurar saber como está a leitura, se estão sentindo dificuldades, de que tipo, em que passo da leitura, se na compreensão da temática, do vocabulário.

Por meio dos intervalos, o professor instigará os alunos sobre as descobertas feitas no processo, se estão satisfeitos com o texto, se suas expectativas foram superadas, ou se se decepcionaram com o que leram, é, portanto, um processo de interação e verificação das adversidades, em que o professor pode auxiliar os alunos para que a leitura se edifique e cumpra com seu propósito.

Segundo Cosson (2006), “a interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção de sentidos do texto...”, ou seja, é ação ou efeito que se estabelece numa relação de percepção da mensagem que queira transmitir, e envolve o autor, o leitor e comunidade. A palavra supracitada tem origem do latim *interpretatīo,ōnis* que significa “explicação, sentido”. Por isso, a interpretação pode caracterizar o processo que leva um indivíduo a compreender um determinado feito e sua posterior declamação.

Somos conhecedores das amplas questões envolvendo o processo interpretativo, suas práticas e postulados, por vezes considerados impossíveis de

serem conciliados, isso se deve ao fato de que a literatura traz implícita ou explicitamente uma definição do que seja ou como se deve proceder na interpretação de obras literárias. Por isso, não são desconsiderados tais fatos, contudo iremos propor no cenário de letramento literário, dois momentos: um interior e outro exterior.

Cosson (2006), descreve o momento interior como uma decifração que se dá palavra por palavra, página a página, capítulo por capítulo e culmina na assimilação global da obra lida. É uma espécie de encontro do leitor com o texto, de caráter individual e se concretiza como fundamental na experiência da leitura literária, sendo insubstituível por qualquer outro processo, por exemplo, o resumo da obra ou artifícios de intermediação, como assistir ao filme que conta a mesma história.

É um momento mágico, em que a obra mostra sua potência e faz com que o leitor se encontre ou se perca em suas entrelinhas. Por isso, o referido autor compara o texto literário a um labirinto de muitas entradas, porém, a saída precisa ser construída através de sua leitura completa, é um procedimento impactado pelo que foi feito antes e durante a leitura.

Em suma, podemos relembrar aqui os elementos de motivação, introdução e leitura, como fundamentais no procedimento escolar de letramento literário. Consoante a isso, Cosson (2006, p. 65), “A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Posto isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social”. Em outras palavras, nossas experiências, gostos e conhecimento de mundo vai interferir na maneira como interpretaremos a obra lida. Portanto, ato de leitura sempre contemplará a esfera do social, pela interação que se dará quando entramos no universo do texto e nos vemos como sujeitos capazes de assimilarmos o que lemos e além do mais, colocarmos em prática aquele conhecimento adquirido por meio da leitura.

Verificamos a relevância desse momento nas palavras de Cosson (2006):

O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela. Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro

e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela...
(Cosson, 2006, p. 65)

Isso implica dizer que findada a leitura da obra, possamos fazer a indicação desta para outros leitores, tendo o pleno domínio e propriedade para a indicação, porque o livro lido impactou-nos, fez sentido em nossas vidas. Na escola, é fundamental compartilharmos a interpretação para assim ampliar os sentidos construídos individualmente. Com isso, é na interpretação que há a propagação dos horizontes da leitura, sendo, portanto, um ponto de construção coletiva de sentidos, formando uma comunidade de leitores imbuídos numa etapa importante e final em seu mais alto ponto.

É uma tarefa que requer muita organização, contudo sem imposição, e acima de tudo, ser capaz de compreender e supor que poderá haver mais de uma interpretação, mas que nem todas têm validade. É válido ter coerência nesse processo de interpretação, buscando limites na própria obra e não nos preconceitos que rodeiam o letramento literário.

A atividade de interpretação aqui compreendida, passa pelo processo de externalização, ou seja, que seja registrado o que foi compreendido, após o processo de leitura da obra, que poderá ser de diversas formas, dependendo do nível e idade do leitor.

Cosson chama atenção para o registro da interpretação, dizendo que não é necessário que seja um grande e notável evento, conforme cita, Cosson (2006)

(...) nem sempre é necessário um grande evento como uma feira cultural. O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar. (Cosson, 2006, p. 68)

Com isso, se percebe que a importância é o registrar a interpretação, porém, há várias outras maneiras, que também são boas para concretizar esse momento. Não havendo a necessidade de um mega evento, por exemplo uma feira cultural, para o registro da interpretação. Desta forma, o que se faz necessário é que a leitura feita seja externalizada, compartilhada com outros públicos. Logo, portanto, para que haja uma propagação do que foi lido, e que o aluno possa expor a sua reflexão da obra lida, para que possa incentivar outros alunos da comunidade escolar.

6 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

6.1 Tipo de pesquisa

O procedimento metodológico da investigação deste trabalho foi uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa, pois se propôs a aplicar uma intervenção a partir da situação-problema observada no espaço da pesquisa, numa turma de 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública localizada no município de Russas, mais especificamente no distrito de Flores.

O presente estudo se apresentava com a intenção de contribuir para a melhoria no apreço pela leitura literária dos alunos do 9º ano, do Ensino Fundamental, de uma escola pública no município de Russas-CE, através da proposta teórico-metodológica denominada de pesquisa-ação, que tem como condição necessária a participação das pessoas envolvidas (Thiollent, 1987 e 2011).

É um tipo de “estudo com base empírica que é concebida e realizada com uma ação ou resolução de um problema coletivo, onde os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo” (Thiollent, 2011, p. 20). A abordagem se deu por duas etapas: processo de investigação, denominado ciclo básico da investigação-ação e a fase exploratória.

O estudo adotou a metodologia do tipo pesquisa-ação, desenvolvida mediante uma sequência básica a ser organizada a partir de oito encontros presenciais que aconteceram semanalmente, com duração de uma hora aula. Como estratégia forma utilizadas às aulas iniciais, nas sextas-feiras, no horário de 7h às 7h55min.

Foi utilizado o dispositivo metodológico denominado Sequência Básica, desenvolvido pelo pesquisador brasileiro Rildo Cosson (2018), com o objetivo de criar uma metodologia do ensino da língua, na qual os alunos pudessem se apropriar de práticas de leitura configuradas em gêneros de textos.

Nosso letramento literário foi elaborado segundo o modelo proposto por Cosson (2018). O autor prescreve dois modelos de sequência didática para serem usadas no letramento literário: a sequência básica e a sequência expandida. No nosso estudo, optamos pela sequência básica, já que ela é mais adequada para o trabalho com turmas do ensino fundamental. Neste trabalho contemplamos oito

oficinas. A primeira foi destinada à apresentação do letramento literário, e a última, contemplamos o encerramento da intervenção com uma dinâmica proposta por Cosson (2018).

As demais oficinas foram divididas em duas etapas: momento motivacional, introdução, prosseguindo-se na oficina seguinte com os dois outros momentos da sequência que são: a leitura e o momento da interpretação.

Como ficou evidente ao longo desse trabalho, escolhemos utilizar as crônicas de humor de Luís Fernando Veríssimo pela irreverência ao tratar os assuntos cotidianos, sempre com requintes de humor, sarcasmo e ironia. As crônicas desse autor foram selecionadas de coletâneas e livros do autor.

As três crônicas escolhidas para o letramento foram “Metamorfose” (In: VERÍSSIMO, 1992, p.50-51), “Emergência” (In: VERÍSSIMO, 1982, p. 52-54y) e “Tinho” (In: VERÍSSIMO, 2010, p. 65-66), todas apresentam uma temática humorística, com um tom de criticidade e uma abordagem do cotidiano de forma sarcástica e irônica, fatores estes que fizeram com que elencássemos tais textos.

Contudo, cada uma delas apresenta uma abordagem singular dos fatos do cotidiano. Em “Metamorfose”, Veríssimo, nos presenteia com uma crônica que de forma muito sutil, deixa em evidência a oposição entre o mundo interior e o mundo exterior da personagem, ao deixar transparecer seus diversos conflitos. Com seu peculiar e refinado humor, o autor transporta os leitores a uma série de reflexões essenciais acerca de temas marcantes do dia a dia.

Por meio da intertextualidade explícita, fazendo referência clara à obra “A Metamorfose”, de Franz Kafka, para comparar o processo de humanização de uma pessoa ao processo de humanização da ex-barata.

Luís Fernando Veríssimo faz uma crônica com um pensamento filosófico e questionador. Ao utilizar o diálogo entre seu texto com a obra de Kafka, que fala de um homem que se transforma em uma barata. Porém, Veríssimo faz o inverso, ele transforma uma barata em mulher.

Já a crônica, “Emergência” cuja temática gira em torno do medo de viajar de avião da personagem, com um tom fortemente humorística, Veríssimo narra a história do personagem em sua primeira viagem de avião. Com um magistral domínio da linguagem e do ritmo da narração e com uma admirável economia no uso das palavras, com diálogos em discurso diretos, o autor trata com um humor e

refinada ironia de uma situação corriqueira, enfocando aspectos simples do cotidiano.

E, na crônica “O Tinho”, Veríssimo versará mais uma vez sobre o cotidiano e as relações humanas. Nesta crônica, o autor nos apresenta um personagem que representa de forma particular, a realidade brasileira, ou ainda, o objetivo de muitos brasileiros, cujos sonhos estão atrelados ao enriquecimento e fama por meio do futebol. Usando essas criações como forma de ironizar questões sociais e políticas.

Dessa maneira, faz uma crítica velada e carregada de humor, apresentando-nos heróis anônimos, e por meio de grandes e pequenos gestos, contempla a complicada engenharia familiar, o trágico e o cômico combinados na estranha sinfonia do cotidiano, enfim, ambientes, personagens, transitam na esmagadora malha da sociedade moderna, dos mais recônditos recantos deste país, e em seus textos, o autor procura descrever a vida corriqueira dessas pessoas.

Veríssimo não se satisfaz em descrever os fatos e as suas ideias. Torna-as claras e compreensíveis para seus leitores, transformando-se assim em um porta-voz inteligente dos problemas da atualidade.

Conforme explicitado anteriormente, contemplamos a sequência básica de Cosson (2018), por meio de uma intervenção com crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Com o intuito de desenvolver nos alunos o prazer pela leitura, ou seja, efetivar o letramento literário, numa proposta de um leitor fruidor e com prazer em praticar a leitura.

Para Cosson (2018), o letramento literário consiste em escolarizar a literatura, ou seja, trazer a literatura para dentro da escola de forma que esta não perca o verdadeiro sentido, que é humanizar, não tomá-la somente como uma disciplina, sem contextualização e discussão. A leitura precisa fazer sentido para os leitores, não pode ser desconectada da realidade. Nesse ponto, as crônicas de Veríssimo, cumprem bem esse papel, sempre trazem as mazelas da sociedade para discussão e reflexão.

É dessa forma que pretendemos abordar as crônicas em nosso letramento, atrelando a uma questão social, fazendo com que o aluno reflita e veja sentido naquilo que leu, possibilitando que este passe a apreciar o ato de ler, pois verá quão utilitário e enriquecedor passa a ser a literatura em sua vida.

Elencamos atividades, que foram desenvolvidas com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, anos finais, previstas e realizadas um total de oito aulas, em que foram trabalhadas as crônicas de Luís Fernando Veríssimo.

Consequente a isso, as aulas foram aplicadas na quinta aula da semana, destinada à produção textual e tiveram foco na sequência básica de Cosson (2018), desenvolvida com a finalidade de apreciação do ensino da leitura, despertar o interesse do aluno pela leitura, assim como a análise interpretativa deste gênero.

Para Cosson (2018), a sequência básica de letramento literário é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação é o núcleo de preparação do aluno para entrar no texto (encontro leitor e obra sem silenciá-los). A promoção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais da construção da motivação (Cosson, 2012, p. 55), pode ser feita por meio da leitura, da oralidade e da escrita, no entanto não deve ultrapassar o trabalho de uma aula.

Outro ponto, vem a introdução que é o momento de apresentação do autor e da obra. Todavia, essa parte deve ser breve, pois entre outros contextos ela é uma das que acompanham o texto. Neste momento fornecer informações básicas sobre o autor é suficiente e, se possível, ligadas àquele texto (Cosson, 2012, p. 60). É preciso falar da obra e de sua importância, justificando assim a escolha. Mostrar a obra física, chamando a atenção para a capa, a contracapa, a orelha, o prefácio e outros elementos paratextuais que introduzem a obra. No caso das crônicas, apresentar o livro no qual estão inseridas, assim como o texto, sendo entregue uma cópia para os alunos.

Na etapa da leitura parte essencial da proposta de letramento literário, o acompanhamento desse processo é fundamental. A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista (Cosson, 2012, p. 62). O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, e sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura (Cosson, 2012, p. 62).

Por fim, a interpretação que se configura como o momento de construção dos sentidos, por meio de inferências que envolvem o autor, o leitor e a

comunidade. Para Cosson (2012, p. 64), a interpretação envolve práticas e postulados numerosos e impossíveis de serem conciliados, pois toda reflexão literária traz implícita ou explicitamente uma concepção do que seja interpretação ou de como se deve proceder para interpretar textos literários.

Essas interpretações acontecem em dois momentos: um interior (que passa pela decifração/pelo íntimo, por meio da história de leitor do aluno, das relações familiares e tudo que constitui o contexto de leitura) e o outro exterior (quando ocorre a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade, por meio compartilhamento da interpretação com os colegas e professor).

As atividades de interpretação devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro Cosson (2012, p. 66). É aqui que se propõe um momento para que os alunos possam exteriorizar o que compreenderam, por meio da exposição de seus registros por meio de desenho, resenha, paródia, vídeo, fotografia, escrita, artes plásticas, expressão corporal entre outros.

Descreveremos a seguir, cada uma das oficinas desenvolvidas com os alunos.

6.2 Descrição das oficinas

A oficina 1, denominamos de “Despertando para a temática”, pois foi feita uma apresentação sobre o trabalho que foi desenvolvido com os alunos, assim como uma abordagem sobre a relevância deste. Explicamos para os estudantes que seria feito um trabalho com leitura de crônicas de um renomado cronista, o Luís Fernando Veríssimo, com o intuito de despertar para o gosto pelo ato de ler. Contamos com a participação da professora de Língua Portuguesa, que ministra aula nessa turma, para falar um pouco sobre a importância da leitura, onde foram abordadas as contribuições desse processo leitor na vida estudantil do aluno, assim como para a sua vida inteira. Pois, de acordo com Paulo Freire, “A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito.” (Freire, 2002, p. 14)

Os alunos também apresentaram seus questionamentos à respeito das concepções mostradas. E, na sequência, apresentamos as principais

características do gênero a ser trabalhado, assim como uma breve biografia do autor.

Conversamos também sobre a escolha do gênero crônica, por se tratar de um texto curto e com uma linguagem simples, assim como a seleção dos textos que seriam trabalhados. Aqui reside uma importante etapa do processo que visa atingir o letramento literário: a escolha do texto a ser lido.

Sabemos, contudo, que nem sempre o aluno, futuro leitor do texto selecionado, faz parte desse processo de escolha, e a escola assume, assim, uma postura majoritária. Se ao aluno não cabe participar desse processo, cabe à escola ao menos analisar, estudar e garantir a adoção de obras que contribuem para o desenvolvimento da educação estética, e da formação social do indivíduo, além do despertar para os valores morais.

Na oficina 2, seguimos os passos da sequência básica de Cosson (2018). Nesta aula, contemplamos a motivação e a apresentação. Para a motivação, apresentamos a palavra metamorfose e perguntamos aos alunos se eles sabiam o significado. Prontamente, alguns falaram que sim, que se tratava de transformação, já outros, relataram que nunca haviam ouvido tal palavra.

Apresentamos o significado de acordo com o *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 1993, p.446): Mudança ou alteração completa no aspecto, na natureza ou na estrutura de alguém ou de alguma coisa; transformação; [Biologia] Transformação pela qual passam alguns animais que, no decorrer do seu processo de desenvolvimento, resulta numa forma e numa estrutura completamente diferentes das iniciais; [Figurado] Alteração de personalidade, modo de pensar, aparência, caráter. Etimologia (origem da palavra **metamorfose**). A palavra metamorfose deriva do grego "metamórphosis,eos", pelo latim "metamorphosis,is", que significa transformação.

Na sequência, entregamos a letra da música "Metamorfose ambulante" (1973), de Raul Seixas para os alunos. Realizamos a leitura desta canção e em seguida, a escutamos a música. Contextualizamos e discutimos a temática abordada pela letra da música. Para entender a letra num todo, temos que prestar atenção ao significado das palavras metamorfose e ambulante separadas, e depois nas duas juntas. Então a junção dessas duas palavras: metamorfose + ambulante,

quer dizer que a pessoa prefere mudar sem se preocupar onde está naquele exato momento, contanto que continue se transformando.

Concluimos com a observação que na poesia simples da música “Metamorfose ambulante” (1973) o compositor reverencia a ideia de romper com padrões sociais, chamados de “aquela velha opinião formada sobre tudo”. Para Raul, a possibilidade de mudar constantemente é libertadora. O músico aponta para uma superação do acirramento político-ideológico que marcou sua época.

Para a apresentação, conversamos sobre as características do gênero crônica assim como, abordamos as principais informações sobre Veríssimo. Mostramos para os alunos, a crônica que será trabalhada na aula seguinte: “Metamorfose” de Luís Fernando Veríssimo, levantando hipóteses junto aos alunos, sobre qual seria a temática abordada no texto.

Na oficina 3, chegamos ao passo da leitura. Distribuimos cópias do texto “Metamorfose” para os alunos e orientamos que realizassem uma leitura silenciosa. A seguir, solicitamos que realizassem a leitura oral paragrafada. Realizamos um debate sobre a temática da crônica e fizemos comparações com a música discutida na oficina anterior.

Fizemos uma abordagem sobre quem foi Kafka, e um dos seus famosos livros, *A metamorfose*, apresentando um breve comentário a respeito da obra cuja temática pretende mostrar um indivíduo excluído do sistema de relações humanas, subtraído da qualidade inerente à sua personalidade, sem autonomia e autodeterminação. Um indivíduo do qual furtaram a própria dignidade.

Para a interpretação, trouxemos três questões discursivas sobre a crônica “Metamorfose”, orientamos a resolução e que os alunos apresentassem em plenária, suas considerações.

Na oficina 4, realizamos então, uma nova sequência didática com uma outra crônica do Veríssimo, *Emergência*, em que fora abordada uma nova temática. Para isso seguimos mais uma vez os passos da sequência de Cosson (2018).

Para a motivação, sugerimos a música “Medo de avião” (1979), do cantor e compositor Belchior, para escuta e debate da temática. No debate, observamos os elementos principais da narrativa, inclusos todos no primeiro verso, e que compõem o retrato: o medo fragilizante, infantilizante, e a tensão de segurar a mão de uma mulher pela primeira vez.

Na introdução, apontamos informações sobre o autor Luís Fernando Veríssimo e sobre a sua obra. Nessa etapa, é importante o contato do aluno com livros do escritor. Apresentamos então, alguns exemplares de livros de Veríssimo.

Apesar de ser aparentemente uma atividade simples, a introdução requer do professor muita atenção e cuidados. Primeiramente é necessário ser cauteloso para que o momento de apresentação do autor, assim como da obra, do texto que será lido, não percam seu foco e se transformem em uma extensa e expositiva aula de dados biográficos do autor, e comentários extensos da obra, que em nada interessam aos alunos, senão a pesquisadores. Neste tempo dedicado à introdução é satisfatório que se ofereçam informações básicas sobre o autor e, quando possível, ligadas àquele texto.

Chegamos à oficina 5, onde propiciamos o terceiro momento, que é o da leitura. Propomos, então, a leitura da crônica “Emergência”, de Luís Fernando Veríssimo, que foi lida de forma dialogada pelos alunos. Fizemos uma divisão das falas de cada personagem com os alunos. Estes realizaram a leitura como se estivessem atuando, dando entonação às falas.

A etapa seguinte foi o momento da interpretação, em que colocamos a atividade explorando o texto. A turma foi dividida em grupos para a realização da atividade proposta. Em seguida, fizemos um debate sobre a temática e uma analogia com a música do Belchior.

A oficina 6, a qual demos o título de “Futebol nosso de cada dia”, para o momento motivacional teve por tema o futebol, pelo qual a paixão do brasileiro é enorme. Na atividade 1, para discussão, colocamos algumas perguntas para instigar o aluno a uma reflexão crítica. O objetivo era fazer o aluno pensar e aprender a se posicionar.

Na introdução, intitulada “Conhecer para aprender”, apresentamos um quadro informativo sobre o gênero crônica, apresentando os diversos tipos de crônicas.

Apresentamos também algumas curiosidades sobre nosso autor, Luís Fernando Veríssimo. Em seguida, sugerimos a leitura da música “Uma partida de futebol” (1997), do grupo Skank. Após a escuta da música, conversamos com os alunos sobre o texto, abordando a temática relacionada ao fato bem recorrente que é, dos muitos garotos que sonham em ser jogadores de futebol.

Conversamos também sobre a maneira que a música narra uma partida de futebol, na qual, podemos perceber o encadeamento das ideias, sugerindo o andamento de um jogo.

Nesta oficina 7, no momento da leitura, utilizamos a crônica “O Tinho”, de Luís Fernando Veríssimo. A leitura foi realizada, primeiramente de forma silenciosa, e a seguir, propusemos que a crônica fosse lida de forma coletiva pelos alunos. Conversamos com os alunos sobre a temática abordada no texto. O fato de que muitas vezes, por uma ambição desmedida, acabamos nos entregando a situações de perigo e que podem nos trazer grandes problemas.

Para efetuar a interpretação, trouxemos uma atividade de exploração do texto. E, para encerrar a oficina, apresentamos um vídeo com momentos memoráveis do futebol brasileiro e, trechos de uma entrevista com um dos maiores jogadores do Brasil, o nosso rei, Pelé.

A etapa em que se chega à construção do sentido do texto foi o último passo da sequência básica proposta por Cosson (2018). A orientação do autor é que essa etapa seja dividida em duas partes: uma interior e outra exterior. O momento interior é aquele marcado pela decifração do texto minuciosamente para que se atinja a compreensão global da obra. É a oportunidade em que cada leitor, individualmente, irá expor como foi seu encontro com a obra, suas experiências, portanto esta etapa não pode ser banalizada e marcada por mecanismos pedagógicos como resumos.

É fundamental que a externalização do texto seja feita de maneira organizada, sem imposições e democrática, reconhecendo a existência de mais de uma interpretação. O marco desse momento é o registro. A maneira como a leitura será externalizada dependerá do tipo do texto, a idade e o ano escolar do aluno. O objetivo aqui é fazer uma reflexão sobre a obra lida e compartilhá-la com outros leitores.

No decorrer das realizações dessas oficinas, apresentamos crônicas de tipologias variadas e que abordam diferentes assuntos. O propósito sempre foi familiarizar o aluno com os diversos tipos de crônicas. Com um objetivo muito de claro de despertar o interesse dos alunos pelo hábito da leitura, contudo, reconhecemos que “nem tudo são flores”, nesse percurso.

Assim, os desafios para desenvolver práticas satisfatórias utilizando o texto literário são grandes, principalmente em escolas públicas, uma vez que alguns itens citados pela autora, como bibliotecas aparelhadas e acervo disponível não estão presentes em todas as unidades escolares. Outro fator importante mencionado pela autora é a figura do professor leitor e com boa fundamentação teórica e metodológica, o qual segundo Lajolo (2008, p.108) nem sempre assim se apresenta:

A gravidade aumenta quando se sabe que, para muito além do conhecimento mecânico de metodologias e técnicas de desenvolvimento da leitura, a formação de um leitor exige familiaridade com grande número de textos. É preciso, pois, que haja espaço para leitura nos cursos destinados a profissionais de leitura. Se afirmar isso soa redundante, cumpre lembrar que, em tais cursos, a ênfase fica geralmente por conta da prescrição de títulos, e do treinamento em atividades como fazer cartazes, recortar figuras, dramatizar textos, fazer jograis. Atividades interessantes, e que podem realmente tornar mais agradável o tempo de escola, mas que são inócuas quanto ao papel que representam na interação leito-livro, que é afinal, aquilo em que a leitura consiste. (Lajolo, 2008, p.108)

Esses fatores são fundamentais para implementação de qualquer prática de letramento, somos sabedores que sem suportes pedagógicos, nós professores ficamos presos a práticas não exitosas, no processo de incentivo à leitura. Outro ponto a se discutir é a formação dos docentes, se faz necessário um investimento nesse sentido, para que este tenha condições de atuar como um agente efetivo no processo de ação leitora.

Para encerramento das oficinas, sugerimos uma das dinâmicas apresentada por Cosson (2018) no seu livro *Letramento literário*, “quadrilha”, descrita na sequência e execução das oficinas. Por fim, esperamos que nosso trabalho com as sequências didáticas de Rildo Cosson, possa contribuir efetivamente para o desenvolvimento do interesse dos alunos em ler textos dos mais variados gêneros, assim como despertarem para o prazer da leitura de livros e que estes passem a entender que a leitura literária desempenha uma grande e relevante importância em suas vidas.

6.3 Planejamento e execução da sequência básica de Cosson

É papel da escola procurar resgatar o valor da leitura, como ato de prazer e requisito para emancipação social e promoção da cidadania. A leitura, além de ser instrumento para a construção do saber em sala de aula, porque, através do

universo dos livros se partilha todo tipo de conhecimento, também se cria um indivíduo crítico-reflexivo, capaz de interferir efetivamente em questões de natureza social, ou seja, um cidadão apto e pronto para transformar a sociedade em que vive.

No entanto, percebeu-se que cada vez, menos jovens desenvolvem o hábito diário da leitura. As razões são as mais diversas possíveis: apatia perante o texto, que na maioria das vezes é escolhido pelo professor, com o propósito de um trabalho de interpretação e compreensão textual, na forma de lista de exercício, ou usado como pretexto para exploração de assuntos de ordem gramatical. Alguns estudantes também recusam o texto devido a sua extensão e ainda pelo simples fato injustificável, de que não gostam de ler.

Nesse sentido, observamos que tais dificuldades perduram nos alunos por muito tempo, chegando ao final do Ensino Fundamental, sem que os estes adquiram o gosto e interesse pela leitura. Fator esse que muito tem prejudicado a caminhada estudantil, uma vez que, tais estudantes, ao passarem sua jornada de tempos na escola sem desenvolver suas habilidades leitoras, certamente, não se desenvolveram integralmente, uma vez que, por não possuírem uma criticidade aguçada, se veem como coadjuvantes perante diversas situações cotidianas.

Um passo importante, nessa empreitada de melhorar e incentivar o interesse pelo universo da leitura, seria planejar atividades e estratégias que que abordassem as características de um determinado gênero a ser trabalhado, permitindo-lhes a aproximação com os conhecimentos que devem ser construídos.

Verificando nas etapas de trabalho, se verdadeiramente, o estudante desenvolvera habilidades de ver a leitura como sua aliada, na construção de um pensar crítico e que este, fosse capaz de refletir seu papel social diante da realidade apresentada.

Temos ciência da indispensabilidade da leitura e precisamos reconhecê-la como atividade socialmente essencial, no dia a dia e na vida de nossos estudantes, isso porque a vida individual, social e cultural de um sujeito se efetiva por meio da aquisição de conhecimento dos mais variados campos.

E é por intermédio da leitura, desde a mais tenra infância, até a fase final do seu desenvolvimento, que esses saberes são veiculados e, se desenvolvem em potencialidades intelectuais de cada um, tornando o indivíduo um ser pensante,

com habilidades e competências para aprender, se desenvolver e progredir. “O ato de ler não nasce com o indivíduo, assim como as outras funções vitais. Este ato precisa ser ensinado e aprendido, e neste processo o professor é o mediador” (Barbosa, 1990).

Diante das considerações feitas, iniciamos o planejamento da sequência básica. E a aplicação da primeira oficina ocorreu na mesma semana, nas aulas do período da manhã, na sexta-feira, dia 01 de setembro de 2023, em uma aula de 55 minutos. A distribuição das atividades aconteceu da seguinte forma:

6.4 Cronograma do letramento literário

PLANEJAMENTO DAS OFICINAS

PRIMEIRA OFICINA - DESPERTANDO PARA A TEMÁTICA

DATA: 01/09/2023

Objetivos:

- ✓ Apresentar a proposta de trabalho aos alunos através de uma conversa informal.
- ✓ Estimular nos alunos o interesse pela temática a ser abordada.
- ✓ Conhecer o gênero crônica.

Atividades 1:

- ✓ Conversa com os alunos sobre a proposta de intervenção, a abordagem a ser realizada e as contribuições que eles darão ao participarem das atividades;
- ✓ Aplicação de questionário escrito para sondagem sobre a importância e hábito da leitura e o conhecimento sobre a literatura brasileira;
- ✓ Conversa dirigida sobre as temáticas abordadas na proposta de intervenção

Atividades 2:

- ✓ Participação da professora do componente Língua Portuguesa, em debate sobre a importância da leitura de textos literários nos anos finais do ensino fundamental.
- ✓ Discussão sobre ideias e concepções acerca da temática abordada, “O papel da leitura no cotidiano escolar”.

- ✓ Apresentação em slides sobre o gênero crônica, suas principais características.

SEGUNDA OFICINA – PONTOS DE VISTA

DATA: 08/09/2023

Objetivos:

- ✓ Motivar os alunos à leitura de uma crônica de Luís Fernando Veríssimo.
- ✓ Conquistar o interesse do leitor para a leitura.
- ✓ Apresentar o autor e a obra. Enfatizar as características do autor e da obra objetivando uma boa aceitação do texto.

Atividade 1 — Motivação:

- ✓ Apresentando a palavra metamorfose e perguntando se os alunos sabem o que significa.
- ✓ Entregando a letra da música “Metamorfose ambulante” de Raul Seixas para os alunos.
- ✓ Realizando a leitura e a seguir a escuta da música.
- ✓ Debatendo a temática do texto com os alunos, refletindo sobre a importância das opiniões e suas mudanças.

Atividade 2 — Introdução:

- ✓ Apresentando o autor Luís Fernando Veríssimo, por meio de uma foto deste.
- ✓ Comentando que este autor é um grande cronista e, que iremos discutir alguns textos do gênero crônica do referido autor.
- ✓ Apresentando em slides algumas obras do autor e comentando que seus textos transitam entre o humor e a crítica.
- ✓ Mostrando o texto que será trabalhado na próxima aula.

TERCEIRA OFICINA – VIAJANDO NA TEMÁTICA

DATA: 15/09/2023

Objetivos:

- ✓ Realizar a leitura da crônica “Metamorfose” de Luís Fernando Veríssimo.
- ✓ Debater a temática abordada pelo autor e a relação de intertextualidade com o livro do autor Kafka.

Atividades 3 — Leitura:

- ✓ Entregando a cópia da crônica para os alunos. Orientando que realizem a leitura silenciosa.
- ✓ Realizando a leitura oral do texto.
- ✓ Conversando sobre a temática abordada.
- ✓ Explicando quem foi Kafka.

Atividades 4 — Interpretação:

- ✓ Após a discussão do texto, foi proposta uma interpretação por meio de questões orais a respeito da crônica.
- ✓ Em plenária, discute-se as questões propostas, em que os alunos externam o que compreenderam da crônica.

QUARTA OFICINA – VOCÊ TEM MEDO DE QUÊ?

DATA: 22/09/2023

Objetivos:

- ✓ Despertar o interesse do leitor para a leitura.
- ✓ Relembrar as características do autor e do gênero em estudo.

Atividade 1 — Motivação:

- ✓ Perguntando aos alunos se estes já viajaram de avião?
- ✓ Ouvindo as respostas dos alunos e perguntando se eles tiveram medo de viajar de avião.
- ✓ Apresentando a música “Medo de avião” de Belchior para os alunos.
- ✓ Realizando a leitura do texto e a seguir, a escuta da música.
- ✓ Instigando a participação dos alunos, pedindo que opinem sobre o texto.

Atividade 2 — Introdução:

- ✓ Conversando um pouquinho sobre o autor Luís Fernando Veríssimo e seu papel como cronista. Debater assuntos do cotidiano de forma crítica e humorística.
- ✓ Falando sobre o gênero crônica e suas particularidades. Um texto curto, de linguagem simples que aborda os mais variados temas do dia a dia,
- ✓ Apresentando a crônica “Emergências” para ser lida na próxima aula.

QUINTA OFICINA - A LEITURA NOS REVELA EMOÇÕES

DATA: 29/09/2023

Objetivos:

- ✓ Realizar a leitura da crônica “Emergências” de Luís Fernando Veríssimo.
- ✓ Abordar a temática dos medos e fobias que temos

Atividades 3 — Leitura:

- ✓ Entregando a cópia da crônica para os alunos.
- ✓ Orientando que realizem a leitura oral do texto.
- ✓ Debatendo sobre a temática abordada

Atividades 4 — Interpretação:

- ✓ Discutindo sobre o medo de avião que muitas pessoas têm.
- ✓ Pedindo a participação dos alunos sobre a temática.
- ✓ Relacionando a crônica com a música do Belchior.
- ✓ Encerrando com estatísticas sobre acidentes com aeronaves.

SEXTA OFICINA – FUTEBOL NOSSO DE CADA DIA

DATA: 06/10/2023

Objetivos:

- ✓ Chamar atenção do aluno para a leitura.
- ✓ Motivar os educandos para o processo leitor.
- ✓ Mostrar que o gênero crônica aborda diversas temáticas.

Atividade 1 — motivação:

- ✓ Mostrando a música “É uma partida de futebol” de Skank para os alunos.
- ✓ Realizando a leitura do texto “É uma partida de futebol”.
- ✓ Escutando a música e a seguir perguntando aos alunos o que eles compreenderam do texto.
- ✓ Instigando a participação dos alunos, pedindo que opinem sobre o texto.

Atividade 2 — Introdução:

- ✓ Explicando que o Luís Fernando Veríssimo é um cronista “de mão cheia”, pois aborda em seus textos os mais variados assuntos.
- ✓ Comentando que o gênero crônica é muito versátil e se constitui como um gênero que traz como tema os diversos e triviais contextos do cotidiano
- ✓ Apresentando a crônica “O Tinho” para ser lida na próxima aula.

SEXTA OFICINA – FUTEBOL, UMA PAIXÃO NACIONAL

DATA: 13/10/2023

Objetivos:

- ✓ Motivar os alunos para a leitura.
- ✓ Abordar a temática das paixões dos brasileiros, trazendo o futebol e o carnaval como as preferidas desse povo.

Atividades 3 — Leitura:

- ✓ Entregando a cópia da crônica “O Tinho” para os alunos.
- ✓ Exibindo em Datashow a crônica “O Tinho” para que a leitura seja realizada.
- ✓ Realizando a leitura oral paragrafada com participação dos alunos.
- ✓ Debatendo sobre a temática abordada na crônica.

Atividades 4 — Interpretação:

- ✓ Discutindo sobre a paixão do brasileiro sobre o futebol. Conversando sobre o início desse amor por essa modalidade.
- ✓ Pedindo a participação dos alunos sobre a temática.
- ✓ Relembrando através de vídeo, momentos memoráveis do futebol brasileiro, como por exemplo a conquista da 1ª e de algumas outras copas.
- ✓ Encerrando com o vídeo de uma entrevista com um dos maiores jogadores do Brasil, Pelé.

OITAVA OFICINA – CONCLUINDO O TRABALHO COM AS SEQUÊNCIAS – DINÂMICA “QUADRILHA”

DATA: 20/10/2023

Objetivos:

- ✓ Integrar a leitura de modo significativo.
- ✓ Propor uma interação entre os alunos.
- ✓ Socializar experiências leitoras.

Realização da dinâmica

- ✓ Orientando que os alunos fiquem frente a frente como se fossem parceiros de quadrilha.
- ✓ Pedindo que se cumprimentem.
- ✓ Orientando que compartilhem com seu colega alguma experiência leitora, um livro ou um texto que o tenha marcado e que ele indicaria para o colega.

- ✓ Desfazendo os pares e abrindo plenária para a discussão sobre as oficinas.
- ✓ Perguntando qual texto, entre os que foram lidos, eles mais gostaram e por quê.
- ✓ Finalizando com um *cooffe break* para socializar as experiências das sequências.

6. 4.1 Execução das oficinas

PRIMEIRA OFICINA

No primeiro momento da aula, ao entrarmos em sala, informamos aos alunos que estes estariam participando de uma pesquisa, com duração de oito aulas, que seriam realizadas, nas aulas de produção textual. A turma mostrou-se entusiasmada em participar das oficinas. Perguntamos se eles gostavam de ler, se tinham a leitura como hábito.

Alguns estudantes responderam que sim e revelaram que frequentavam a biblioteca escolar para o empréstimo de livros. Expusemos o gosto que temos pela Literatura, além de discorrer acerca da experiência que tivemos com a Literatura na infância e adolescência. A professora convidada, que ministra as aulas de Língua Portuguesa, na turma, fez um breve comentário sobre a importância da leitura.

Explicamos para os alunos que as oficinas tinham o intuito de despertar o gosto pela leitura e que o trabalho seria feito com as crônicas de Luís Fernando Veríssimo. Em seguida, explanamos sobre o gênero Crônica, o qual segundo a professora da turma, já havia sido discutido com a turma. Mesmo assim, expusemos algumas características de tal gênero. Relatamos também sobre o autor dos textos que seriam trabalhados. Alguns alunos já conheciam o autor e algumas obras deste.

Então, perguntamos se os estudantes gostavam de textos do gênero crônica e por quê. Eles falaram que sim, por serem textos curtos e por conterem humor e crítica. Citaram algumas crônicas que haviam lido. Ouvimos os relatos e interagimos com os estudantes.

SEGUNDA OFICINA

Primeiro Momento: Motivação

Cumprimentamos os alunos e anunciamos que iniciariamos a sequencia b6sica, ou seja, seguiriamos com as oficinas, as quais explicamos na aula anterior. Os estudantes vibraram e se mostraram felizes por participarem deste momento.

Escrevemos na lousa a palavra “metamorfose” e indagamos se os alunos sabiam o significado, muitos falaram que sim e apresentaram o sentido desta palavra, confirmamos que sim, significa mudan7a, transforma7a, e apresentamos os sentidos que esta palavra apresenta por meio do dicion6rio.

Em seguida, entregamos a c3pia da letra da m6sica “Metamorfose ambulante” de Raul Seixas, aos alunos, realizamos a leitura e a seguir a escuta da m6sica, seguimos para um debate sobre o texto, analisando as quest3es abordadas, fazendo infer6ncias sobre o que autor almejava ao falar que as mudan7as s6o necess6rias. Ouvimos os estudantes, e estes participaram efetivamente da aula.

Segundo Momento: Introdu7a3o

Mostramos uma foto do autor, Lu6s Fernando Ver6ssimo e a seguir uma breve biografia deste grande cronista. Apresentamos tamb6m por meio de fotos, alguns livros do renomado autor. Conversamos com os alunos, que os textos do Ver6ssimo sempre trazem quest3es do cotidiano com pitadas de sarcasmo, humor e ironia. Estes gostaram da ideia de lerem textos que traziam cr6tica e humor.

Apresentamos ent6o, o t6tulo da primeira cr3nica que seria trabalhada e instigamos os alunos sobre qual seria a tem6tica abordada, contudo, explicamos que a leitura ficaria para a pr3xima aula, estes ficaram bem curiosos e queriam que l6ssemos logo o texto. Nos despedimos ansiosos para a realiza7a3o da leitura.

TERCEIRA OFICINA

Terceiro Momento – Leitura

Iniciamos a aula com as boas-vindas aos alunos e uma alta expectativa para a leitura do texto que hav6mos proposto na aula anterior. Para isso, distribu6mos c3pias da cr3nica “Metamorfose” de Lu6s Fernando Ver6ssimo, para os estudantes.

Solicitamos a leitura silenciosa, pedindo que anotassem alguma palavra desconhecida ou alguma parte do texto que lhes chamasse aten7a3o. Em seguida, realizamos a leitura oral paragrafada, e foi incr6vel a rea7a3o dos alunos diante dos

acontecimentos do texto. Fizemos um breve debate sobre Kafka e seu livro “Metamorfose”, também fizemos uma analogia com a música de Raul Seixas.

Os alunos comentaram sobre alguns aspectos da história, como o fato da ex-barata pensar, as mudanças que ocorreram após se tornar rica, o trágico fim sem muito usufruir do que havia conquistado.

Quarto Momento – Interpretação

Explicamos para os alunos que conversaríamos um pouco mais sobre o texto, porém, de forma dirigida, por meio dos seguintes questionamentos:

- 1 – Como se deu o processo de humanização do animal? E quais mudanças ocorreram?
- 2 – O que a escolha do nome Valdirene, implica na condição social da personagem?
- 3 – Como se deu o desfecho da narrativa?

Concedemos um tempo de dez minutos para os alunos pensarem e anotarem suas considerações a respeito das proposições feitas. Terminado o tempo, iniciamos a plenária sobre as questões.

Os alunos relataram que no processo de humanização, as mudanças foram tamanhas, o fato de precisar raciocinar e não apenas agir por instinto, fora o mais complicado para a ex-barata, comentamos que aí estava uma crítica de Veríssimo, ele não quer apenas mostrar que para barata é novidade pensar, mas sim, para o ser humano que, na maioria das vezes, age por instinto e não raciocina. Todavia, ao escrever: Difícil era ser gente, Veríssimo quer mostrar-nos quão difícil é, para o ser humano, lidar com os sentimentos e pensamentos, o que para as baratas não é preciso, por que elas agem por instinto.

Sobre o nome, Valdirene, discutimos que após optar e escolher tal nome, se inicia o processo de personalização e caracterização da personagem, assim como seu enquadramento na classe popular, denotando uma crítica ferrenha, ao sistema capitalista, por meio de alegorias.

A partir daí, Valdirene passa a ter uma vida tipicamente da mulher brasileira de classe baixa, comentamos a criticidade do autor, assim como, a semelhança à realidade cotidiana. A ex-barata, casa, tem filhos, preocupa-se com o bem-estar da família. Contudo, de uma forma provocante, Veríssimo faz com que Valdirene ascenda socialmente, e sua vida muda completamente.

Entendemos o sarcasmo do autor, que nas entrelinhas quer nos dizer que somente pela sorte, pessoas que se encontram no contexto social da personagem, podem ascender socialmente. Veríssimo não almeja dá um final feliz a Valdirene, e sim ironizar o seu destino.

Sobre o desfecho, os estudantes comentaram que fora surpreendente, pois imaginavam que após ficar rica, Valdirene pudesse usufruir do que tinha e assim ser feliz com sua família. Contudo o rumo da história leva a outro desfecho, pois a personagem além de voltar a sua condição inicial, morre.

Comentamos que a redução da existência de Valdirene, deu-se de forma lenta e num processo labiríntico desenhado para sua perda, a angústia é desconhecida pelas baratas, contudo, a personagem ainda tem um último pensamento que demonstra uma certa lamentação em relação a morte, logo, nos faz refletir sobre a humanização da ex-barata.

Nesse sentido, o processo é refeito, e Valdirene volta a ser barata e em seguida morre, pondo fim, dessa forma, à personagem e revelando que de alguma maneira, sua existência nada significou, talvez para mostrar ironicamente, que a sociedade se revela como resultado de seu próprio vazio.

Encerramos a aula, agradecendo a participação dos alunos e comentando que seguiremos com as oficinas na aula seguinte.

QUARTA OFICINA

Primeiro Momento: Motivação

Iniciamos a aula recebendo os alunos com um som ambiente, estes foram sentando e sendo acolhidos com saudações de boas-vindas.

Sequenciamos com uma pergunta se algum aluno (a) já havia viajado de avião. Como resposta, alguns alunos disseram que sim, para alguns Estados como São Paulo, Rio de Janeiro etc.

Perguntamos se eles tiveram medo? Um aluno relatou que a princípio não estava com medo, mas que durante a viagem o voo passou por uma turbulência e todos os passageiros ficaram aflitos, e ele lembra que também ficou apavorado. Os demais alunos relataram que não tiveram medo e que foi muito tranquilo e viajariam novamente sem qualquer medo.

Após os relatos, apresentamos a música “Medo de avião” do memorável cantor e compositor Belchior. Realizamos a escuta da música e alguns alunos já conheciam a canção e relataram que ouviam, pois, seus pais eram fãs do cantor.

Lemos o texto e debatemos a temática, citei para os alunos que há uma história em torno dessa música, de que o compositor teria feito em homenagem a uma cantora e atriz com a qual, Belchior teria feito uma viagem junto, e notando o medo dela em meio as turbulências, segurou sua mão.

Segundo Momento: Introdução

Na sequência da oficina, conversamos mais um pouco sobre Veríssimo.

Explicamos para os alunos que os textos de Luís Fernando Veríssimo promovem um intenso diálogo com a linguagem jornalística. Esse diálogo promove um enriquecimento no estilo marcante desse autor e funciona como uma luz para penetrarmos nesse fantástico labirinto cheio de aventuras que representa a sua vasta obra. Entretanto, vale ressaltar que os caminhos são vários e a influência das outras linguagens são também bastante relevantes.

Percebemos, portanto, mais uma vez, que ao viajarmos através das crônicas de Veríssimo como sendo um gênero literário ou um gênero jornalístico é não observar a constante apropriação desses dois gêneros na constituição de um produto híbrido de forte relevância na indústria cultural.

Observamos que a cada oficina, os alunos vão despertando o interesse pelo gênero crônica, e relatam sobre leituras que realizaram, fazendo links com o que se estudou sobre o gênero. Contam-nos também a respeito das leituras de textos de Veríssimo e quão interessantes são suas crônicas.

Desse modo, vamos percebendo quão exitosas estão sendo as oficinas, pois ao propiciar outros momentos de leitura, mostra-nos a eficiência de um trabalho direcionado.

Encerramos a aula com agradecimentos aos alunos pelas contribuições durante à aula, e apresentando o título do texto que seria lido na próxima aula.

QUINTA OFICINA

Terceiro Momento – Leitura

Iniciamos a aula, dando boas-vindas aos alunos, perguntando como eles estavam e, saudando-os com palavras positivas.

Seguimos a aula, lembrando o título do texto que seria lido. Distribuimos cópias que havíamos reproduzido e orientamos de que forma seria realizada a leitura. Solicitamos a participação de alguns alunos, que prontamente se colocaram à disposição.

Explicamos que realizaríamos uma leitura dialogada, em que cada aluno faria a fala de um personagem do texto. Os alunos ficaram bem empolgados com a ideia, e sugeriram improvisarmos um avião utilizando as carteiras e mesas da sala. Acatamos a ideia, estes montaram o cenário e partimos para a leitura.

O texto foi lido com maestria pelos estudantes, que atuaram belamente, sendo enfáticos nas falas, realizando-as como se realmente estivessem numa situação de pânico, perante o medo de viajar de avião. Foi um momento riquíssimo, em que percebemos o prazer da realização do ato de ler, nos alunos.

Quarto Momento – Interpretação

Após a leitura, realizamos um debate sobre a temática abordada no texto, que é o medo de viajar de avião. Fizemos um paralelo com a música “Medo de avião”, em que os alunos perceberam que realmente poderia ter ocorrido a cena descrita nos primeiros versos da canção.

Isso por que, quando as pessoas sentem medo de algo, buscam ajuda ou aconchego nas outras pessoas.

Encerramos a oficina com os agradecimentos aos alunos que já ficaram curiosos para saber qual seria o próximo texto a ser lido.

SEXTA OFICINA

Primeiro Momento: Motivação

Chegamos à sala, cumprimentamos os alunos e os conduzimos à quadra de esportes da escola.

Ao chegarmos no local, fizemos um círculo e explicamos o porquê da oficina se realizar ali. Falaríamos sobre futebol. Os estudantes se mostraram muitos empolgados e seguimos com o roteiro.

Apresentamos por meio de cópias a música, “É uma partida de futebol”, do grupo Skank, realizamos a leitura e em seguida a escuta da música.

Contamos para os alunos que esta música fora composta por Samuel Rosa, vocalista do grupo Skank e Nando Reis, depois de disputarem uma partida de futebol, eles começaram a conversar durante a festa que aconteceu depois do jogo. Tomados pelo clima do jogo, que haviam acabado de disputar, surgiu a ideia de fazer uma canção sobre futebol. A parceria foi firmada e Nando escreveu primeiro a letra, sendo uma das poucas canções em que a letra surgiu antes da melodia. E o sucesso foi tanto que a música acabou se tornando uma das oficiais da Copa do Mundo de 1998, entrando para versão brasileira do disco da FIFA.

Segundo Momento: Introdução

Na sequência, ainda na quadra, conversamos um pouco sobre Veríssimo, levando em conta o fato de o escritor abordar os mais variados assuntos em seus textos, sempre atrelados aos acontecimentos cotidianos e com um humor aguçado e irreverente.

Conversamos também sobre a versatilidade da crônica, uma que qualquer tema cabe nesse gênero.

Nos despedimos dos alunos, com a apresentação do texto que seria lido e explorado, na aula seguinte.

SÉTIMA OFICINA

Terceiro Momento – Leitura

Iniciamos a aula com cumprimentos aos alunos, dando-lhes boas-vindas e indagando como estavam. Organizamos a sala de aula, montamos o Datashow, pois iríamos utilizar na aula.

Exibimos em slides, o texto que seria lido, a crônica “O Tinho” e em seguida, distribuímos xerox da crônica para a realização de uma leitura silenciosa pelos estudantes.

Após a leitura individual e silenciosa, solicitamos que os alunos lessem o texto de forma oral. Para isso, fizemos uma divisão dos parágrafos do texto, e cada aluno se responsabilizou em ler sua parte.

Terminada a leitura oral, prosseguimos com uma conversa sobre a história contada na crônica. Relembramos com os alunos os elementos da narrativa, narrador, personagens, tempo e espaço, assim como, os momentos da narrativa, situação inicial, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Associamos cada momento com os acontecimentos do texto. A discussão fora bem proveitosa, uma vez que os estudantes participaram efetivamente.

Seguimos para o momento da interpretação.

Quarto Momento – Interpretação

Na sequência, fizemos uma roda de conversa, em que abordamos o amor que o brasileiro tem pelo futebol. Falamos para os alunos de que forma o futebol chegou ao Brasil, por meio do brasileiro Charles Muller, um estudante que ao voltar da Inglaterra, trouxe o esporte e passou a apresenta-los aos conterrâneos.

Relembramos a música de Skank, a qual aborda momentos de uma partida de futebol. Com os versos finalizados, que trazem as nuances e brincam com os elementos do futebol.

Perguntamos aos alunos o que eles acharam da atitude do personagem da crônica, o fato de vender sua alma ao diabo em troca de jogar bem e ganhar dinheiro e fama.

Os estudantes relataram que tinha sido uma atitude muito radical e que não concordavam com o que o Tinho havia feito. Que não vale a pena estragar a própria vida em busca da realização de um sonho, e que há outros meios e caminhos para se conseguir o que se deseja.

A participação dos alunos foi intensa, quase todos eles, se mostraram fãs do esporte e disseram que praticam somente por diversão, entretenimento.

Apenas um aluno relatou que sonha em ser jogador de futebol profissional e que lutará para realizar este sonho.

Encerramos a oficina explicando para os alunos que havíamos concluído o trabalho com a leitura dos textos – crônicas – selecionados e, que na aula seguinte faríamos uma dinâmica para a finalização da sequência didática.

OITAVA OFICINA

Momento inicial

Saudando os alunos com as boas-vindas. Explicando para eles que realizaremos a última oficina, na qual realizaremos uma dinâmica para a conclusão das mesmas, assim como avaliaremos todo o processo de leitura por meio de atividades dirigidas em sequências didáticas.

Reforçamos sobre a alegria que foi realizar todo processo leitor com eles e, que o sentimento era de gratidão por todo empenho destes, da mesma forma em relação à participação nas aulas, nas leituras, nos momentos de debate.

Solicitamos que continuassem com as leituras, que procurassem sempre textos ou livros que os atraíssem e lessem, colocando em práticas o que foi trabalhado nas oficinas.

Seguimos com a oficina, e explicamos aos alunos a dinâmica que seria realizada – “Quadrilha”. Contextualizamos, perguntando se eles sabiam o que era, se já haviam participado de uma. Eles responderam que sim. Prosseguimos com a dinâmica, para isso, pedimos que ficassem de pé, e formassem duplas, ficassem frente a frente como numa dança de “quadrilha”. Em seguida, cumprimentassem o colega de dupla e lhe relatasse sobre algum texto ou livro que lera e, que fora muito marcante, por isso recomenda a leitura ao amigo.

Atribuímos um tempo de quinze minutos para a conversa e troca de experiências leitora. A seguir, pedimos que desfizessem os pares, fizemos então, um círculo em que debatemos sobre as sete oficinas. Qual texto eles mais tinham gostado, com qual mais se identificara. Percebemos que as crônicas, realmente tinham agradado a todos, porém a do futebol fora a mais apontada como um ótimo texto.

Relembramos o texto da Valdirene, “Metamorfose” (1992), o processo de transformação, humanização da barata. Os alunos relataram que tinham apreciado muito tal enredo e que a mensagem do texto era de grande valia para a vida.

Veríssimo encontrou uma forma de trazer questionamentos importantes sobre a sociedade e o comportamento humano. Isso porque a todo momento ele evidencia o contraste entre o instinto versus o raciocínio. Usa a barata como símbolo do irracional, mas ao descrever as complicações presentes na vida cotidiana dos seres humanos, nos faz pensar em como a própria existência e os

nossos costumes são complexos. Isso é acentuado através da classe social humilde a que a mulher é inserida.

A barata, depois que vira humana, passa a se chamar Vandirene. Ela encontra trabalho como faxineira, passa por problemas financeiros e cotidianos típicos de mulheres da classe baixa, mas por um golpe de sorte, ganha na loteria e enriquece. Nessa passagem, o autor deixa subentendido como é improvável que uma pessoa pobre consiga ficar rica, negando a ideia de que se alguém trabalhar muito conseguirá.

Valdirene havia batalhado, mas só teve dinheiro quando acertou na loteria. Por fim, a mulher acorda um dia e percebe que havia se transformado novamente em inseto, era apenas impulso, não havia mais problemas, e, por isso a felicidade era completa.

Tal conclusão nos faz pensar que no fim todas as pessoas vão igualmente perdendo a consciência, e que o dinheiro que ganharam ou não em vida já não faz o menor sentido.

Sobre a crônica “Emergência” (2008), falamos sobre o humor presente no texto, assim como o enredo e sua história. O medo de viajar de avião que muitas pessoas têm e, que a personagem revela tê-lo por meio de suas atitudes.

E sobre a crônica “Tinho”, os alunos relataram sobre o interesse pelo futebol como via de escape para a fama e sucesso. Relataram que o reconhecimento, o fato de serem muito bem remunerados, exaltados por fãs, fazem da profissão de jogador, o grande sonho de poder mudar de vida, para o brasileiro.

Após toda discussão socializamos com a turma um café da manhã, em agradecimento à atenção nas oficinas.

Nos despedimos dos alunos com a certeza de termos feito um ótimo trabalho, e consciente de que a leitura fará parte de suas vidas e marcará uma nova fase para esses estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível a extrema relevância que leitura assume na formação do ser humano, pois, é por meio desta que os indivíduos evoluem nas várias esferas do saber e do conhecimento. Dessa maneira, é de suma importância a temática abordada neste projeto, pois tem como finalidade estimular nos alunos o hábito da leitura literária, levando-os a ver e compreender o quão importante é ler e compreender o que leu, assim como fazê-los reconhecer que a leitura pode ser ferramenta de transformação social, uma vez que, quando tomamos consciência da realidade que nos cerca, tudo é bem mais propício de mudança, de transformação.

Além disso, a leitura também contribui no processo de aprendizagem favorecendo a aquisição desta e a produção de conhecimentos. Contudo, para que haja uma motivação e incentivo ao hábito de ler, se faz necessária uma democratização do acesso ao livro, e conseqüentemente às bibliotecas escolares, bem como, facilitar o contato do aluno com o livro, desmistificando a figura deste como objeto intocável e inacabável, uma vez que eles foram feitos com o intuito de serem manuseados, lidos, explorados. E quanto mais cedo, desde a mais tenra infância, os educandos tiverem contato com os livros, mais habituados estarão aos mesmos.

Dessa forma, a biblioteca poderá ser um meio, uma ferramenta ou, em outras palavras, a porta de acesso a emoções, respostas, soluções, experiências gratificantes e de prazer, possibilitando aos alunos a oportunidade de voar por meio da imaginação, de criar e recriar novos saberes e ter novas ideias, experiências, assim como, de solucionar problemas simples e complexos.

Todavia, somente a existência de uma equipada biblioteca escolar não resolverá este problema de leitura; uma influência positiva, um bom planejamento, com boas estratégias de leitura serão necessários para o desenvolvimento das habilidades leitoras. Em verdade, formar um bom leitor, um leitor fluente e letrado, capaz de não apenas decodificar as palavras, um leitor capaz de assimilar, compreender e interpretar o que leu, não é uma tarefa fácil, requer toda uma preparação, estudo e aplicação de boas metodologias que objetivem, a princípio, o desenvolvimento da apatia, do gosto pelos livros e pelo hábito da leitura.

Nessa perspectiva, a figura do professor tem uma representação muito especial nesse contexto, sendo o primeiro a ser um leitor assíduo, apaixonado pelos livros, para que assim possa conseguir passar parte dessa paixão para o seu aluno. Impregnará o universo da leitura de sentido, mostrando a verdadeira razão de desbravar os caminhos das letras, mostrará o papel social da literatura e sua importância no rompimento de barreiras entre o tempo e espaço das nossas experiências, das nossas necessidades e de nossos anseios, e ainda, sendo nós mesmos, nos posicionando frente às adversidades como protagonistas, buscando soluções para questões que nos rodeia. E, à medida que o aluno vai lendo e se enchendo de encantamento pelo mundo da leitura, tornar-se-á um leitor mais exigente e assim ele mesmo buscará obras mais complexas para atender suas necessidades.

Diante do exposto, observamos, que a partir da realização da sequência básica de Cosson, houve o despertar para a leitura numa perspectiva crítica e reflexiva, impulsionado pelo reconhecimento do poder transformador que a literatura pode exercer nas mentes e nas vidas dos leitores. Este despertar não apenas incentiva a absorção passiva de informações, mas também estimula uma análise profunda das mensagens subjacentes aos textos, promovendo um pensamento crítico e uma reflexão sobre questões sociais, culturais e pessoais. Ao adotar essa abordagem, os leitores são capacitados a questionar, interpretar e contextualizar o que leem, desenvolvendo assim uma compreensão mais ampla do mundo ao seu redor e contribuindo para sua própria formação intelectual e emocional.

Verificamos também, que por meio da leitura de crônicas de Veríssimo, a capacidade de interpretação dos discentes de sempre busca ir além do óbvio, explorando o que está implícito nas crônicas, fora contemplada. Essa habilidade não apenas amplia a compreensão do texto, assim como contribuiu para uma análise mais profunda das mensagens subentendidas e dos contextos que as envolvem. Ao decifrar as entrelinhas, os alunos desenvolveram uma percepção mais aguçada, identificando nuances, metáforas e críticas sociais ou culturais que podiam passar despercebidas à primeira vista. Essa busca pelo subtexto não apenas enriqueceu a experiência de leitura, mas também fortaleceu as habilidades de pensamento crítico e análise textual dos estudantes, preparando-os para

enfrentar desafios intelectuais mais complexos tanto na escola quanto na vida além dela.

Outro ponto exitoso no desenvolvimento da sequência básica, proposta por esta dissertação, foi o entrelaçamento entre as vivências dos alunos e as temáticas das crônicas revelando-se como um elo vital na jornada de aprendizado. À medida que os estudantes mergulhavam nas narrativas humorísticas de Luís Fernando Veríssimo, encontraram reflexos de suas próprias experiências e realidades dentro das páginas. Essa conexão íntima entre a vida cotidiana e os temas abordados nas crônicas não apenas torna a leitura mais relevante e envolvente, mas também abriu portas para a reflexão e a discussão em sala de aula.

Ao se identificarem com os personagens, situações e dilemas apresentados nas crônicas, os alunos foram incentivados a explorar suas próprias emoções, questionamentos e pontos de vista. Esse diálogo entre o texto e suas vivências pessoais promoveu uma discussão e compreensão mais profunda das questões abordadas, além de estimular o desenvolvimento da empatia e da consciência social.

Por meio desse entrelaçamento, as crônicas não se limitaram a serem apenas objetos de estudo, mas se tornaram ferramentas poderosas para a construção do conhecimento e do autoconhecimento. Os alunos foram convidados a compartilhar suas próprias experiências, a expressar suas opiniões e a colaborar na construção de significados coletivos. Dessa forma, a leitura das crônicas de Veríssimo transcendeu os limites do entretenimento literário e se transformaram em uma jornada de descoberta pessoal e coletiva, enriquecendo o ambiente educacional e fortalecendo os laços entre alunos, professores e o mundo ao seu redor.

Portanto, o estímulo ao prazer e o hábito da leitura figura como um grande desafio para nós educadores, há muitos caminhos a percorrer até que este objetivo seja alcançado, mas, sempre se começa uma longa caminhada com pequenos primeiros passos, nesse sentido, é preciso que se dê início a essa grande e empreendedora viagem, porque se verdadeiramente almejamos uma sociedade leitora, crítica, ativa e construtora dos seu próprios conhecimentos, é preciso contemplar esse acesso, ou seja, deve-se oportunizar aos nossos educandos com material literário de qualidade, e sobretudo, incentivo positivo à leitura.

REFERÊNCIAS

- DE AGUIAR E SILVA, V. M. **Teoria de la literatura**. [s.l.] Gredos, 1996.
- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 p.261-306.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- BELCHIOR, Antônio Carlos. Medo de avião. In: **Compacto Single Medo de Avião** (02:27) Rio de Janeiro, Warner Bros Records – PRO 11.013, 1979.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental, 2001.
- CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. p. 13 – 22.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.
- DUKE, N. K., PEARSON, P.d. Effective practices for developing Reading comprehension. In: A. Farstrup & S. J. Samuels (Orgs.) *What research has to say about reading instruction*. Newark: International Reading & Associaton. 2002

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Trad. Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

KLEIMAN, A. Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita/ Ângela Kleiman (Org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. 294 p. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

KLEIMAN, Angela B. [et al.]. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa. Tecendo a leitura. In: LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993, p. 104-109.

LAJOLO, M. **O texto não é pretexto, leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. São Paulo: Contexto, 1986.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Invasão da catedral**: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Configuração, dinamicidade e circulação. In: Gêneros textuais: reflexões e ensino. Acir Mario KAIWOSKI, Beatriz GAYDÉCZKA, Karim SIEBENEICHER (Org.). 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 198 p.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOISÉS, Massaud. A criação literária: introdução à problemática da literatura. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

MOISÉS, Massaud. Dicionário de termos literários. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

NASCIMENTO, Nome. **Título**. Cidade de publicação: editora, 2009.

ORLANDI, Eni Pucinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 8ª edição. Campinas: São Paulo, 2009.

ROSA, Samuel. É uma partida de futebol. In: **Álbum O samba poconé**, de 1996 – 1997.

SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1997.

SEIXAS, Raul. Metamorfose ambulante. In: **Álbum Krig-ha, bandolo!**. Rio de Janeiro: Philips/Phonogram, 1973. 1 disco (aprox. 38 min.): 33 1/3 rpm, microsulco, estéreo.

SILVEIRA, Denise Tolfo; Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TODOROV, Tzevetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

VERISSIMO, Luís Fernando. **O gigolô das palavras**. Porto Alegre: L&PM,

VERISSIMO, Luís Fernando. **Outras do analista de Bagé**. 22 ed. Porto Alegre: L&PM, 1982.

VERISSIMO, Luís Fernando. **Mais comédias para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989

ANEXOS

ANEXO A - CRÔNICAS UTILIZADAS NAS OFICINAS COM ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A metamorfose

Luís Fernando Veríssimo

Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano. Começou a mexer suas patas e viu que só tinha quatro, que eram grandes e pesadas e de articulação difícil. Não tinha mais antenas. Quis emitir um som de surpresa e sem querer deu um grunhido. As outras baratas fugiram aterrorizadas para trás do móvel. Ela quis segui-las, mas não coube atrás do móvel. O seu segundo pensamento foi: “Que horror... Preciso acabar com essas baratas...”

Pensar, para a ex-barata, era uma novidade. Antigamente ela seguia seu instinto. Agora precisava raciocinar. Fez uma espécie de manto com a cortina da sala para cobrir sua nudez. Saiu pela casa e encontrou um armário num quarto, e nele, roupa de baixo e um vestido. Olhou-se no espelho e achou-se bonita. Para uma ex-barata. Maquiou-se. Todas as baratas são iguais, mas as mulheres precisam realçar sua personalidade. Adotou um nome: Vandirene. Mais tarde descobriu que só um nome não bastava. A que classe pertencia?... Tinha educação?... Referências?... Conseguiu a muito custo um emprego como faxineira. Sua experiência de barata lhe dava acesso a sujeiras mal suspeitadas. Era uma boa faxineira.

Difícil era ser gente. Precisava comprar comida e o dinheiro não chegava. As baratas se acasalam num roçar de antenas, mas os seres humanos não. Conhecem-se, namoram, brigam, fazem as pazes, resolvem se casar, hesitam. Será que o dinheiro vai dar? Conseguir casa, móveis, eletrodomésticos, roupa de cama, mesa e banho. Vandirene casou-se, teve filhos. Lutou muito, coitada. Filas no Instituto Nacional de Previdência Social. Pouco leite. O marido desempregado. Finalmente acertou na loteria. Quase quatro milhões! Entre as baratas ter ou não ter quatro milhões não faz diferença. Mas Vandirene mudou. Empregou o dinheiro. Mudou de bairro. Comprou casa. Passou a vestir bem, a comer bem, a cuidar onde põe o pronome. Subiu de classe. Contratou babás e entrou na Pontifícia Universidade Católica.

Vandirene acordou um dia e viu que tinha se transformado em barata. Seu penúltimo pensamento humano foi: “Meu Deus!... A casa foi dedetizada há dois dias!...”. Seu último pensamento humano foi para seu dinheiro rendendo na financeira e que o safado do marido, seu herdeiro legal, o usaria. Depois desceu pelo pé da cama e correu para trás de um móvel. Não pensava mais em nada. Era puro instinto. Morreu cinco minutos depois, mas foram os cinco minutos mais felizes de sua vida.

Kafka não significa nada para as baratas...

VERISSIMO, Luís Fernando. **O gigolô das palavras**. Porto Alegre: L&PM

Emergência

Luís Fernando Veríssimo

É fácil identificar o passageiro de primeira viagem. É o que já entra no avião desconfiado. O cumprimento da aeromoça, na porta do avião, já é um desafio para a sua compreensão.

— Bom dia...

— Como assim?

Ele faz questão de sentar num banco de corredor, perto da porta. Para ser o primeiro a sair no caso de alguma coisa dar errado. Tem dificuldade com o cinto de segurança. Não consegue atá-lo. Confidencia para o passageiro ao seu lado:

— Não encontro o buraquinho. Não tem buraquinho?

Acaba esquecendo a fivela e dando um nó no cinto. Comenta, com um falso riso descontraído: “Até aqui, tudo bem”. O passageiro ao lado explica que o avião ainda está parado, mas ele não ouve. A aeromoça vem lhe oferecer um jornal, mas ele recusa.

— Obrigado. Não bebo.

Quando o avião começa a correr pela pista antes de levantar voo, ele é aquele com os olhos arregalados e a expressão de Santa Mãe do Céu! no rosto. Com o avião no ar, dá uma espiada pela janela e se arrepende. É a última espiada que dará pela janela.

Mas o pior está por vir. De repente ele ouve uma misteriosa voz descarnada.

Olha para todos os lados para descobrir de onde sai a voz.

“Senhores passageiros, sua atenção, por favor. A seguir, nosso pessoal de bordo fará uma demonstração de rotina do sistema de segurança deste aparelho. Há saídas de emergência na frente, nos dois lados e atrás. ”

— Emergência? Que emergência? Quando eu comprei a passagem ninguém falou nada em emergência. Olha, o meu é sem emergência.

Uma das aeromoças, de pé ao seu lado, tenta acalmá-lo.

— Isto é apenas rotina, cavalheiro.

— Odeio a rotina. Aposto que você diz isso para todos. Ai meu santo.

“No caso de despressurização da cabina, máscaras de oxigênio cairão automaticamente de seus compartimentos. ”

— Que história é essa? Que despressurização? Que cabina?

“Puxe a máscara em sua direção. Isto acionará o suprimento de oxigênio. Coloque a máscara sobre o rosto e respire normalmente. ”

— Respirar normalmente? A cabina despressurizada, máscaras de oxigênio caindo sobre nossas cabeças — e ele quer que a gente respire normalmente? “Em caso de pouso forçado na água...”

— O quê?!

“... os assentos de suas cadeiras são flutuantes e podem ser levados para fora do aparelho e...”

— Essa não! Bancos flutuantes, não! Tudo, menos bancos flutuantes!

— Calma, cavalheiro.

— Eu desisto! Parem este troço que eu vou descer. Onde é a cordinha? Parem!

— Cavalheiro, por favor. Fique calmo.

— Eu estou calmo. Calmíssimo. Você é que está nervosa e, não sei por que, está tentando arrancar as minhas mãos do pescoço deste cavalheiro ao meu lado. Que, aliás, também parece consternado e levemente azul.

— Calma! Isso. Pronto. Fique tranquilo. Não vai acontecer nada.

— Só não quero mais ouvir falar em banco flutuante.

— Certo. Ninguém mais vai falar em banco flutuante.

Ele se vira para o passageiro ao lado, que tenta desesperadamente recuperar a respiração e pede desculpas. Perdeu a cabeça.

— É que banco flutuante foi demais. Imagine só. Todo mundo flutuando sentado. Fazendo sala no meio do oceano Atlântico!

A aeromoça diz que lhe vai trazer um calmante e aí mesmo é que ele dá um pulo:

— Calmante, por quê? O que é que está acontecendo? Vocês estão me escondendo alguma coisa!

Finalmente, a muito custo, conseguem acalmá-lo. Ele fica rígido na cadeira. Recusa tudo que lhe é oferecido. Não quer o almoço. Pergunta se pode receber a sua comida em dinheiro. Deixa cair a cabeça para trás e tenta dormir. Mas, a cada sacudida do avião, abre os olhos e fica cuidando a portinha do compartimento sobre sua cabeça, de onde, a qualquer momento, pode pular uma máscara de oxigênio e matá-lo do coração.

De repente, outra voz. Desta vez é a do comandante.

— Senhores passageiros, aqui fala o comandante Araújo. Neste momento, à nossa direita, podemos ver a cidade de...

Ele pula outra vez da cadeira e grita para a cabina do piloto:

— Olha para a frente, Araújo! Olha para a frente!

VERISSIMO, Luis Fernando. Mais comédias para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 75-77.

O Tinho

Luís Fernando Veríssimo

Se chamava Fausto (ou Faustinho, ou Tinho), tinha 15 anos e queria ser craque de futebol. Jogava nos juvenis de um clube médio. Jogava bem, mas não o bastante para se destacar dos outros garotos com a mesma idade e o mesmo sonho. Não o bastante para ser notado. Até que um dia Tinho se atrasou trocando de roupa depois de um treino e quando viu estavam só ele e um homem estranho, de terno escuro, no vestiário. Um homem que ele nunca tinha visto ali antes e que lhe deu seu cartão. Um cartão todo preto com uma única palavra, em vermelho: —Diabo. O homem fez uma proposta: em troca da sua alma, Tinho poderia pedir o que quisesse. Chutar com as duas pernas?

Cabecear com perfeição? Driblar com maestria? Passar com precisão? O que ele quisesse. Pelo contrato apresentado pelo Diabo, e que ele assinou com seu sangue na hora, Tinho só se comprometia a, no fim da sua vida — que seria de grande sucesso e incrível riqueza —, lhe entregar sua alma.

E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.

Driblou com maestria e passou com precisão. Fenômeno, disseram todos. E naquele mesmo dia, depois do jogo, Tinho foi procurado por um empresário com sotaque castelhano que lhe propôs um contrato vitalício e um futuro fantástico. O empresário cuidaria da vida de Tinho por uma porcentagem. Em troca, faria de Tinho, em pouco tempo, o jogador mais famoso do mundo. O primeiro passo seria tirá-lo do Brasil e levá-lo para a Europa, onde estava o dinheiro. E Tinho assinou o contrato com o empresário na hora, raciocinando que o Diabo comprara a sua alma, não os seus direitos corporativos.

Mas o Diabo, como se sabe, é um ciumento. E protestou. Tinho devia sua nova notoriedade a ele, que assim como o transformara num craque poderia destransformá-lo. Tinho lhe pertencia, corpo e alma. E que mundo era aquele em que um pacto com o Diabo assinado com sangue não valia mais nada, ou valia tanto quanto um contrato assinado com um castelhano com uma Bic? Nada mais era sagrado? Para complicar as coisas, a direção do clube do

Tinho fez uma proposta para o Tinho ficar prometendo uma casa para a sua mãe, e movimentou seu departamento jurídico para anular as ações do Diabo e do empresário. E para complicar ainda mais as coisas um emissário de Deus, um anjo disfarçado de pipoqueiro, confidenciou ao Tinho que o Senhor se comprometia a mover céu e terra para ajudar sua carreira (inclusive pressionando algum grande clube da Espanha ou da Itália, onde Ele tem muita influência, para contratá-lo) se Tinho desfizesse seu contrato com o Diabo e Lhe promettesse sua alma. O próprio Tinho teve que contratar um advogado para assessorá-lo nas negociações.

Resultado: Tinho está treinando no Chelsea, onde ainda não realizou todo o seu potencial, porque o Diabo não se conforma em ter apenas 35%, já que Deus ficou com 35, o empresário com 30 e o clube com direito a uma participação em qualquer venda futura do jogador. Quanto à questão da alma do Tinho, ficou para mais tarde, quando, espera-se, já existirá uma norma da Fifa a respeito.

VERISSIMO, Luís Fernando. **Outras do analista de Bagé**. 22 ed. Porto Alegre: L&PM, 1982.

ANEXO B MUSICAS UTILIZADAS NAS OFICINAS COM ALUNOS DO 9º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Metamorfose ambulante

Raul Seixas

Ah ah ah ah

Ah ah ah ah

Ah ah ah ah

Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator

É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator

Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha, velha, velha, velha opinião formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha, velha opinião formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha, velha, velha opinião formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Compositores: Raul Santos Seixas

Medo de avião

Belchior

Foi por medo de avião
 Que eu segurei pela primeira vez a tua mão
 Um gole de conhaque, aquele toque em teu cetim
 Que coisa adolescente, James Dean
 Foi por medo de avião
 Que eu segurei pela primeira vez a tua mão
 Não fico mais nervoso, você já não grita
 E a aeromoça, sexy, fica mais bonita
 Foi por medo de avião
 Que eu segurei pela primeira vez a tua mão
 Agora ficou fácil, todo mundo compreende
 Aquele toque Beatle
 "I wanna hold your hand"
 Agora ficou fácil, todo mundo compreende
 Aquele toque Beatle
 "I wanna hold your hand"
 Aquele toque Beatle
 "I wanna hold your hand"
 Yeah, yeah, yeah
 Yeah, yeah, yeah
 Yeah, yeah, yeah

Compositores: Antonio Carlos Belchior / Gilberto Passos Gil Moreira

Uma partida de futebol

Skank

Bola na trave não altera o placar
 Bola na área sem ninguém pra cabecear
 Bola na rede pra fazer o gol
 Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?
 A bandeira no estádio é um estandarte
 A flâmula pendurada na parede do quarto
 O distintivo na camisa do uniforme
 Que coisa linda é uma partida

Posso morrer pelo meu time
Se ele perder, que dor, imenso crime
Posso chorar se ele não ganhar
Mas se ele ganha não adianta
Não há garganta que não pare de berrar
A chuteira veste o pé descalço
O tapete da realeza é verde
Olhando para bola eu vejo o sol
Está rolando agora, é uma partida de futebol
O meio-campo é lugar dos craques
Que vão levando o time todo pro ataque
O centroavante, o mais importante
Que emocionante, é uma partida de
O meu goleiro é um homem de elástico
Os dois zagueiros tem a chave do cadeado
Os laterais fecham a defesa
Mas que beleza é uma partida de futebol
Bola na trave não altera o placar
Bola na área sem ninguém pra cabecear
Bola na rede pra fazer o gol
Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?
O meio-campo é lugar dos craques
Que vão levando o time todo pro ataque
O centroavante, o mais importante
Que emocionante é uma partida de futebol

Compositores: Jose Fernando Gomes Dos Reis / Samuel Rosa De Alvarenga